REVISTA DA SEMANA

N.º 24 ★ 16-6-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:

LAUREANO - O QUE NAO MORREU



ÚLTIMA REPORTAGEM

CENA COMOVENTE. Quando o Dr. Laureano exalou o último suspiro a sua dedicada espôsa, D. Marcina, caiu sôbre o ombro do espôso que expirava e chorou copiosamente. Também a cunhada do médico-mártir, D. Márcia, e outros membros da família choraram ao ver o bon doso médico deixar êste mundo de lágrimas. A foto foi colhida no momento do desenlace por um colega, pois, como afirmamos no texto, não temos coração para fazer tais flagrantes.

LAUREANO --- O QUE NÃO MORREU

"REVISTA DA SEMANA" ACOMPANHOU TÔDA A TRAJETÓRIA DA CAMPANHA DO MÉDICO-MISSIONÁRIO ★ RECORDANDO A SUA CHEGADA AO RIO, O LEGADO QUE DEIXOU E A DEDICAÇÃO DE D. MARCINA, A ESPÔSA-MODÊLO.

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

ESTA é a última reportagem que fizemos com o dr. Napoleão Rodrigues Laureano. A primeira foi a 16 de março, há dois meses e meio, portanto, quando o médico-missionário chegou ao Rio para fazer a sua benemérita campanha em prol dos cancerosos do Brasil.

A ciência já o havia desenganado. Sabia que ia morrer dentro em pouco. Mas afirmou ao desembarcar no aeroporto Santos Dumont, frente à multidão que o esperava: "Não me sinto cansado. Minhas fôrças se levantam diante dessa grande manifestação de solidariedade às vítimas do câncer, que se vêm observando em todo o país e que galvaniza o povo da **Capital da República.** Tenho tido notícias da extraordinária repercussão que imediatamente alcançou o movimento por mim iniciado. Esta recepção confirma a impressão que já trazia do norte. Recebo-a como uma prova emocionante do carinho do povo pela causa dos cancerosos. Tranqüiliza-me a certeza de que *os meus últimos dias serão úteis para conseguir os meios de salvar muitas vidas. Vivêsse eu uma eternidade, não me sentiria tão feliz como ante essa manifestação de bondade a que se associam o povo, o govêrno e a imprensa*".

Estas foram as suas primeiras palavras ao chegar ao Rio. Muitas outras foram ditas depois. E à proporção que a campanha ia tomando impulso íamos fazendo outras reportagens. Estivemos no apartamento do Flamengo, por várias vêzes onde primeiro ficou hospedado; na Mesa-Redonda do *Diário Carioca*, onde o problema do câncer foi debatido por cientistas; na bênção que o Padre Antônio lhe concedeu; e por fim em Petrópolis na entrevista com o Presidente Getúlio Vargas.

Tornamo-nos tão familiares e tão identificados que, certa vez, no Estádio Municipal do Maracanã, onde Laureano fôra assistir a uma partida de futebol, êle perguntou a um coléga que o entrevistava: — "O repórter da *Revista da Semana* não veio?... E' de admirar..: êle nunca falta..."

O colega disse-nos, depois, que sorriu e respondeu: — "Naturalmente êle não soube que o sr. vinha aqui hoje".

Assim, em contacto quase diário estivemos com o dr. Laureano. Nunca se negou a responder a qualquer pergunta ou a deixar-se fotografar. E sempre com um sorriso nos lábios. Também jamais teve uma palavra de desespêro. Esperou a morte tranqüilamente, como quem espera um bem, uma graça. Daí, hoje, a tendência do povo em afirmar que êle é um bem-aventurado, um santo. A sua existência foi curta, mas sua missão foi nobre. Morreu tranqüilo porque deixou pràticamente realizados os seus desejos. A sua campanha em prol dos cancerosos, cedo tomou fundo e forma, perfazendo atualmente cêrca de seis milhões de cruzeiros já arrecadados. Dentro de poucos dias será lançada a pedra fundamental do hospital da Paraíba — sua terra natal. No Congresso Nacio-



NAS VÁRIAS reportagens que fizemos com o Dr. Laureano e sua família tivemos ocasião de fixar muitos flagrantes, onde se destaca êste: espôsa e filha do médico-mártir.



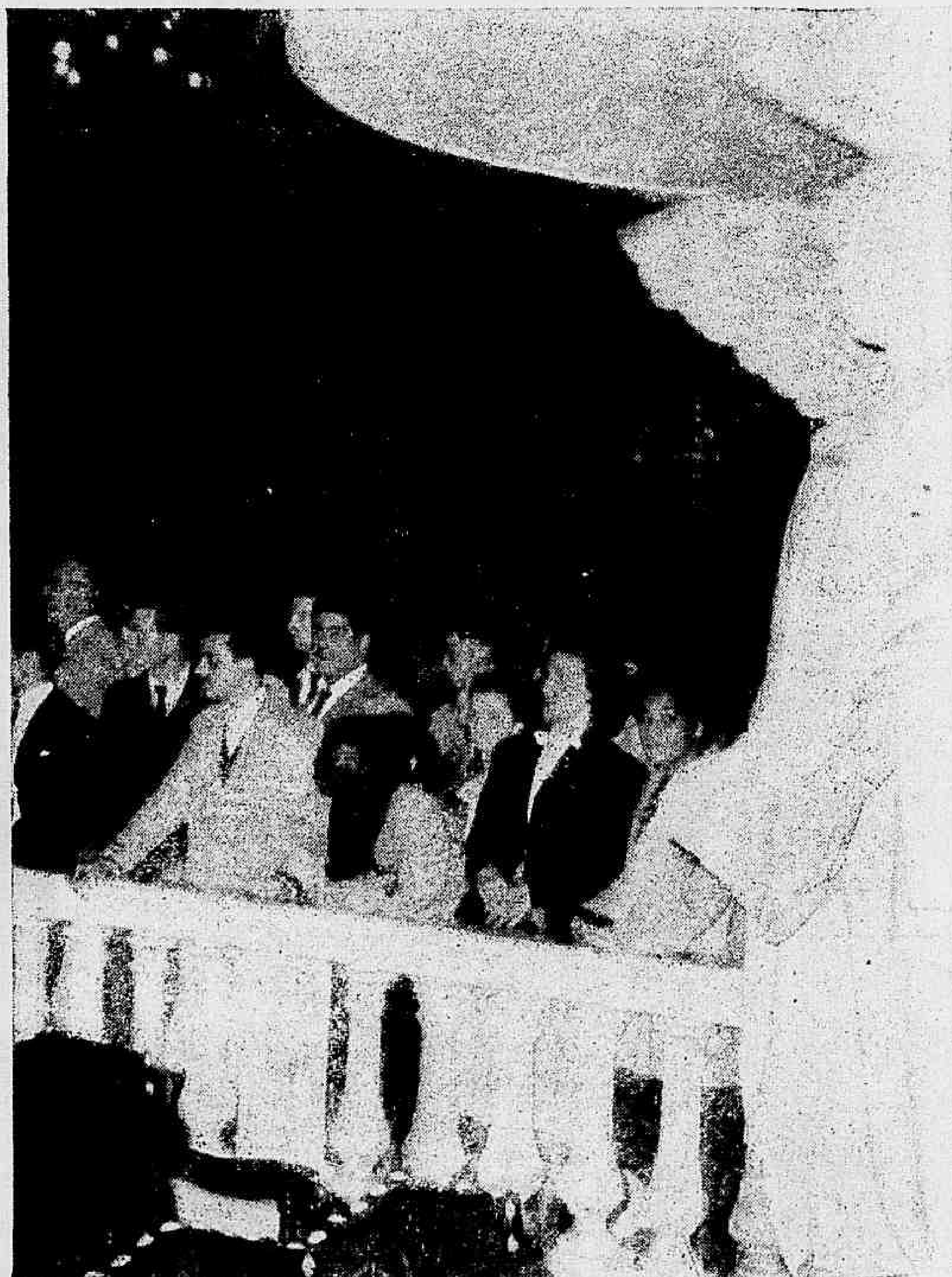
OS RESTOS mortais do médico-missionário foram expostos à visitação pública na Igreja da Candelária. Enormes filas se formaram ao redor daquele templo. Todos queriam ver o corpo do homem tido por muitos como santo.



DIA E NOITE, ininterruptamente, o corpo foi visitado pelo povo. Êste flagrante dá bem uma idéia da curiosidade popular. Uma senhora suspende o seu filhinho para que êle também veja o féretro do médico paraibano.



PESSOAS vestidas de crepe, conduzindo flores roxas, iam desfilando, orando e depositando as flores no esquife. Por vêzes, um chôro convulsivo chamava a atenção dos demais. E' que ao ver o rosto do médico muitos se enterneciam.



O GRANDE TEMPLO foi pequeno para comportar todo o povo que acorreu em visitação aos restos mortais do Dr. Napoleão Laureano. Enquanto uns desfilavam numa procissão silenciosa, outros aguardavam a vez.



ESTA SENHORA se deteve um pouco. Queria ver calmamente a fisionomia do grande mártir. Todavia não pôde se demorar mais que um minuto, pois milhares de outras pessoas tinham o mesmo desejo.



ENQUANTO o povo desfilava frente ao esquife a família do médico recebia, ao lado, os pêsames. De costas, o Dr. Mário Kroeff, D. Teófila, mãe do Dr. Laureano, a espôsa vestida de crepe e outros membros da família.



CENTENAS de pessoas deixaram de trabalhar para poder ver os restos mortais do Dr. Napoleão Laureano. Duas filas: uma à esquerda e outra à direita. Não houve tumulto. Os guardas solicitados não tiveram trabalho.



EM ATITUDE visìvelmente sentida a senhorita que aparece em cima olha através do vidro do caixão mortuário o rosto do Dr. Laureano. É como um presságio, o semblante da jovem aparece no esquife.

D. TEÓFILA recebe os pêsames de uma senhora amiga. Ao seu lado está a viúva, D. Marcina, que foi também muito cumprimentada. Todos queriam, com palavras de confôrto, amenizar as dores de ambas.





FLAGRANTE obtido no dia 6 de março, no aeroporto Santos Dumont, quando o médico-missionário chegou ao Rio de Janeiro para fazer a sua benemérita campanha em prol da assistência aos cancerosos no Brasil.



CHEGOU amparado ao braço de sua espôsa. Ela estava resoluta, porém serena, pois ainda havia esperança de cura. Podia surgir um milagre. Mas, debalde, tudo falhou. Depois de dois meses e meio regressou levando-o num esquife.



nal há um ante-projeto de lei do deputado Jandui Carneiro, já com parecer favorável da Comissão de Justiça, que cede ao Ministério da Educação e Saúde cem milhões de cruzeiros para combate ao câncer em todo o país. Cientistas de renome, como o dr. Durovic, descobridor do *Krebiozen*, estão sendo convidados a vir ao Brasil para fazer conferências e debater o problema do câncer. Enfim, o mundo científico foi despertado e convocado a lutar contra o terrível mal.

★

Passam os homens... ficam as ações... foi o título da nossa primeira reportagem. O dr. Laureano morreu, passou, mas as suas ações ficaram como um legado eterno da sua curta, porém, nobre vida.

O desenlace ocorreu no último dia do mês de maio, dia 31, às 8.30 da noite, no Hospital Grafée Guinle, onde, últimamente, o médico-mártir achava-se internado. No dia seguinte 1.º de junho, foi o corpo, já embalsamado, exposto à visitação pública na Igreja da Candelária. Enormes filas se formaram ao redor daquele templo. Todos queriam ver os restos mortais do médico-missionário. Às 6,30 da manhã do dia 3 o féretro foi transportado para o aeroporto Santos Dumont, de onde às 9 horas, em avião da F. A. B., seguiu para o Estado da Paraíba. Cumpria, assim, o Govêrno o último desejo do dr. Laureano que era o de ser sepultado em sua terra natal.

Ao embarque compareceram o Ministro da Educação, sr. Simões Filho, como representante do Presidente da República; o major Caio Miranda, diretor da Agência Nacional; o senador Ruy Carneiro; dr. Mário Kroeff, diretor do Serviço Nacional do Câncer; deputado Jandui Carneiro; amigos e pessoas da relação do extinto; cinegrafistas e jornalistas. Entre os últimos estávamos nós, porém a contra-gôsto, pois se não fôsse o dever de informar, preferíamos não ter feito esta reportagem. Deixamos de fazer, propositadamente, muitos flagrantes que outros, certamente, não teriam perdido a oportunidade. E' de fixar, que não temos coração para sensacionalismo a custa dos desespêro alheio. Enquanto se fazia pequeno reparo no avião que transportaria o féretro do dr. Laureano e os membros de sua família, ali estavam d. Marcina, a espôsa-modêlo e d. Teófila, mãe do infortunado médico. Vimos como aquela chegou juntamente com o seu marido em a noite de 16 de março. Estava resoluta, porém, serena e confi-



QUANDO regressou dos Estados Unidos, desenganado, o Dr. Napoleão Laureano encontrou o seu pai doente. Imediatamente foi ao hospital visitá-lo. Na foto aparece ainda de óculos, D. Teófila. Em cima, um flagrante do desembarque no Rio de Janeiro.



O CÂNCER é uma doença intermitente, afirmam os cientistas. Durante a sua enfermidade o **Dr. Laureano** ora sentia-se disposto, ora caía em dolorosas crises. Êste flagrante foi feito no apartamento do **Flamengo. Êle** e a espôsa num sorriso franco.



D. MARCINA deu soberbos exemplos de dedicação e carinho. Acompanhou o seu espôso nas alegrias e nas dores. Não o deixou um só momento. O Dr. Laureano dizia: «Marcina, você é um anjo que Deus colocou no meu caminho».

ante... Ainda havia esperança. Poderia surgir um milagre. Mas... debalde, tudo falhou. Chegou amparando o espôso pelo braço, agora regressava levando-o num esquife. A realidade é muito dura. D. Marcina deu soberbos exemplos de dedicação e carinho... Foi, realmente, uma digna espôsa e uma boa companheira para o dr. Laureano. Êle mesmo não se cansava de repetir: — "Marcina, você é um anjo que Deus colocou no meu caminho... Vá descançar, meu bem, pode ir que eu estou melhor..." Dizia assim para que a espôsa fôsse repousar. Ela não acreditava. E permanecia ao pé do leito. Perdeu peso; abateu-se também. Compartilhou do sofrimento do seu espôso querido até o último instante. E mais do que isso: acompanhou-o até à sepultura e prosseguirá pela vida tôda rezando por êle.

No aeroporto, apanhou de uma a uma tôdas as fitas das coroas que foram enviadas como última homenagem ao seu marido. Releu-as tôdas. "Ao dr. Laureano — homenagem do Presidente da República". Outra dizia: "Homenagem do Instituto de Educação". E finalmente deteve-se ao reler a que havia mandado fazer em seu nome e de sua filhinha: *"Napoleao, você não foi sòmente um bom médico, espôso dedicado e pai extremoso, foi acima de tudo um verdadeiro cristão"*. As lágrimas correram-lhe pela face. Os fotógrafos aproveitaram... Não fizemos êstes flagrantes. Ficamos apenas contemplando num preito mudo aquelas lágrimas sinceras, doridas, do coração de uma espôsa dedicada e de mãe carinhosa.

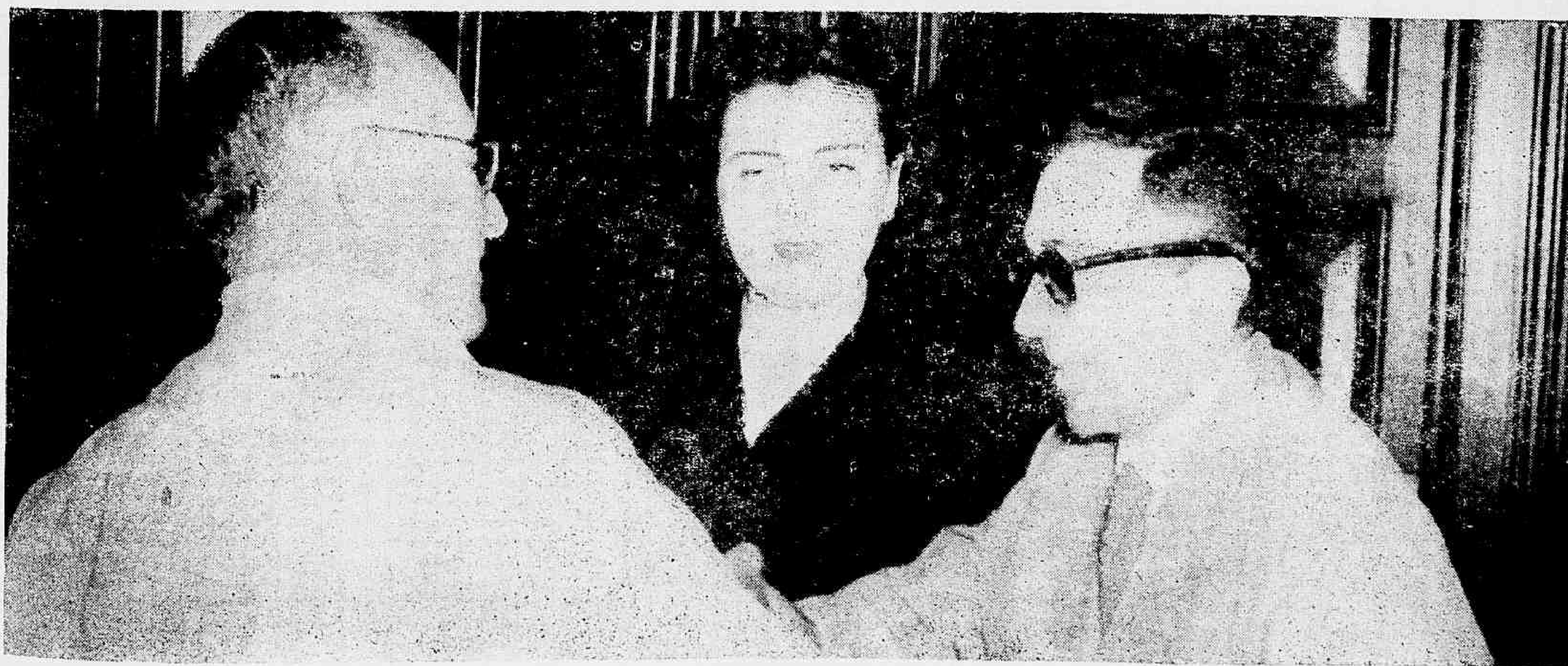
DADOS BIOGRÁFICOS

O dr. Napoleão Rodrigues Laureano nasceu no Município de Umbuzeiro, Estado da Paraíba, a 22 de agôsto de 1915. E' filho de Floriano Rodrigues Laureano e de Teófila Rodrigues Laureano. Fêz o curso primário em João Pessoa. Com a idade de 11 anos, foi para Recife, onde completou seu curso secundário no *Ginásio do Recife*, sob a direção do Padre Félix Barreto. Ingressou, após dois anos de interrupção dos estudos, na Faculdade de Medicina de Recife, em 1938, havendo completado o curso superior em 1945, quando foi para João Pessoa, onde iniciou sua clínica. A partir dessa época, embora fazendo clínica geral e cirúrgica, dedicou-se de maneira especial aos estudos de cancerologia e respectivo tratamento.

Ocupou os cargos de anatomopatologista do Serviço de Verificação de Óbitos de João Pessoa, de cirurgião do Serviço de Pronto Socorro da mesma Capital, chefe de Serviço Médico das Usinas São João e Santa Helena, de João Pessoa, nas quais exercia, cumulativamente, o cargo de cirurgião daqueles serviços; foi médico do Hospital Santa Isabel. Cirurgião do Hospital São Cristóvão e médico do Serviço de Assistência e Proteção à Infância da Capital paraibana. Em 1946, foi eleito vereador à Câmara Municipal, com seguidas eleições. Servia sem remuneração a várias instituições de caridade, oficiais e particulares, inclusive aos

(Cont. na pág. 48)





DURANTE a sua memorável campanha teve ocasião de se avistar com o Presidente Vargas, que o amparou juntamente com a sua família. Em cima, momentos antes de tomar o Krebiozen.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 24 ★ 16-6-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

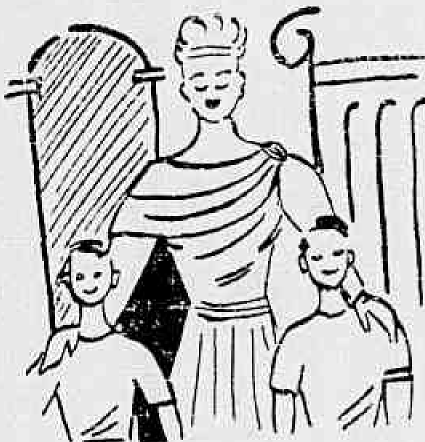
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1613; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

ANA SOLON DE ASSIS



Uma das facêtas mais belas da história da Roma antiga, é aquela em que lemos o episódio de Cornélia, a mãe dos Gracos. Dama da mais alta estirpe, era dotada de virtudes peregrinas e de beleza fascinante. Certa vez, sendo visitada por outras senhoras da alta roda, vieram à baila as jóias caras que usavam então. As visitantes mostraram a Cornélia os aderêços mais fulgurantes, e, depois, pediram à mãe dos Gracos: «Mostre-nos agora, querida Cornélia, as suas jóias». A senhora romana as atendeu e foi ao interior da casa, trazendo pelo braço os seus filhos. Apresentou-os às matronas vaidosas, dizendo com um sorriso afetuoso: «Eis aqui as minhas jóias». O episódio foi registrado pelos cronistas e atravessou os séculos, traduzido em tôdas as línguas civilizadas. Há no Brasil vários casos de mães devotadas aos filhos, pelos quais lutam e se sacrificam estòicamente. Um dêsses exemplos foi dessa figura tão conhecida e recentemente falecida no Rio de Janeiro: Ana Solon de Assis, filha do general Frederico Solon, cujo nome passou à História do Brasil, no episódio da queda do segundo reinado. Da. Ana, que, na intimidade da família era conhecida por Saninha, viúva de Euclides da Cunha, casou em segundas núpcias. Afastada, depois, do segundo marido, por motivos que não há interêsse em apreciar aqui, já era ela mãe de cinco filhos do novo matrimônio. Não se entibiou com os revezes da vida, e, enfrentando o destino com aquela coragem moral da mãe dos Gracos, vencendo os maiores obstáculos, contando apenas com a sua disposição, estóica contra tudo, criou as crianças, educou-as dentro dos preceitos das virtudes cristãs, tendo tido a felicidade de ver, em sua velhice, as filhas dignamente casadas e adorando-a como a grande fautora de suas felicidades. Da. Ana Solon de Asis, que trouxera no seu destino o signo da tragédia e do sofrimento, morreu em fins de maio último, deixando no seio da família desolada um dos maiores exemplos de dedicação materna diante das contrariedades da vida: — o exemplo da virtude, da coragem de trabalhar para nutrir e educar os filhos pequeninos e encaminhá-los na vida, a maior glória de uma mãe, no Brasil ou em qualquer parte do mundo.

★

E A LAMA VOLTOU



Há uns dois meses, mais ou menos, caiu sôbre esta cidade vigoroso e demorado temporal. Como não podia deixar de acontecer, as ruas encheram, as águas invadiram as casas e muitas lojas tiveram grandes prejuizos em virtude das avarias em mercadorias mais ao nivel extraordinário da enxurrada. Depois que o dilúvio se foi, a Prefeitura mandou funcionários da Limpeza Urbana tratar de remover o lixo e a lama que estavam dando a muitas ruas, praças e avenidas da formosa capital, aspectos de Estrada de Mata Cavalos, como nos velhos e saudosos tempos de El-Rey D. João Sexto, que Deus guarde. Mas também sucedeu uma cousa que, até hoje, o povo não está compreendendo bem. Os trabalhadores da L.U. (Limpeza Urbana) abriram os ralos e demais instalações de esgôto e retiraram todo o lamaçal que estava ali por dentro a obstruir os canais competentes. Os engenheiros da Prefeitura sempre acharam que as enchentes do Rio são devidas ao entupimento dos esgotos. Em verdade, quando chove e as ruas se convertem em lindos lagos venezianos, a lama, os detritos, fôlhas, troncos de árvores, galinhas mortas, trapos deixados nas calçadas por algum mendigo mais arremediado, etc., etc., produzem a mais impenetrável muralha contra o escoamento das águas de chuva a que os eruditos dão o nome de pluviais, resultando dessa salada a costumeira calaminade urbana contra o carioca. Da última vez, os trabalhadores da Limpeza Urbana retiraram tanta cousa do esgôto que, sôbre os passeios se ergueram montanhas de lama e lixo. Mas, contra a espectativa dos otimistas, não apareceu ninguém para levar a destino lógico aquela sujeira. O sol secou, o vento espalhou, mas a sujeira ficou. Agora, a 30 de maio, novo temporal. Resultado: a lama, o lixo, a sujeira retirada dos ralos e esgotos há dois meses passados, voltaram direitinho para os mesmos lugares, como na frase dos cemitérios: «Revertere ad locuum tuum»...

★

O APÊLO DE UM BISPO



Publicou o «Jornal do Comércio» desta cidade, em sua edição de 30 de maio dêste ano, patético apêlo do Bispo Prelado de Bom Jesús de Gurgueia, Estado do Piauí, ao povo carioca. Que pede D. Inocêncio Lopes Santamaria? Socorro aos seus fiéis de imensa região atualmente martirizada pela terrível sêca dêste ano. Tem a Prelazia uma área de mais de cem mil quilômetros quadrados, maior do que muitos dos Estados do Brasil, e encravada numa zona sujeita às estiagens cíclicas de nossa terra. O Bispo, homem afeito às intempéries inerentes à missão evangelizadora que abraçou, está habituado a fazer longas caminhadas pelas estradas desertas dos sertões do Piauí, na obra civilizadora da catequese. Vêzes, sem conta, acampou em plena selva com os demais membros de suas missões evangélicas. Tudo o que pode reunir em favor daquela gente, êle o faz. Instala escolas, monta ginásios, ajuda a abertura de estradas, melhora o que pode ser melhorado, sempre com muita fé e desejos de ser útil à pátria e ao seu povo. Mas, sucede, que, tôdas as subvenções de que pode lançar mão, não chegam, em média mensal, a mil cruzeiros. Mil cruzeiros por mês, doze contos de réis por ano para atender às necessidades imediatas e urgentes de uma Prelazia que exige do sacerdote sacrifícios como o de andar mais de seiscentos quilômetros a pé, em lombo de burro, seja como for, a fim de levar o confôrto moral e o auxílio material a tôda aquela gente! Por êsse motivo, D. Inocêncio se dirige agora ao povo do Rio de Janeiro e do sul do país, pedindo auxílio para os seus jurisdicionados do sul do Piauí, sob as torturas da maior calamidade destas últimas décadas. Os donativos em dinheiro podem ser encaminhados para a conta da Prelazia de Bom Jesus de Gurgueia, no Banco de Crédito Real de Minas Gerais, e gêneros, medicamentos, roupas, etc., para a rua Evaristo da Veiga, 16, 17º andar, no Rio, de onde serão transportados para os necessitados do sul daquele Estado. Ajudemos um apóstolo do bem.

★

JUSTIÇA INDIGENTE



Somos um povo heróico, mesmo sem guerra. Heroismo anônimo, calado, resignadamente cumprido. Mas heroismo. Vejam os leitores o que acaba de afirmar uma comissão de magistrados que foi examinar, em correição, o que se passa em certos cartórios desta bela e famosa cidade da Guanabara. O edifício em que está instalado o cartório do Meier é velho, e, apesar de ter recebido alguns reparos há tempos, o seu teto denuncia infiltração de águas quando há chuvas mais fortes. O soalho já está na última lona e de pintura interna só restam as saudades. Não possui casa forte para a salvaguarda dos documentos de tôda aquela circunscrição, com uma população densa, e, segundo o último recenseamento, é a de maior de habitantes do Distrito Federal e onde mais nasce menino. Registrando o estado de dolorosa precariedade da sede da 10a. Circunscrição, os três membros da comissão correcional acha que, «se houver um incêndio na sucursal, talvez só restem depois as paredes da fachada, sendo tudo mais consumido pelo fogo». Quanto ao serviço funcional, é perfeito, tudo em absoluta ordem: arquivos e o trabalho em dia, tudo limpo, heròicamente realizado. Continuando na peregrinação os membros da comissão visitaram o cartório da 9a. Circunscrição. Que acharam ali? Uma instalação precaríssima, espremida num corredor ao fundo do edifício do pretório, com as janelas permanentemente fechadas por causa da poeira que invade o cartório se ficarem abertas. Os funcionários trabalham, em dias de calor, sem ar, sem luz natural, metidos numa garganta que mais parece esconderijo de selvagens, do que local para gente civilizada trabalhar. Agora, leitor, perguntamos: não são heróicos os servidores da Justiça da Capital Federal? Que nome pode merecer uma pessoa que se mete o dia inteiro num cubículo sem ar, sem luz, a sofrer alta temperatura no verão ou nos dias quentes, a escrever em livros, em fichas, em papéis, atendendo ao público, mediante salários exíguos, contanto que os trabalhos da Justiça não fiquem atrasados? Mártir ou herói. E é uma dessas cousas o que é o funcionário de muitos Cartórios do Rio. Ou ambas...

A PERSONAGEM DA SEMANA

OS meios políticos do Distrito Federal têm estado em constante agitação desde o momento em que o vereador, sr. Acióli Lins, do PTB, se viu envolvido num caso de subôrno passivo, promovido por um advogado do foro local. O assunto, que irrompeu nos arraiais políticos do Rio com tôdas as características de grande escândalo, já chegou à sua fase de maior evidência, com a suspensão do vereador acusado, pela Câmara Municipal, tendo mesmo sido convocado o seu respectivo suplente. O nome do Sr. Acióli Lins surgiu, de momento, ocupando tôdas as atenções, tanto dos políticos como do povo, esperando-se, porém, a decisão final dentro de alguns dias, uma vez que o fato escabroso já foi entregue à alçada da justiça comum, de onde virá a palavra definitiva. A Câmara de Vereadores, antes de agir, deu-lhe tôdas as oportunidades para defender-se. Mas, pelo que parece, os seus colegas e correligionários não se convenceram com a auto-defesa produzida e votaram pela suspensão do seu mandato, até que tudo se esclareça com o inquérito policial já instaurado. Em resumo, o fato se processara da seguinte maneira: o advogado Joaquim Montebelo, que pleiteava do govêrno municipal o pagamento de cêrca de 130 milhões de cruzeiros a funcionários da Prefeitura teria entrado em entendimentos com o Sr. Acióli Lins para que o mesmo, na qualidade de relator da Comissão de Finanças da Casa, desse parecer favorável ao crédito e respectivo pagamento. Para isso, combinaram uma compensação de 500 mil cruzeiros. Tôdas as confabulações feitas pelo telefone, foram gravadas pelo Dr. Montebelo, estourando depois com grave imputação ao vereador. Em sua defesa, alega o Sr. Acióli Lins que os 500 contos de réis seriam destinados à instalação de um jornal do qual seria sócio o advogado, não havendo, pois, nenhum crime em aceitar a retribuição, uma vez que o advogado receberia mais de sete milhões de honorários. O acusado confessou serem dêle as conversas gravadas, embora afirme que houve **montagem** de má fé, para comprometê-lo. Há um ponto, que, aprofundadas as investigações, seria interessante apurar bem: quem propôs o negócio? O vereador ou o advogado? Isto, aliás, atenuaria pouquíssimo a gravidade da situação em que se encontra o edil carioca, que, de qualquer modo, foi a personagem da semana.



Sr. Acióli Lins

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL A RAÇA DA OCEANIA QUE JA DESAPARECEU:

A tasmânia?
A pápua?
A indonésia?

2 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA CABALA:

Religião?
Tradição?
Revelação?

3 — ONDE FICA, NO CRANIO, O OSSO DENOMINADO OCIPITAL:

Na parte posterior?
Na lateral?
Na testa?

4 — QUAL O ELEMENTO QUE DA AO OCRE A CÔR AMARELA:

Minúsculos animais mortos?
A presença de argila hidratada?
Percentagem sensível de óxido de ferro?

5 — QUE QUER DIZER CORPO OCTOGONAL:

Que tem oito ângulos?
Que apresenta oito gomos?
Que tem oito anos de vida?

6 — QUE VEM A SER ODALISCA:

Poetisa árabe?
Escravas da câmara real no Oriente?
Bailarina do Egito?

7 — QUEM FUNDOU A FAMOSA CIDADE RUSSA DE ODESSA:

O duque de Richelieu?
O general Langeron?
Catarina II?

8 — QUE NOME SE DÁ AO RELÓGIO QUE SERVE PARA MARCAR A DISTANCIA QUE UMA PESSOA PERCORRE:

Sismógrafo?
Odômetro?
Barômetro?

9 — QUAL O NOME CIENTIFICO DA DÔR DE DENTES:

Hemiálgia?
Gastrálgia?
Odontálgia?

10 — QUE QUER DIZER ODONTOSE:

Extração dos dentes?
Nome científico de dentição?
Ciência que trata das cáries?

11 — DE QUE TRATA A ODISSEIA:

Do fastígio dos Deuses?
Das aventuras de Ulisses?
Do rapto de Helena?

12 — ANTES DE TER TERESINA POR SUA CAPITAL, QUAL ERA A CAPITAL DO PIAUÍ:

Oeiras?
Floriano?
Parnaíba?

13 — COMO SE CHAMOU O MAESTRO ALEMAO QUE PÔS MÚSICA A ALGUMAS FABULAS DE LA FONTAINE:

Liszt?
Offenbach?
Beethoven?

14 — O TERRITÓRIO DO ATUAL ESTADO DE OHIO, NOS ESTADOS UNIDOS ANTES DE PERTENCER À INGLATERRA, A QUE NAÇÃO PERTENCIA:

À França?
À Espanha?
À Holanda?

15 — A OITICICA É:

Uma árvore?
Uma palmeira?
Um arbusto?

16 — QUE SIGNIFICA JANUARIO:

Janeiro?
Filho de Juno?
Janízaro?

17 — QUE NOME SE DA AO ALCOOL IMPRESTAVEL PARA BEBIDA:

Etílico?
Anidro?
Desnaturado?

18 — EM QUE ANO FOI LANÇADA A PRIMEIRA PEDRA PARA A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DA CANDELARIA, DO RIO:

1775?
1808?
1600?

19 — QUAL E' O ANTIGO NOME DO IRÃ:

Iraque?
Pérsia?
Tebaida?

20 — QUE SIGNIFICAVA, NA SUA ORIGEM, O VERBO CONSIDERAR:

Queimar lentamente?
Ficar-se sentado por muito tempo?
Olhar atentamente o céu, à noite?

(Respostas na pág. 41)



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

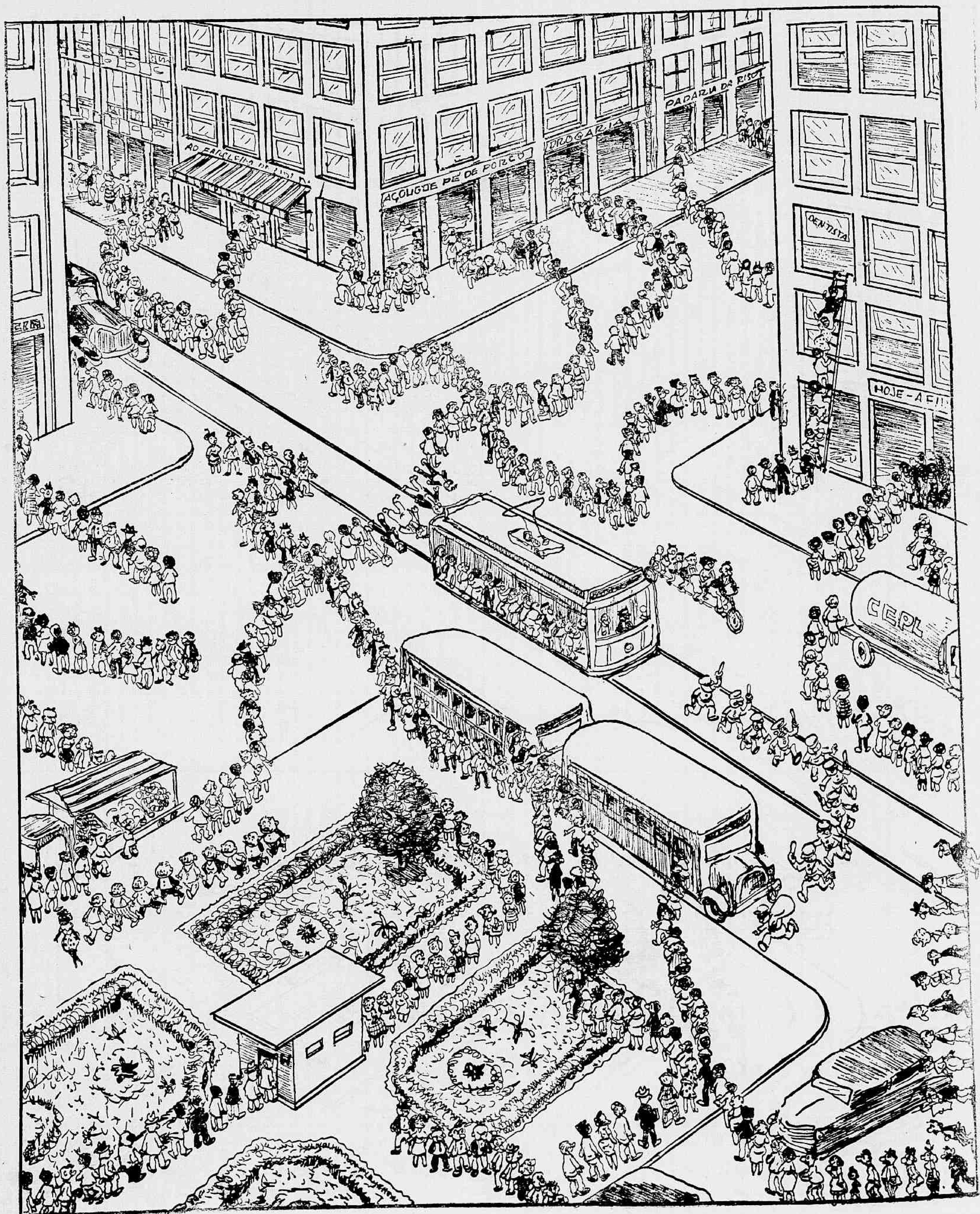
5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

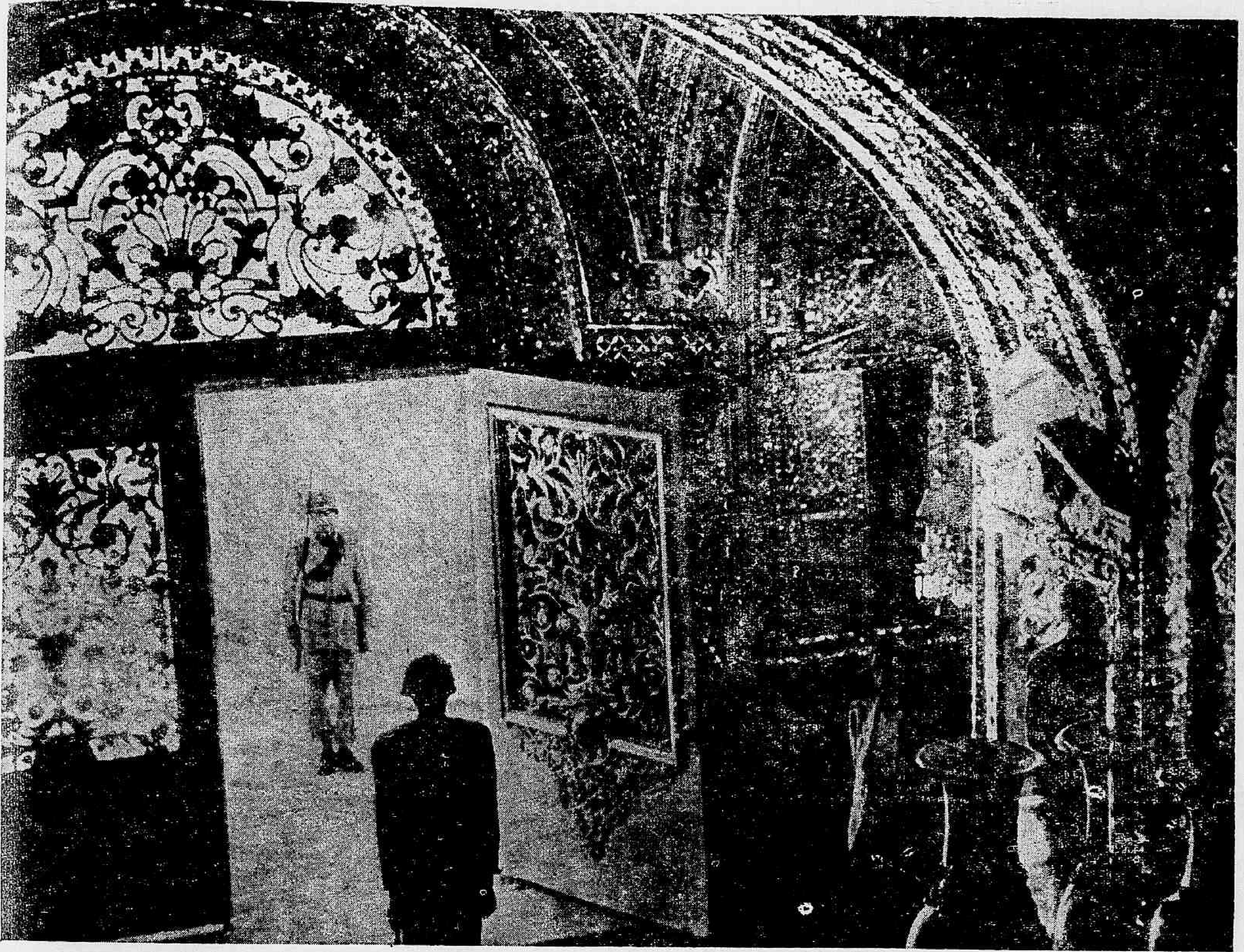
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

Cidade Maravilhosa
1.) VIVER EM FILA...





O VESTÍBULO do suntuosíssimo Palácio do Gulistan, na velha Pérsia legendária, que hoje se chama Irã. Êste Palácio foi ocupado pelos descendentes da dinastia Kadjar e é recoberto de ouro, pedras preciosas e cristais. Foi construido segundo os cânones da arquitetu ra oriental. A nova residência oficial do Xá, entretanto, apresenta influência ocidental.

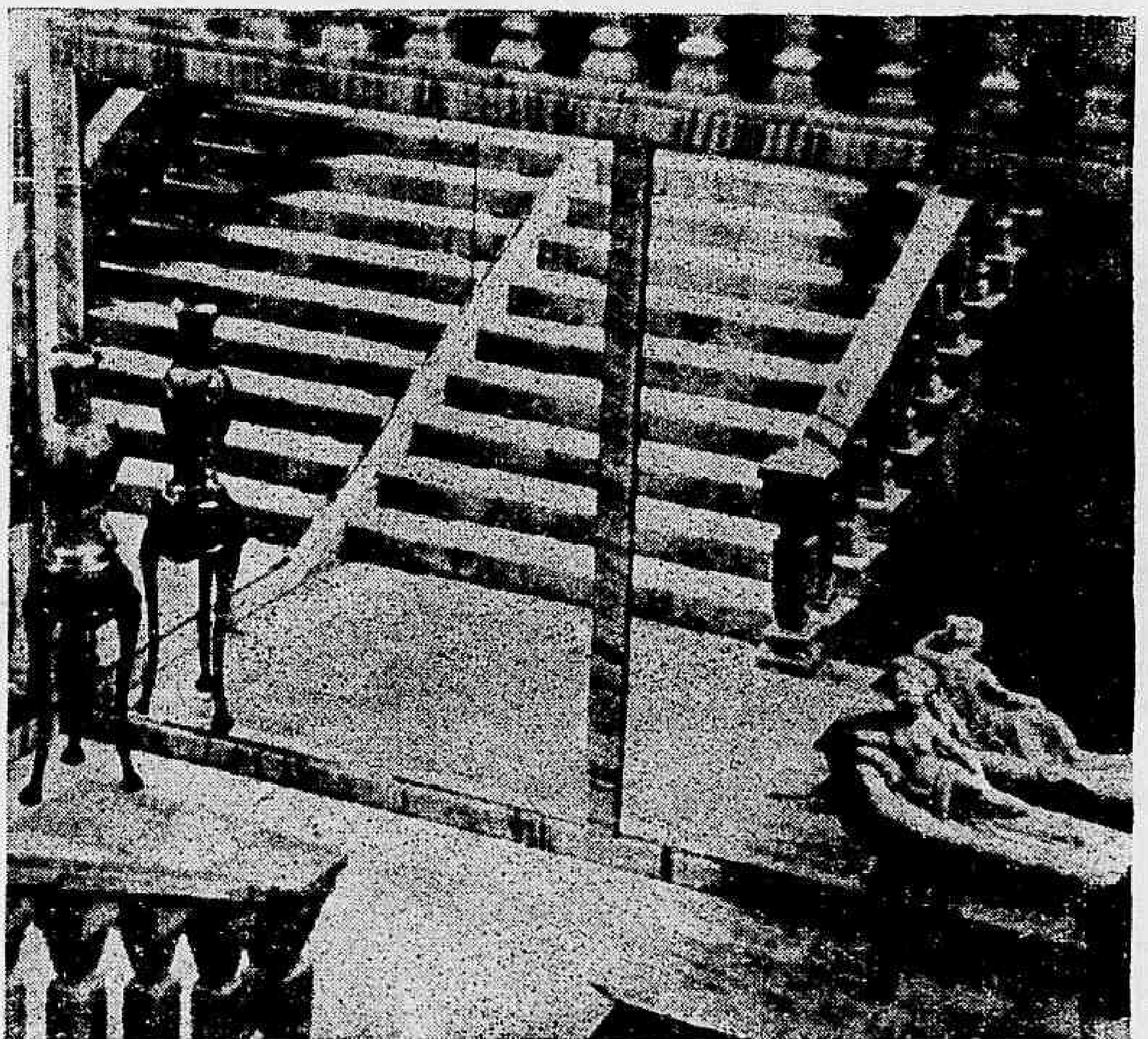
OS MARAVILHOSOS PALÁCIOS DO IRÃ

MÁRMORES, CRISTAIS, RUBIS E ESMERALDAS ★ AS RIQUEZAS DA VELHA PÉRCIA E SUA POSIÇÃO PERANTE O MUNDO ATUAL

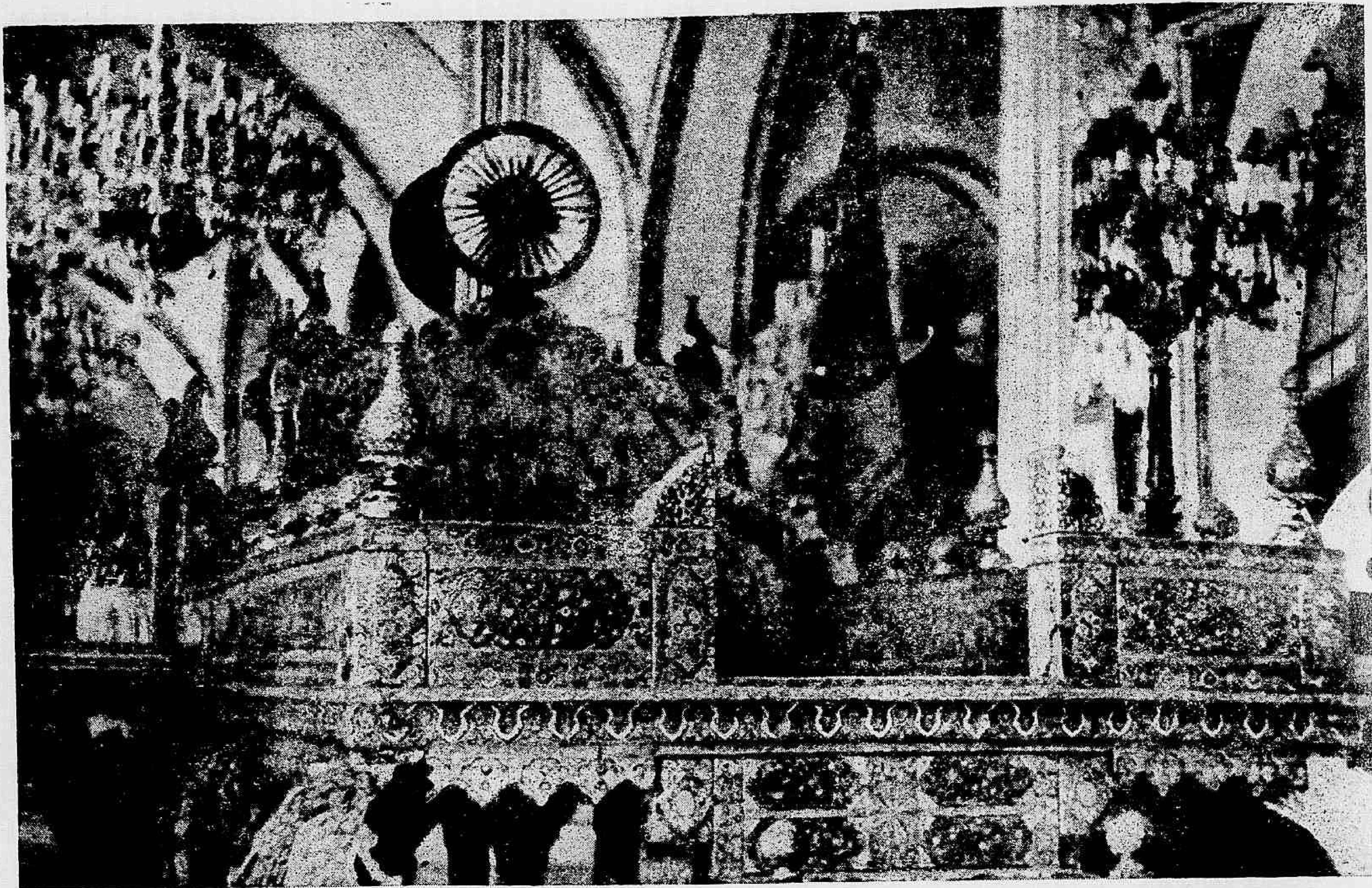
A disputa do petróleo do Irã entre aquêle Estado e a «Anglo-Iranian», prestigiada pelo govêrno inglês, trouxe a antiga Pérsia à maior evidência em todo o mundo. Deixando de lado a questão política, mostremos ao leitor alguns aspectos dos Palácios do Xá, Mohamed Reza Pahlevi: um, o «Gulistan», situado na capital do país, Teerã; o outro, a cêrca de trinta quilômetros da cidade, nas faldas do monte Albruz. Ambos êsses suntuosos palácios são dotados de riquezas e ornamentações de valor incalculável. O de Teerã, embora conserve as características, já contém inovações de sabor ocidental.

O território do Irã mede cêrca de um milhão e setecentos mil quilômetros quadrados, com uma população de uns 16 milhões de habitantes. Na direção dêsse povo de famosas tradições e de origens quase mitológicas, está o Xá, com sua espôsa Soraya Isfandiari, com a qual se uniu a 12 de fevereiro último. O casal passa o tempo entre os dois maravilhosos palácios e o Xá divide seus lazeres entre os assuntos da Coroa e seus divertimentos favoritos.

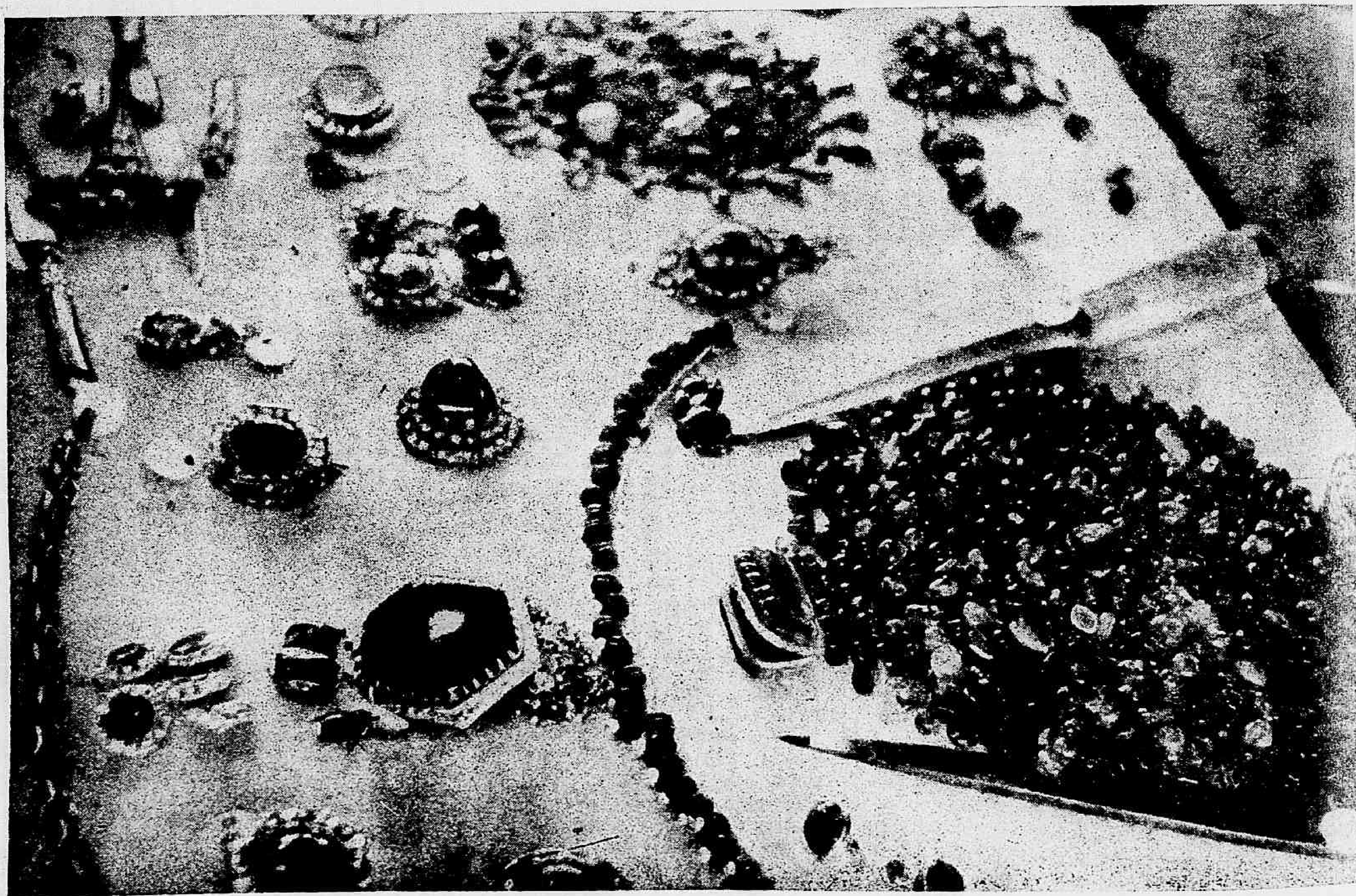
Muito aprecia êle os passeios pelos imensos e magníficos jardins do Palácio do monte Albruz, em Saad Abaad; seu cão favorito lhe faz companhia e lhe obedece cegamente. O Xá tem hoje 31 anos de idade e é afeiçoado aos esportes, especialmente o de esqui. Até antes de 1935 era a antiga Pérsia um país fechado ao mundo exterior; depois, porém, que foi derrubada a dinastia Kadjar, a Pérsia começou a renovar-se, e, a 22 de março de 1935, tomando o nome de Irã, mantinha relações diplomáticas com tôdas as nações do mundo e entrava numa fase de intensa atividade comercial, social e cultural. Suas grandes riquezas estão, porém, nos horizontes petrolíferos e na cultura do algodão. No momento, passa o Irã por profundas transformações político-sociais, em face da nacionalização de sua indústria petrolífera, que, com poços e instalações, comércio e venda, será de propriedade exclusiva do Estado.



ESCADARIA de mármore à entrada para o interior do palácio real de Teerã, residência oficial do Xá. Os pavimentos são forrados com tapetes caríssimos e ricamente ornamentados.



O FAMOSO trono «peacock» (pavão) conquistado a Nova Delhi na primeira metade do século XVIII (1700) e colocado no Palácio do Gulistan, antiga residência dos soberanos da dinastia Kadjar e que os dois últimos Xás não usaram mais. O trono é todo coberto de ouro contendo grandes pedras preciosas, na maioria rubis, esmeraldas e diamantes. O último representante da dinastia Kadjar foi destronado por Rezi Khan Pahlevi, pai do atual Xá, em 1925. O Irã de hoje, porém, é uma Monarquia Constitucional, muito florescente.



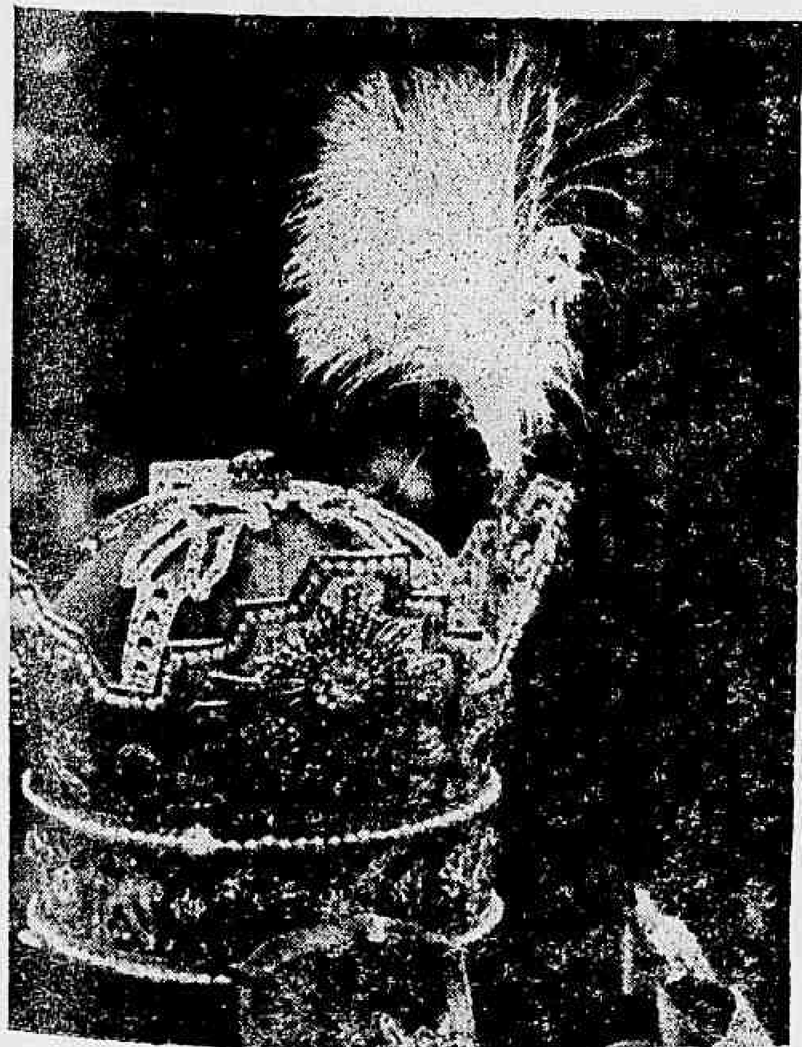
PARTE DO tesouro real, vendo-se muitas jóias raras e caríssimas já trabalhadas, ao lado de multidão de outras gemas ainda em estado natural. O Irã, que possui vasto território, tem população escassa em relação à superfície, ou sejam nove habitantes por quilômetro quadrado. E' país muito rico em petróleo, minas de carvão, ferro, etc. Sua agricultura de algodão é das maiores do mundo e encontra mercado com a maior facilidade. O Irã acaba de enfrentar o Govêrno Inglês com a nacionalização do petróleo, a maior riqueza nacional.



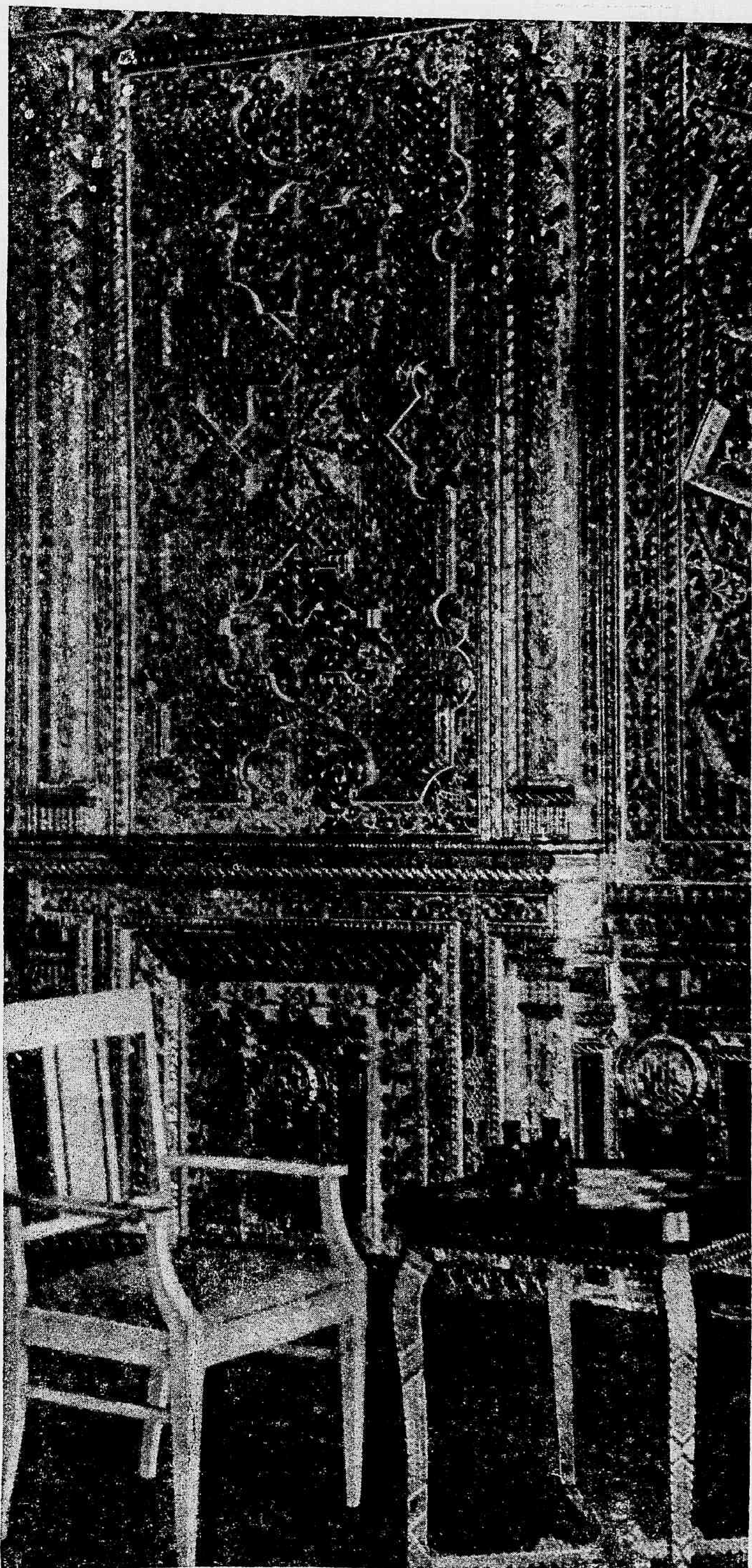
O XÁ se diverte no jardim do palácio jogando longe uma bola, a qual o seu cão preferido vai buscar e lhá entrega.



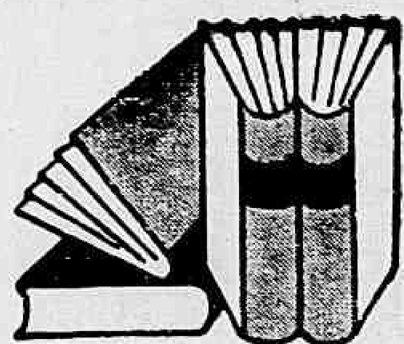
RETRATO do Xá em costume de esqui, aposto na sala do Conselho, no palácio estatatal. O Xá é amante dos esportes



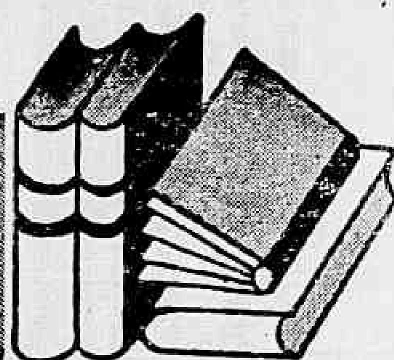
A riquíssima coroa persa, recoberta de pedras preciosas é conservada, com outras jóias do Xá no Banco do Estado



UM RECANTO do famoso Palácio de Estado do Xá do Irã, em Saad Abaad, a trinta quilômetros de Teerã, capital do país. A sala é de uma riqueza indescritível, com paredes recobertas de espelhos e paredes recobertas de cristais.



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA

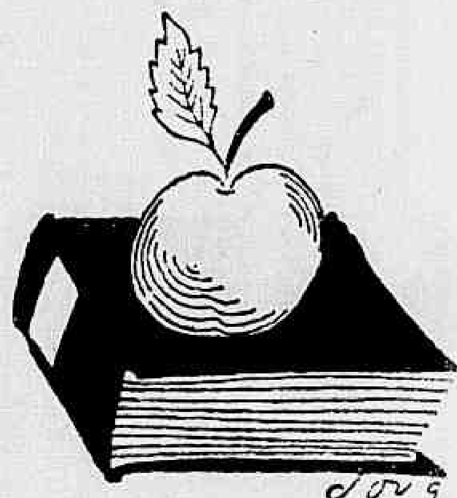


TOMAZ DA FONSECA não é apenas o grande historiador atual de Portugal. Ao mesmo tempo é, o mestre ilustre do culto da beleza, da verdade e da bravura.

Detei-vos um pouco, diante dêste retrato que parece a efígie de um apóstolo: a fronte larga, traçada das rugas do tempo, as amplas barbas brancas, os olhos serenos e pensativos. Quanta grandeza, em um simples retrato, no retrato dêsse homem eminente que é, também, um homem da terra, dividindo suas horas entre o aparo e a charrúa, entre o culto das letras e a beleza das lavouras. Cremos que foi Leo Larguier que escreveu um sonêto, «Atavisme», em que, lembrando o pai agricultor, confessa, seu amor à terra: «Mon père labourait la terre, je la chante!» Mais feliz é o mestre eminente de «Don Afonso Enriques», dos «Sermões da Montanha», das «Cartas Espirituais», de tantos livros admiráveis, êle que amanha a terra e clareia os espíritos, deixando a relha do arado para tomar a pena e, com e a traçar o louvor, a beleza, a grandeza das terras e das gentes, abrindo caminhos na eira e nos espíritos, semeando a boa semente, nos prados e nos corações. Por volta dos setenta anos, nos altos de sua Coimbra, onde os choupos cantam ao vento, recobrindo as águas murmulhantes do Mondego de dona Inês, Tomaz da Fonseca vem trabalhando a grande e altíssima obra do historiador que retoma Herculano, na forma admirável e no sentido luminoso em que o mestre antigo fundiu, as suas panóplias e que se revêem, tão eloqüentemente, no labor extraordinário do mestre de hoje.

EDMUNDO LYS

PALAVRAS PARA OS AMIGOS



Os jovens poetas estão pelos cafés, ansiosos, mostrando poemas, fazendo projetos. Os pintores desenham sôbre a toalha da mesa, nas margens dos jornais, falam nos quadros ainda não pintados e nos planos para o aperfeiçoamento de sua arte. As artistas de teatro conversam sôbre a falta de casas de espetáculos, de empresários, de incentivo, de público. Tôda uma juventude caminha sob o pêso da dúvida. As inquietações de vida cedem lugar às angústias imediatas. Como criar, como pintar, como fazer filmes, como representar, se tudo parece impedir o avanço do artista? Para que escrever um romance que talvez não seja publicado?

E as jovens fisionomias ganham rugas inexplicáveis. O prazer de contemplar um largo espaço aberto de mar, a alegria de estar vivo, a difícil manutenção do amor — tudo se queda no gesto incompleto, no pensamento que nunca se transforma em ação. Alguns bebem, porque a euforia da bebida proporciona uma efémera inspiração. Outros preferem o silêncio que, aos poucos, se vai transformando em estéril inatividade.

É com êsses amigos carregados de fracassos prévios que desejo conversar hoje. Para dizer-lhes que o mundo da criança ainda é o mesmo. Para lhes assegurar que as dificuldades não podem matar o ímpeto de um jovem artista. Todos temos uma enorme tendência para a facilidade. Gostamos que as coisas aconteçam como nos sonhos. De repente, surgirá o grande livro ou o grande quadro — ou um Mecenas resolverá patrocinar espetáculos e exposições. Não, meus amigos, não é assim que o cerne da arte é conquistado. O primeiro passo é sempre dado de dentro para fora. Quando cria, o artista arranca um mundo de si mesmo, tira do pensamento o que nêle possa servir de alimento aos demais. No momento exato da criação, a obra não tem pròpriamente uma finalidade. Não surge "para" — surge apenas. De sua autenticidade dependerá o atingir os demais, o cumprir uma finalidade humana. E' preciso um silencioso trabalho de construção, com pequenas vitórias e pequenas derrotas, com a luta pela técnica mecânica da arte — o usar as palavras, as côres ,as mãos — e pela técnica de vida e de pensamento. A obra de arte não sairá do nada. Uma quantidde de experiências, com sofrimentos incontidos, êxtases sofridos no sangue e na idéia, terá de anteceder o pousar das palavras, a fixação das formas e das côres, o exato avançar dos gestos. E' nas atitudes cotidianas que a mensagem de uma arte começa a adquirir expressão.

Os elementos da linguagem escolhida pelo artista opõem resistência a qualquer aproximação. Quando o pensamento se apodera das palavras, está atingindo um corpo vivo, que cede, mas reage antes de ceder. Não é com a palavra fácil, com a impossível espontaneidade da interpretação, com a imitação dos volumes, que o artista vence essa resistência. Estará apenas manuseando matéria morta que nunca entrará em contato com os outros — êsses outros que formam a razão final da expressão. E, antes de tudo isto, o que é preciso é que o artista vença as suas próprias resistências. Que compreenda que ninguém se preocupa em lhe facilitar os meios — sejam quais forem — para que êle trabalhe e crie. O problema é sempre pessoal. Vencer a inatividade, dominar as desculpas que cada um dá a si mesmo, para não escrever, para não se dedicar ao que julga ser o importante em sua vida. Isto com o sacrifício das pequenas vaidades de ser apontado, conhecido, quando, em sua obra, nada haja que justifique êsse realce transitório..

As angústias existem. As dificuldades existem. Mas é preciso vencê-las. Vencê-las em silêncio, com a consciência de que a vitória nunca será absoluta, porque haverá sempre novas camadas de angústias, de dificuldades e de lutas. E a vitória, conquistada a cada passo, está na permanência da luta, na compreensão de que o pensamento pode, a qualquer momento, cair nos meandros da facilidade. E morrer

Dois sonetos premiados

DANÇA ARABE

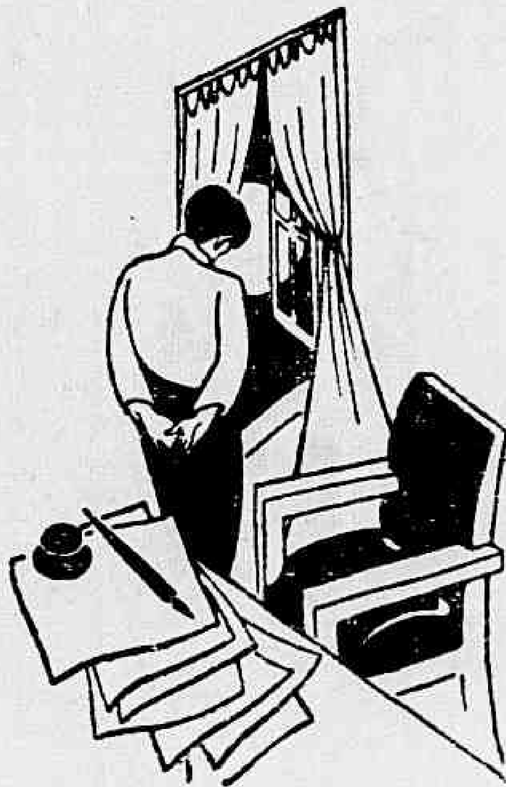
Vinícius de Carvalho

Trazes no corpo a graça das palmeiras
e o esplendor do luar de Ramadã.
Vem: Minha tenda, a esta hora da manhã,
possui, na sombra, o odor das tamareiras.

Esquece, na maciez do meu divã,
o cansaço das tribos caminheiras.
Não procures miragens traiçoeiras:
— Tôda procura, neste mundo, é vã!

Não faz mal que no, Livro-do-Destino,
nosso amor seja um conto pequenino
que a mão do Tempo, trêmula, marcou;

pois a história de amor mais comovida
é a que deita raízes pela vida
quando tudo, afinal, já se acabou.



IGARITÉS

Da Costa Santos

Densos bojos de breu como noites escuras,
Partem, rubras de sol, ladeadas de mangue,
Rompendo os escarcéus, que são negras molduras
Tisnando o azul do mar como nódoas de sangue.

Zarpam, velozes, tendo os céus pelas alturas,
— Aves tontas de luz, a asa cansada e exangue,
E lá vão, muita vez, nas procelas mais duras,
Em bordejos triunfais, na estranha tarde langue.

Velhas igarités, primitivos veleiros,
Que, altivas, e a zombar do tufão que ressoa,
—Tornais ao pôrto, à forte mão dos limoneiros.

Sou como vós: fitando a miragem dos astros,
Minha nau sempre trouxe a Esperança na proa,
Com bandeiras de glória a drapejar nos mastros!

Fora do Prelo

ESTANCIA ASSOMBRADA - Fróta Barcelos - - Editôra Thurmann - P. Alegre

Uma segunda edição, como é o caso desta novela de Ramiro Fróta Barcelos, dispensa mais larga apreciação, uma vez que a crítica do livro já está feita, bem como sua consagração, pelos leitores. Registramos aqui o aparecimento desta nova tiragem da obra do escritor gaúcho, considerando-a como dos melhores livros de ficção que nos têm vindo do sul. A referência geográfica tem aqui tôda a razão de ser! Ramiro Fróta Barcelos é um regionalista e esta sua história de fantasmas marca-o como um observador de tanta fôrça descritiva, quanto de livre criação. Já nos referimos ao fenômeno regionalista, um dêstes dias, quando comentámos o romance «Pium», do escritor goiano Eli Brasiliense. Não vamos voltar ao caso, para renovar nosso aprêço a uma espécie de regionalismo — que é o dêste livro — em que o ambiente ganha tôda a sua fôrça, como parte da ficção e que, por conseguinte, tem tôda a razão de ser e de prevalecer. Não se trata, no particular dêsses escritores, de fazer pitoresco gratuito, de superpor um elemento externo à sua arte. Êsse elemento tornar-se íntimo dessa arte, como cenário insubstituível da história e não se atém às particularidades de côr pela côr, de vocabulário pelo vocabulário.

«Estância Assombrada» causou-nos a melhor impressão, tanto pelo que vem acrescentar de significativo à moderna ficção sulina, como pelo fato de ser uma história em que o sobrenatural ocupa o primeiro plano, onde o autor volta, por momentos, a êsse mundo de assombrações que tem sido tão pouco explorado entre nós e tão rico de material. O nosso neo-realismo exilou da ficção brasileira todos os fantasmas. Longe vai o tempo da «Casa do Pavor», de Moacyr Deabreu, longe o de «Tropas e Boiadas», de Hugo de Carvalho Ramos. Ficamos devendo a Ramiro Fróta Barcelos esta volta aos fantasmas, êsse retôrno às assombrações, neste livro que é, ao mesmo tempo, criação de um estilista novo, de prosa viva e aliciante.

★

MANUAL DE CONVERSAÇAO DA LINGUA TUPI (1a. Série — 20 lições) — Faris Antônio S. Michaele — Centro Cultural «Euclides da Cunha» — Ponta Grossa.

Cabarú, iauára y pixãna orekô py-itá. Por mais incrível que pareça, noventa e nove por cento dos brasileiros que lerem essas palavras ficarão na mesma. Se se tratar de brasileiros cultos, quando muito saberão que são palavras de língua indígena. Realmente, são palavras tupis e a frase tôda quer dizer simplesmente isto, por mais misterioso que pareçam, por mais que pareçam saídas do vocabulário de uma encantação: «O cavalo, o cão e o gato têm quatro pés».

Essa é uma frase de um dos exercícios desta cartilha de língua tupí que vem de aparecer na série de Edições Euclidianas (Biblioteca Brasílica), edição do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, Paraná. E, segundo nos parece, é a primeira obra sistematizada para o conhecimento do tupí, trabalho que se deve ao autor do livrinho, tão claro e simples, e que nos põe em contato com as riquezas, para nada dizer quanto ao pitoresco, da língua dos primitivos povos do Brasil.

Faris Antônio S. Michaele tem publicado livros de ciências e filosofia, poesia e didática. Voltado para os problemas da cultura, dedicou-se aos estudos indianistas e daí surgiu esta interessante primeira série de lições práticas de língua tupí. Apresentando o livro, o autor nos diz duas palavras sôbre o «Nheengatú», ou tupí moderno, falado em tôda a enorme amazônica, de que estima o uso entre, pelo menos seiscentos mil indivíduos, cuja riqueza literária, compreendida a literatura «guaraní», considera uma das maiores do mundo. Dia a dia acentua-se entre nós a curiosidade pelos problemas indígenas. Assim o conhecimento do «Nheengatú», mesmo sumário, torna-se uma necessidade contemporânea. Estamos certos de que o livro agora aparecido, verdadeira cartilha preliminar — a que outras se seguirão — virá contribuir de muito para o melhor serviço do sertanismo moderno e para a obra generosa da atração de nosso silvícola à comunhão brasileira.

★

A EXPEDIÇAO KON - TIKI — Thor Heyerdahl - Edições Melhoramentos - S. Paulo

Afinal, de onde teriam partido, para o Peru, as grandes levas de povos que foram à antiga região e construiram uma civilização admirável? Que país foi a pátria dos polinésios? Qual a história de Tiki, filho do sol?

A ciência, como a poesia, às vêzes parece uma sucessão de quadros postos em movimento, numa tela. Especialmente quando tal ciência procura êsse elemento traiçoeiro, vasto e insondável, que se chama «oceano».

Nenhum leitor deixará de sentir-se transportado a um romance de aventura diante das páginas desta obra, verdadeiramente empolgante, que a Melhoramentos apresenta, em tradução de Agenor Soares de Moura, fotografias curiosas e sensacionais do próprio autor: «A Expedição Kon-Tiki», de Thor Heyerdahl.

Que é, efetivamente, «A Expedição Kon-Tiki»? Em resumo, apenas isto: seis homens, uns mais resolvidos pela idéia, outros mais atraidos pelo mistério e pela aventura, tentam responder a várias perguntas, das quais algumas iniciaram estas linhas. Seis homens... que, no dorso de uma jangada, moraram, através do Pacífico, durante oito mil quilômetros!

Não será exagêro assinalar que o fato constitui uma epopéia marítima de fazer vibrar os nervos mais entediados.

É interessante é que o livro de Thor Heyerdahl tanto pode ser altamente sedutor para adolescentes, quanto atraente para os homens mais velhos. Por que? Porque a narração do que viu, encontrou, examinou «A Expedição Kon-Tiki» é feita em clima de tamanha simplicidade, que leva ao espanto, à admiração, à surprêsa: pois então é assim tão natural viajar, numa embarcação fragílima, pelas águas do Pacífico, na extensão de oito mil quilômetros? Vale a pena ler essa, que parece lendária e é bem real, expedição Kon-tiki, mais fascinante, por vêzes, do que as viagens de Ulisses.

★

O LIVRO ILUSTRADO



Uma das ilustrações de Fayga Ostrower, no livro de José Caó - «Poesias».

LIVROS RECEBIDOS

Recebemos mais os seguintes livros: Lágrimas que Falam e Crepúsculo de Estrêlas, de Otávio Ribeiro da Cunha; A Curva da Estrada e A Lã e a Neve, de Ferreira de Castro; Pequeno Dicionário de Nomes de Pessoas, de Rômulo de Castro; Contos de Aprendiz, de Carlos Drummond de Andrade; Contos Reunidos, de Gastão Cruls; Mar de Histórias (II), de Aurélio Buarque de Hollanda e Paulo Ronai; O Gênio e a Graça, de Celso Vieira; Terra Firme, Diário (IV e V), Portugal e Rua, de Miguel Torga; Outono em Flor e Frei Antônio das Chagas, de Júlio Dantas; Paixão e Morte da Infanta, de João Grave; Primeiras Prosas, Costumes e Perfis e Crônicas Portuenses, de Ramalho Ortigão; Miragem, de Coelho Neto; Uma Confissão, de Máximo Gorki e Leonardo Coimbra (testemunhos de seus contemporâneos).

As edições portuguêsas que nos têm chegado são uma gentileza da Livraria H. Antunes (av. Marechal Floriano, 39).

★

DIREITO DO TRABALHO E DEMOCRACIA SOCIAL — Oliveira Viana - José Olympio — Rio de Janeiro.

Ao legado generoso do sociólogo de «Populações Meridionais do Brasil», acrescenta - se hoje esta obra em que estão reunidos trabalhos esparsos, antes divulgados em conferências, jornais e revistas, sôbre direito do trabalho e democracia social. Por imposição dos cargos que ocupou, Oliveira Viana interrompeu outros estudos, dedicando-se a êstes, de tanta importância e atualidade, na moderna política brasileira, da mesma forma que no panorama mundial.

Êstes estudos, agora enfeixados em livro, não representam apenas uma contribuição maior do sociólogo e historiador, em benefício da melhor inteligência de problemas prementes de nossa hora. Pela forma, tanto quanto pelo assunto, se inserem no que de mais significativo existe, a respeito de doutrina e legislação social e trabalhista. Com isso, revemos aqui todo o quadro da revolução brasileira que, como o aprendiz de feiticeiro, desencadeou a encantação, sem saber controlá-la. Oliveira Viana trata aqui de armar êsse feiticeiro com a fôrça que lhe falta e, por certo, não poderia ser mais oportuno o seu livro esclarecedor, no momento mesmo em que, com um govêrno Trabalhista, queiramos ou não, temos que nos orientar no sentido das reivindicações do trabalhismo, quando temos, por assim dizer, o poder nas mãos dos feiticeiros aprendizes.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Na Galeria Domus, inaugurou-se a exposição de quadros do pintor Clóvis Graciano. A presente mostra consta de trabalhos que êsse artista executou na França e na Itália, onde permaneceu dois anos, laureado com o prêmio de Viagem ao Estrangeiro pelo Salão Nacional de Belas Artes de 1948.

★

A poetisa Maria José de Carvalho publicará ainda êste ano o seu primeiro livro de versos. A obra intitula-se: "Poemas da Noite" e foi, recentemente, premiada no Concurso Dr. Ademar de Barros (Departamento de Cultura de São Paulo). Maria José de Carvalho faz parte do Coral Paulistano, dirigido pelo maestro Miguel Arquerons.

★

Carlos Thiré, pintor e desenhista carioca, está expondo os seus últimos trabalhos no saguão do Museu de Arte Moderna, de São Paulo. "Dedicou-se primeiramente ao desenho, mas, em 1940, começou também a pintar. Como desenhista, colaborou em jornais e revistas: "Correio da Manhã", "Diário Carioca", "Rio" e "Sombra", do Rio, e "Femina", de Paris. Em 1947, expôs em Paris (com grande sucesso); em 1948, apresentou-se no Rio e em São Paulo." Carlos Thiré últimamente tem dedicado-se também à cenografia teatral.

★

Maria de Lourdes Lebert ofereceu um grande almôço, a fim de receber o poeta pernambucano Ascenso Ferreira. Estiveram presentes: José Geraldo Vieira, Jamil Almansur Haddad, Geraldo Vidigal, Darcy Penteado, Maria de Lourdes Teixeira, José Tavares de Miranda, Reynaldo Bairão, José Sscobar Faria e sra., a declamadora portuguêsa, Adriana de Rezende, Flávio de Carvalho, a sra. Domingos Carvalho da Silva e a cantora Maria Karescka.

★

José Geraldo Vieira está terminando o seu anunciado romance: "O Albatroz". Segundo consta, esta grande obra será incluida na Coleção Saraiva, que já publicou "A Ladeira da Memória", do mesmo autor.

★

Luis Lopes Coelho, que tanto tem colaborado aqui em São Paulo, como no Rio, pretende, brevemente, coligir os seus versos num só volume ainda sem título definitivo. Luís Lopes Coelho é um poeta simples e humano, conhecedor do seu "métier", e que será uma revelação para todos nós.

SATAN E A POESIA

Em "Satan et la Poésie", de André Brincourt, procura o autor mostrar-nos a participação do diabo na atividade poética. "A arte é satânica — diz Brincourt — na medida em que ela se propõe realizar a criação nova e convencional de um mundo. O que caracteriza ao mesmo tempo Satã e a Arte é expressar Deus, possuir essa ambição criadora". Por seu turno, Armand Hoog, escrevendo sôbre o ensaio de Brincourt, diz que encontra em seu enunciado uma verdade que crê profunda, por que "se Deus criou a natureza, a poesia tem por objeto, expresso ou implícito, recomeçar o mundo". A usurpação da função criadora é, por exemplo, na arte, uma espécie de sacrilégio, ou seja, Satã. Para Brincourt, o poeta trata menos de "figurar" que de "transfigurar". A figura das coisas está feita desde que o mundo é mundo. A função própria da imaginação, segundo G. Blanchard, não é formar as imagens, mas deformá-las. O poeta "modifica", antes de tudo. Já que o ato poético procura reconstruir um mundo, ou perturbar o que existe, é preciso que as palavras, matéria-prima e última, recebam uma pureza que a linguagem corrente lhes tira. Os grandes poetas "lavam" a palavra, e o "lavar" a palavra é restituir-lhe o seu poder. Neste sentido considera Hoog — as palavras de Paul Eluard são mais "lavadas" que as de Paul Valery. Satã participa, sobretudo, no surrealismo, nessa arte que consegue nos comunicar o que é por natureza incomunicável."



ANTES DE a mulher entrar na sala de parto, é-lhe tomada a pressão cuidadosamente A medicina moderna prevê todos os pormenores a fim de evitar que a futura mamã sofra...



O MOMENTO mais sublime para mamã é, indiscutivelmente, aquêle em que penetra na sala de parto. Ao sair, terá dado à luz uma criança para seu orgulho e do nervoso papá.

NO REINO DA CEGONHA

QUANDO tomamos o bonde para ir até à redação entregar um de nossos trabalhos, estávamos longe de imaginar que ali surgiria o tema para esta reportagem. À nossa frente, porém, duas damas conversavam a propósito de um trabalho publicado nesta revista sôbre os pré nascidos e uma delas dizia:

— Você devia ler a reportagem da REVISTA DA SEMANA que trata sôbre os pré nascidos. Trabalhos como aquêle engrandecem qualquer publicação.

UMA REPORTAGEM PROVOCA OUTRA ★ O PARTO NORMAL E O PARTO ANORMAL ★ CESAREANAS, ORIGEM DO NOME ★ O PERIGO DAS "CURIOSAS" ★ ABÔRTO NATURAL E ABÔRTO PROVOCADO ★ POR QUE HÁ OS PRÉ-NASCIMENTOS ★ ALGUNS DADOS ESTATÍSTICAS ★ A MEDICINA AVANÇA...

Texto e fotos de JORGE LYRA



POR meio do raio X o médico localiza a posição da criança no ventre da futura mãe e providencia possíveis correções.

— Vou comprar a Revista. Eu, que sou mãe devo saber de tudo que diz respeito a crianças.

— E' pena, volta a falár a primeira senhora, que êles não houvessem feito um trabalho completo sôbre parto, como se dá o mesmo e tantas outras coisas interessantes que muitos gostariam de saber.

Nesta altura da conversa, esticamos o pescoço para a frente do banco e, agradecendo às senhoras, saltamos a fim de tratar dêste trabalho que aquelas damas, sem querer, sugeriram. Elas, no momento em que saltamos pensaram certamente que se tratava de um dos inúmeros loucos que andam soltos pela cidade. Agora, entretanto, deverão mudar de idéia...

Entrando na redação, contamos ao nosso secretário a conversa que ouvíramos e êle, de pronto, nos mandou fazer êste trabalho. Mas onde poderia ser feito? Quem nos facilitaria os meios necessários a trabalharmos? Lembramo-nos, então, de dois amigos que temos na Casa de Saúde Santa Maria, drs. Ney de Almeida e Adão Pereira Nunes. Êles não se furtariam a colaborar conosco.

Dizendo de nossas pretensões àqueles facultativos, imediatamente, nos levaram à sala de parto, onde, do lado de fora, um cidadão, nervosamente passeava de um lado para o outro. A seus pés, um amontoado de cigarros, enquanto, do lado de dentro, a medicina trabalhava. Silêncio absoluto, até que um vagido de criança veio quebrá-lo. Feito louco o homem se pôs a gritar:

— Sou pai, doutor, sou pai.

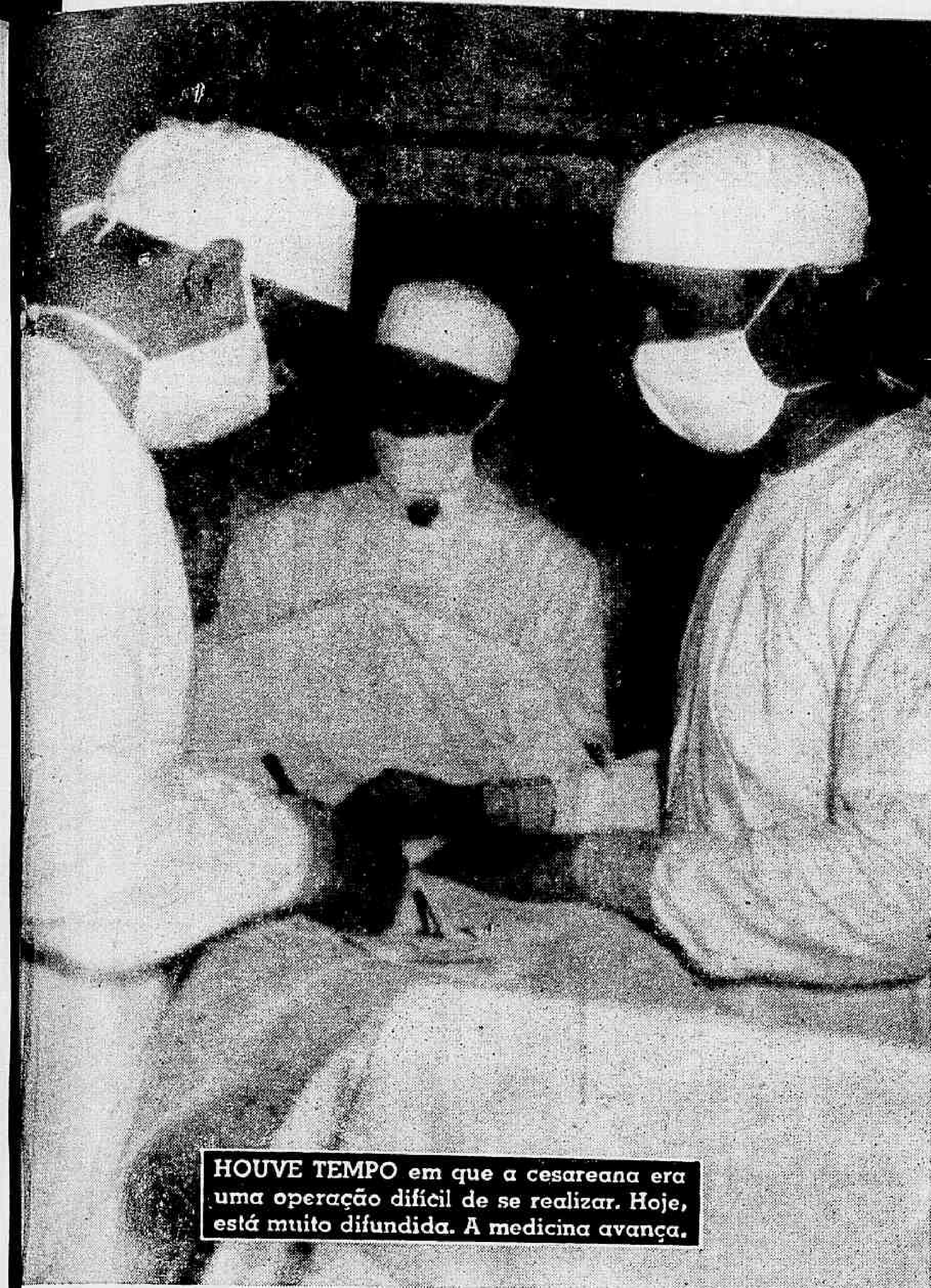
AS FASES DE UM PARTO NORMAL

Nascida a criança, imediatamente, a enfermeira se apodera da mesma e a leva para a sala onde vai ser feita a preparação da dita. no seu berço. Sorria feliz, mas, de repente, alguma coisa o preo- enfermeira a lavou e a pesou ficamos quiétos observando, mas, quando pingou o colírio, quisemos saber o por que desta providência.

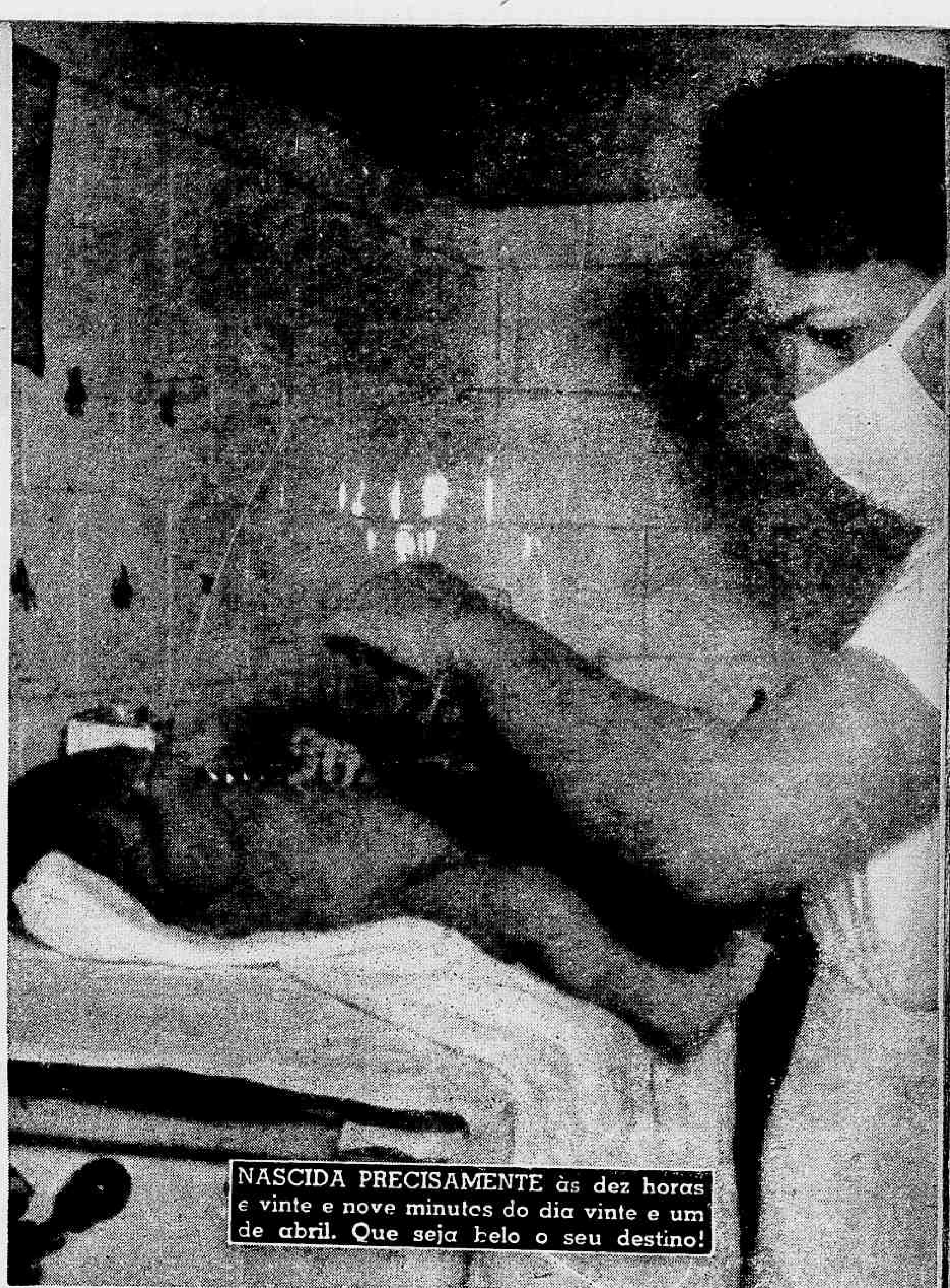
— Muitas vêzes a criança nasce de pais que possívelmente pos-



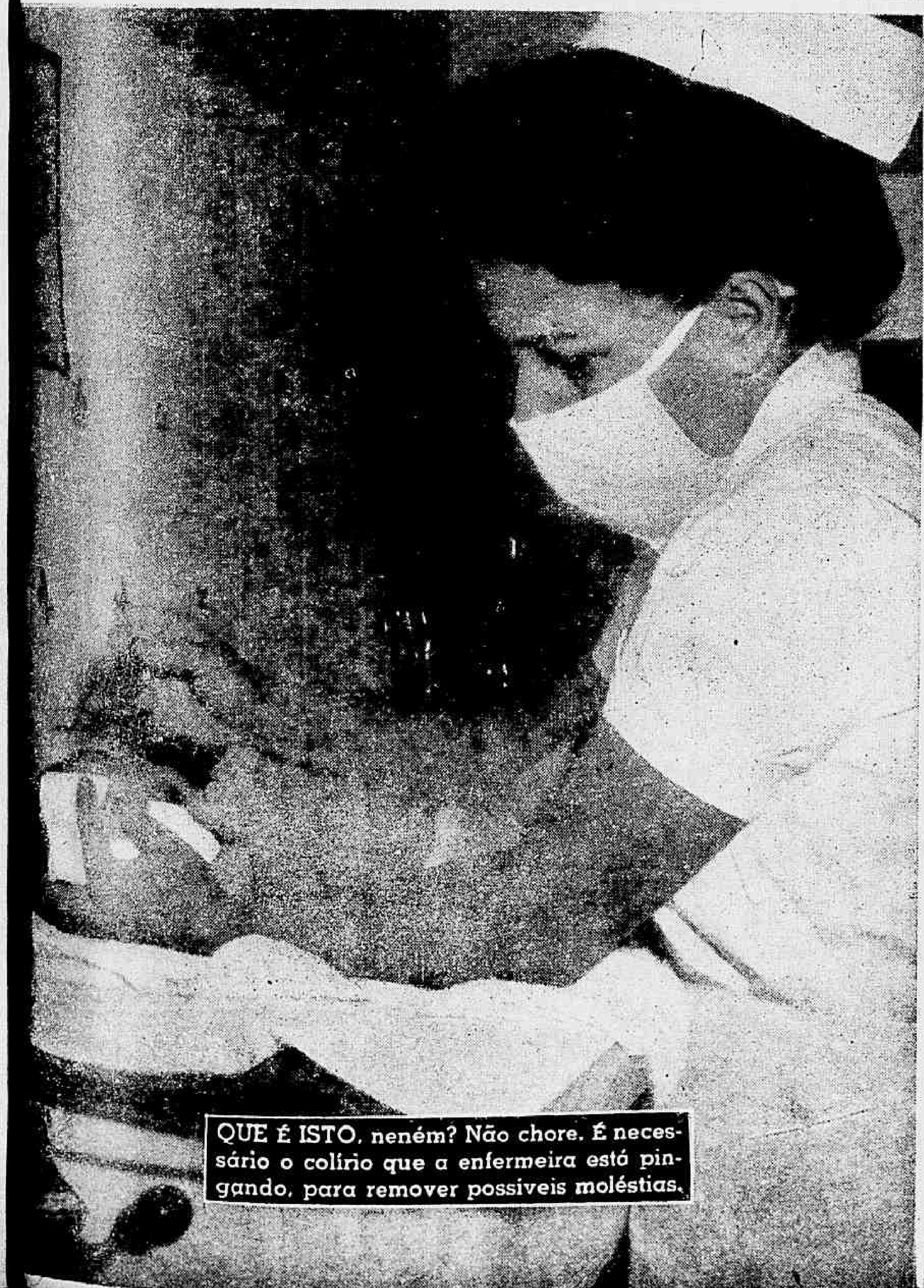
O nervosismo dos futuros pais é uma das mais interessantes e duras provas de resistência de nervos. Só fumando!



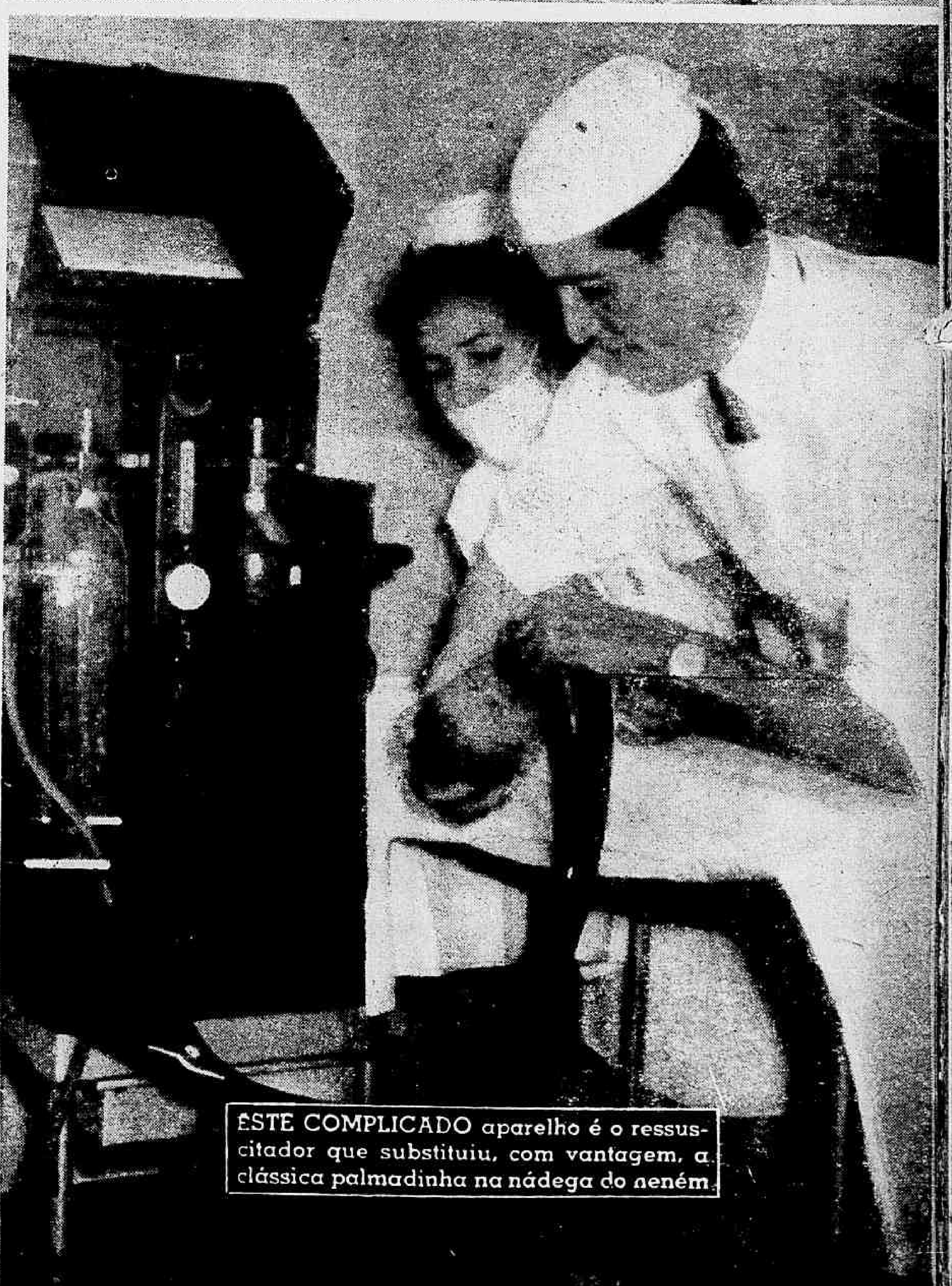
HOUVE TEMPO em que a cesareana era uma operação difícil de se realizar. Hoje, está muito difundida. A medicina avança.



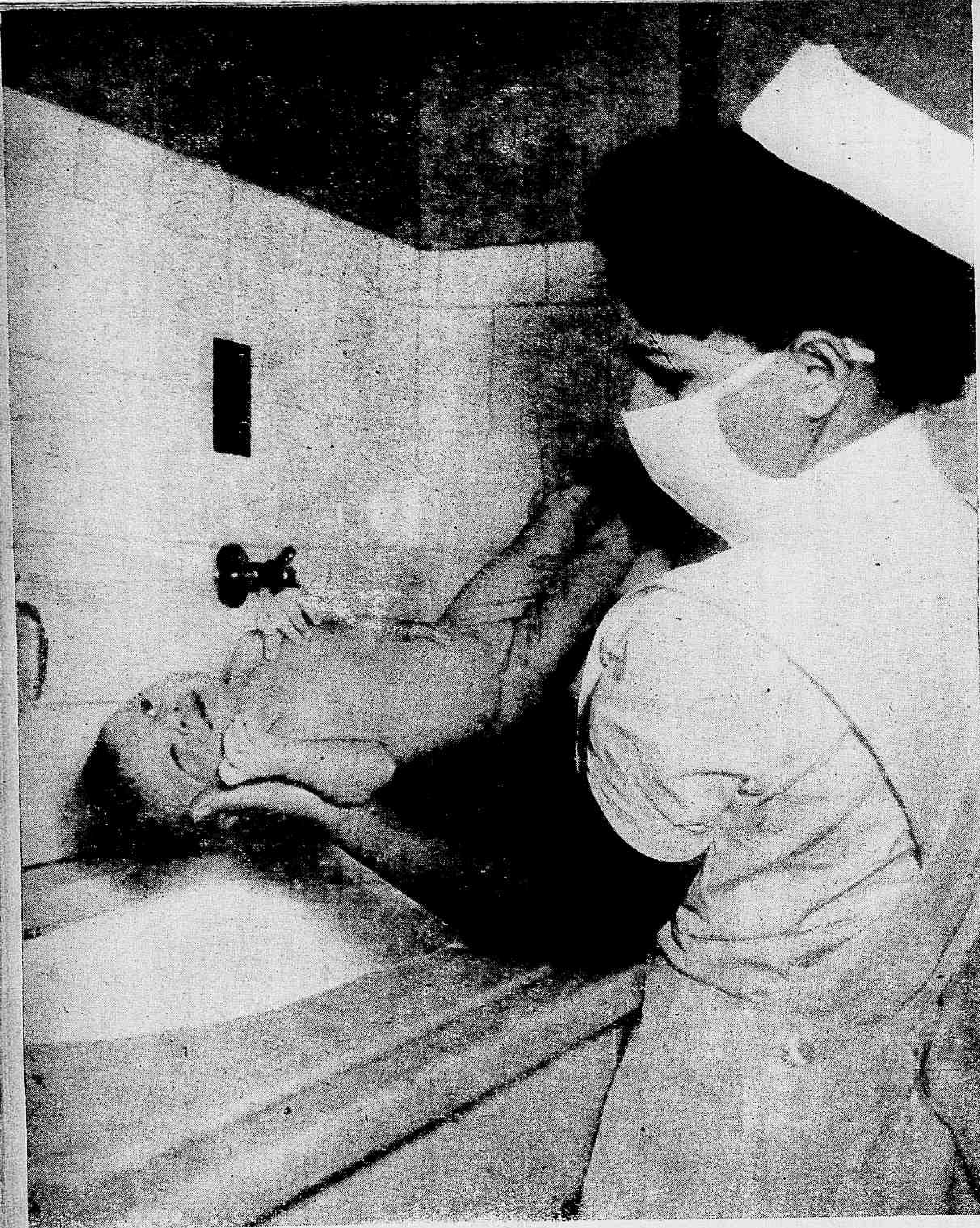
NASCIDA PRECISAMENTE às dez horas e vinte e nove minutos do dia vinte e um de abril. Que seja belo o seu destino!



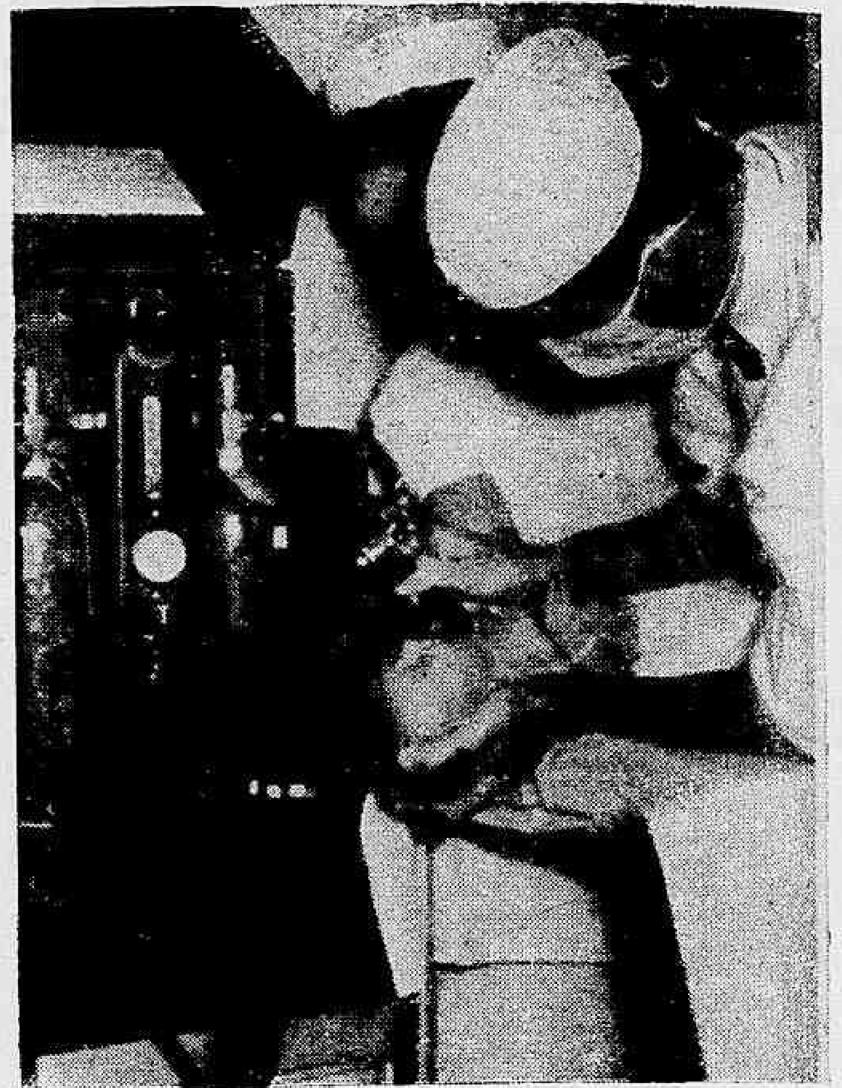
QUE É ISTO, neném? Não chore. É necessário o colírio que a enfermeira está pingando, para remover possíveis moléstias.



ÊSTE COMPLICADO aparelho é o ressuscitador que substituiu, com vantagem, a clássica palmadinha na nádega do neném.



O BANHO do nenê, uma das primeiras operações a serem executadas pela enfermeira. Muitas vêzes ao invés da água morna é usado um óleo receitado pelo médico, o que evita a perda de calor do recém-nascido. Mas êste vai para a água.



QUE ANSIEDADE louca vivemos o pai, o médico, a enfermeira e êste repórter, enquanto não ouvimos o clássico chôro da criança!

suem infecções genitais e a solução de nitrato de prata que se pinga nos olhos da mesma evita que ela venha a ficar cega. E' o chamado processo de Credé e é realizado sistemàticamente porque sempre se pressupõe que haja infecções, explicou-nos a enfermeira.

Dito isto, recomeçou o seu serviço — fêz curativo no umbigo da criança, amarrou-a em gaze pela cintura, passou-lhe talco em profussão, enrolou-a em pesadas cobertas, levando-a em seguida ao berçário.

Do vidro do lado de fora o pai, patèticamente olhava a criança no seu bêrço. Sorria feliz, mas, de repente, alguma coisa o preocupou e êle perguntou:

— Não há perigo de se trocar o meu filho, moço?

— Não se preocupe, amigo; repare naquela pulseira que a enfermeira vai colocar agora. Veja, possui o nome de sua espôsa, dissemos.

O homem suspirou aliviado, levou mais um cigarro à boca, acendeu-o e continuou olhando o filho. Parecendo simpatizar conosco, perguntou:

— O senhor é pai?

Explicamos que somos solteiro e êle nos disse:

— O senhor não sabe o que é ser feliz? Veja que garotão! Vai ser médico, sabe?

Concordamos e pensamos conosco mesmo se aquela criança viverá até cumprir o desejo do pai. Se morrerá antes disso. Se o pai ou mãe morrerem sem êle estar criado. Como o futuro é insondável...

PARTO ANORMAL E CESÁREAS

Deixamos o homem entregue à sua felicidade e fomos assistir, a um outro parto que iria realizar-se agora. Seria feliz a senhora?

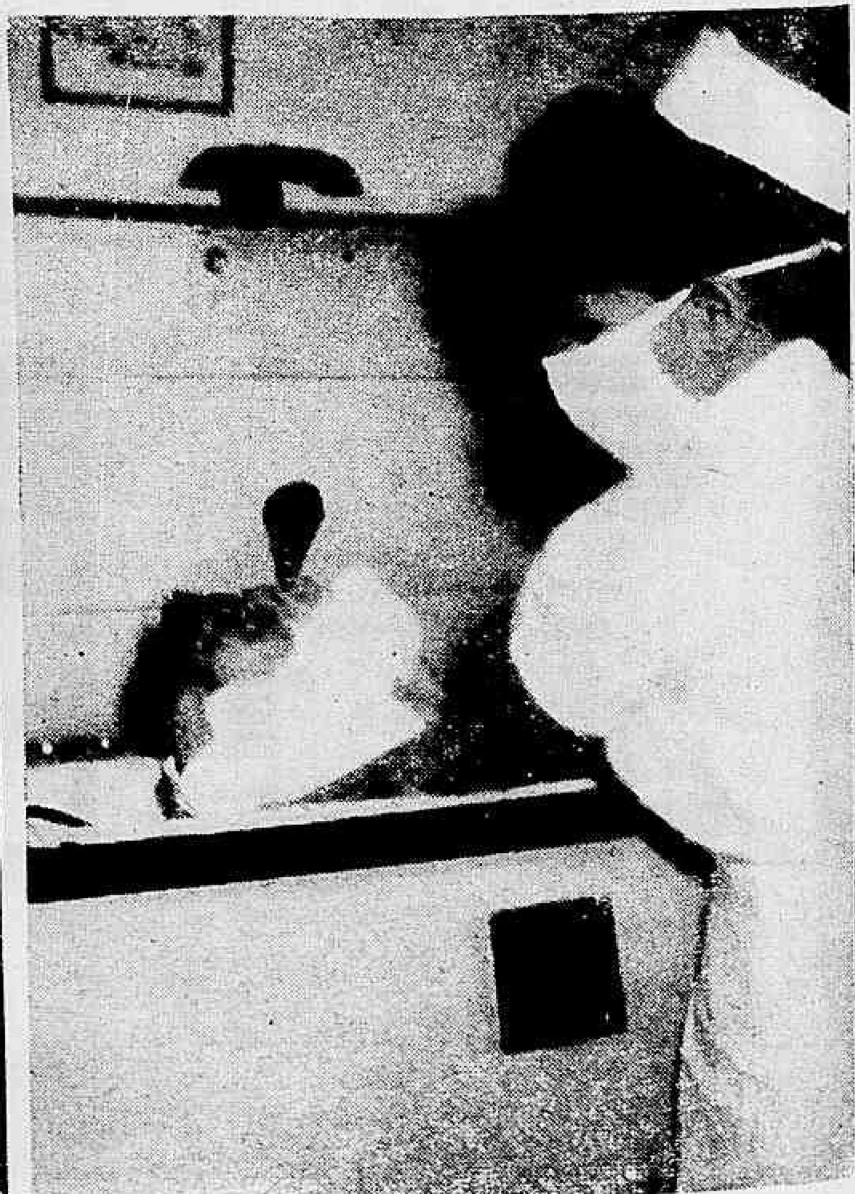
(Cont. na pág. 42)



AS CRIANÇAS NORMAIS pesam entre três e três e meio quilos, sendo os fetos de cinco quilos e mais, portadores de taras.



PRONTAS TÔDAS as fases a criança é enrolada num cobertor enorme a fim de evitar perda de calor, e dorme o sono da inocência.



OS FETOS NASCIDOS fora de tempo são colocados em incumbadoras que se incumbem de restituí-los à vida como os normais.



ENQUANTO UNS dormem tranqüilos, a enfermeira exibe êstes dois belos exemplares do mundo de amanhã. Parabens mamãe!

Nem CARA ...

DURANTE A GUERRA OS EXERCITOS ROMANOS EM MARCHA TRANSPORTAVAM GALHINHAS SAGRADAS ...

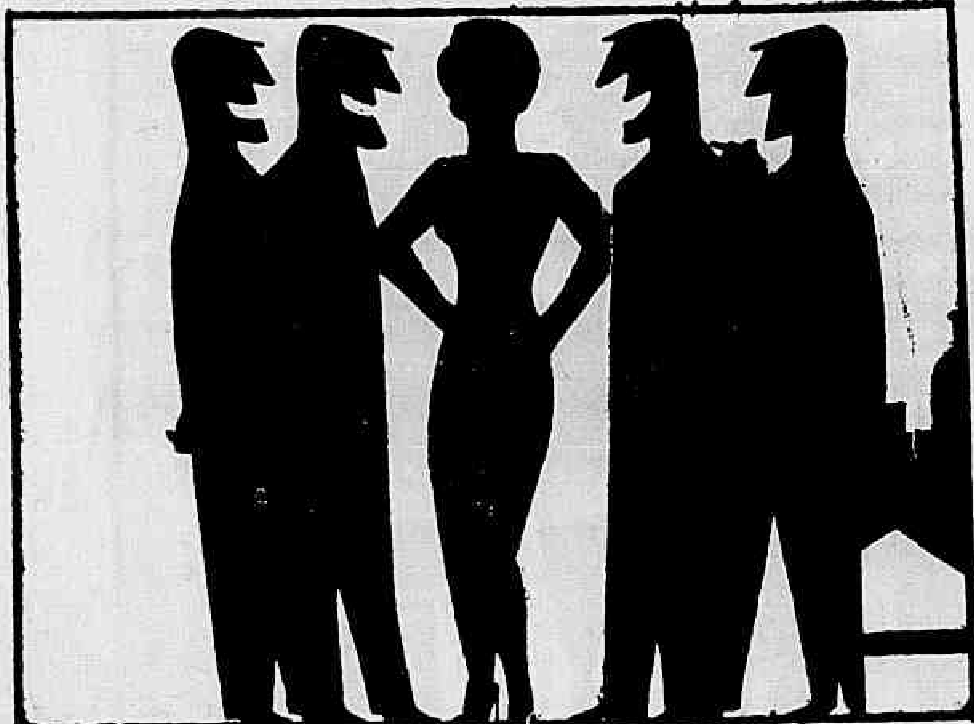


OBSERVANDO-AS DIA APÓS DIA, POR PRESAGIOS, DETERMINAVAM O DESENVOLVIMENTO DA CAMPANHA ...

SUPER FAVÔR: FITA EM SERIE

E PORQUE O
MENTECAPTO DÊSSE SUPER-HOMEM
NÃO CAI DA CAMA
E NÃO MORRE
LOGO DE UMA VEZ
E NOS DEIXA
EM PAZ
E VAI PARA O DIABO QUE O CARREGUE ?

PRETO NO BRANCO



MONOFOBIA

NO REINO DA CEGONHA



A ENTREGA do recém-nascido à orgulhosa mamãe é uma das cenas mais comoventes. «Eis seu filinho, madame». E ela, ri e chora ao mesmo tempo, feliz com a glória de ser mãe.



COM UM sorriso nos lábios, papai e mamãe orgulhosos deixam a maternidade, exultantes de alegria. Lá fora a vida ingrata os espera, mas Deus os ajudará em sua missão sublime.

Sala Fechada

(CONCLUSÃO)

IRENE... sim, foi êste o "caso" da minha vida. Irene, chamava-se a outra mulher. Era muito loura tinha uns olhos verdes como o mar e a voz tremia-lhe ligeiramente tôdas as vêzes que falava dos seus que haviam ficado num país distante. Conheci-a por um acaso. Numa exposição de pintura. Lembro bem que os quadros ali exibidos eram todos incrivelmente ruins. Como entrara, ali, apenas para esperar a hora de um encontro com um cliente, procurei algo mais interessante, na sala, que os quadros. Foi quando a vi. Uma mulher alta, os cabelos louros, cacheados e curtos, vestida num "tailleur" verde. Tinha as pernas bonitas e o busto bem desenhado. Era uma bela mulher, não havia dúvida. Parece que ela compartilhou da minha opinião a respeito das telas expostas. Notando que eu a observava, perguntou a queima-roupa:

— E' o autor dêstes quadros?

Senti o desejo irresistivel de mentir.

— Sou, sim — disse-lhe. Gosta?

Ela fitou-me demoradamente antes de responder. Tinha um olhar penetrante que parecia sondar-me até o fundo da alma.

— O senhor parece inteligente... — declarou ela, depois do exame.

— Então, quer dizer que gosta dos meus quadros?

— Não — rematou ela. Os quadros são ruins. São os únicos que tem?

Imaginei o que faria o pintor naquela situação. Lembrei-me de ter visto num filme um pintor cínico que partilhava da opinião dos clientes acêrca da mediocridade dos seus trabalhos. E disse:

— De fato, são muito ruins. Mas tenho coisa melhor em casa. Gostaria de ver?

Ela mirou-me novamente, profundamente. Neste instante, supus que ela descobrira que eu era um embusteiro. As suas palavras, entretanto, desmentiam isto:

— Gostaria, sim.

Saímos juntos. Falamos longamente sôbre pintura. Ela contou que estivera em Paris e que conhecera Roault pessoalmente, na Europa. Eu conhecia bem a obra de Roault e falamos bastante sôbre o assunto.

— Antes de irmos ao meu atelier, não gostaria de comer alguma coisa?

Entramos numa leitaria e pedimos qualquer coisa fria. Ali, adiante de Irene (ela dissera ser êste o seu nome) surpreendi-me repetindo para mim mesmo que estava apaixonado por ela. Emanava qualquer coisa daquela mulher que me dominava. Não sei quanto tempo demoramos sentados na leiteria, conversando sôbre coisas várias. Só sei que quando retomamos a atenção nas horas, já passava muito da hora marcada para o meu encontro com o tal cliente (eu, nesta época, chefiava uma firma de negócios de arte). Por isso, não me apressei.

— Vamos ao seu atelier, agora?

— Como queira.

Entretanto, como nunca tive atelier nenhum (como poderia ter?), consegui um jeito de arranjar uma desculpa de última hora. E nos despedimos, marcando encontro para o dia seguinte.

No dia seguinte, encontrei-me à hora marcada com Irene. Trazia no bolso a chave do atelier de um amigo meu, pintor sem nome, havia pouco chegado de uma cidade estranha. Não corria o perigo de ser identificado, pois. Lá chegando, Irene olhou tudo com a maior atenção. Parecia ter um olhar de aprovação para tôdas as telas que ali viu, entulhadas por todos os cantos, numa desordem admirável. No final, chegou-se para mim:

Êsses, sim, são excelentes. Eu bem sabia que você era um homem inteligente.

Irene estava vestida com um leve traje de verão. O tecido desenhava-lhe o corpo magnífico. Tinha os lábios rubros e sensuais. E a cabeleira muito loura brilhava ao sol da tarde que penetrava por uma janela aberta. Caminhando por entre a desordem do apartamento, Irene deitou-se num divã que ali havia.

— Por que não pinta um retrato meu? — disse, provocadora.

Deitada no divã, o corpo relaxado, era de uma beleza estonteante. Não disse nada. Desconfiava que ela notara que eu não era nada mais que um impostor. Como não havia pensado antes? inquiria-me. Os nomes dos quadros... os outros e êstes... Irene, porém, provocante e deliciosa, desfizera-se dos sapatos e enroscara-se no divã, como uma gata.

— Não posso deitar-me. Sou uma prequiçosa e quando sinto algo macio assim...

Desejei, naquele instante, acabar com a comédia que representava. Estava resolvido a contar-lhe tudo (se já não sabia, pensava) e terminar de uma vez. Irene, contudo, fitava-me com um leve sorriso nos lábios vermelhos. Julguei que ela tomava meu silêncio por qualquer outra coisa, porque pulou do divã e exclamou:

— Ah, como não me ocorreu antes? Você está fazendo uma série de estudos de uns...

— Eu?... — consegui articular.

— Sim, vi no seu caderno.

— E' isto mesmo — fiz eu.

— Então, apanhe o caderno e o lapis.

Muito desagcitadamente, apanhei o caderno e o lapis. Então, inesperadamente como lufada de ar frio numa estufa, Irene (jamais poderei esquecê-lo) começou a desabotoar a blusa grená (lembro bem a côr)...

Agora, nesta sala fechada, ouvindo as cantigas de rodas das crianças, na calçada fronteira, tudo isto me parece muito distante e vago. Como aparecera em minha vida, Irene tornou a ir-se. Entretanto, pobre Clara! quantas coisas aconteceram naqueles meses. Sim, porque a partir daquele dia eu e Irene nos encontramos diariamente. Um dia, ela me falou:

— Roberto, você é casado?

— Por quê? — inquiri, surpreendido.

— Encontrâmo-nos sempre neste atelier...

— Mas é aqui que eu moro, meu bem.

Irene deu uma risada sonora.

— Não seja tolo. Êste atelier não é seu. E' do Moacir.

— Que Moacir?

— Moacir, o pintor seu amigo, que lhe empresta a chave... Eu o conhêço. Não sabia que eram tão amigos assim.

E' excusado dizer que fiquei boquiaberto com tal revelação. Irene, louca Irene, contou-me então que descobrira tudo desde o primeiro encontro. Antes de mais nada, os nomes dos quadros (os da exposição e os do atelier) não coincidiam. Depois, dias depois, fôra apresentada casualmente a um jovem pintor da provincia que a levara a ver seus quadros...

O meu "caso" (direi assim) com Irene durou seis meses. A cidade inteira comentava-o e Clara sofria calada, com esta estranha resignação que a fez sorrir sempre, demonstrando uma alegria que creio não sentir, em todos os momentos de sua vida. Um dia, chegou-se para mim, simplesmente, e disse apenas:

— Roberto, a semana que vem vou para a casa de papai.

Estranhei a sua atitude, o seu olhar triste e as palavras soturnas que proferia. Perguntei-lhe o que havia. Com uma segurança que só encontrei mesmo nela, Clara exclareceu:

— Não quero ser um estôrvo na sua vida, Roberto. Você ama Irene. Devem ser felizes.

Estupefacto, fiquei plantado no meio da sala, sem poder articular palavra. Então, ela sabia de tudo! E sòmente agora me falava. E de que maneira! Isto abalou-me profundamente. Mesmo assim, voltei a encontrar-me com Irene (agora tínhamos um apartamento que eu alugara para nossos encontros) no dia seguinte e ainda por três dias mais. No quarto dia, debalde esperei por ela. E nos dias subseqüentes, igualmente. Finda a semana, Clara colocou algumas peças de roupa numa mala e partiu para a casa do pai. Naqueles dias, aturdido com o desaparecimento de Irene, estava de tal modo transtornado, que vi minha espôsa sair de casa e não tive uma só palavra para detê-la. As crianças ainda não haviam nascido. Nada me prendia a Clara, pensava eu.

Como eu era cego! Passado o primeiro mês, tive a última notícia de Irene. Chegou-me um postal de Buenos Aires com a saudação: "Robertito, la suya Irene es ahora una buena muchacha. Ha contraído matrimônio". Em baixo, vinha a assinatura larga e voluntariosa que eu tão bem conhecia...

Foram dias de quase desespêro, aquêles. Agora, vejo tudo isto com certo vexame, mas não poderia descrever aquêles instantes de indizivel nostalgia. Eu amara Irene, não como a Clara — um amor terno, mais de companheiros que de amantes. Irene, ao contrário, fôra um amor animal, sexual, de paixão e fogo. E' verdade que isto agora me parece tão remoto como a destruição de Jericó. Mas quero confessá-lo.

(Cont. na pág. 24)

Novela de PÉRICLE LEAL ★ Ilustração de JERÔNIMO RIBEIRO





FACHADA da casa da rua Silva Carvalho, em Lisboa, onde o poeta faleceu. Nela continua residindo a viúva e frequentemente velhos amigos e intelectuais se reunem nesse relicário.



POR ÊSSES degraus saíu o féretro de Guerra Junqueiro, em Silva Carvalho. No interior dessa vivenda, já enfêrmo, foram compostos seus derradeiros versos, alguns ainda inéditos.

GUERRA JUNQUEIRO

NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UMA POLÊMICA EM VERSO COM JOÃO PENHA ★ AS TERTÚLIAS DA "CAMELA" E DO "HOMEM DO GÁS" ★ UM HINO À RAZÃO DE SEIS VINTENS CADA QUADRA ★ RECORDAÇÕES DE GONÇALVES CRESPO.

Por WENCESLAU ROSA

NAS suas *Obras Completas*, **Gonçalves Crespo** nos oferece um preciso retrato da vida estudantil na Universidade de Coimbra. O autor de *Noturnos* revive a figura do poeta João Penha, cujo nome teve grande projeção naquela tradicional cidade portuguêsa. Ambos residiam no mesmo prédio, frequentavam a Universidade e eram grandes amigos.

Mas Gonçalves Crespo não se limita à análise do poeta João de Oliveira Penha; êle evoca também as figuras de Eça de Queiroz, Antero de Quental, Bernardino Machado, Cândido de Figueiredo, Teixeira de Queiroz, Guerra Junqueiro e muitos outros, que foram seus condiscípulos ou amigos. De alguns, em outra parte das *Obras Completas*, traça os perfis em pinceladas sápidas e expressivas.

João Penha, entre todos, mereceu-lhe especial atenção. "Foi o que os jovens engoiados de hoje não são nem podem sê-lo" — diz Gonçalves Crespo. E acrescentou: "Foi moço, riu com o bom riso vermelho que tão bem assenta nos lábios da juventude, teve um estômago gargantuano, teve saúde, teve jovialidade, teve lenda, foi o último estudante de Coimbra. Realizou o *sonho*, a *visão*, o *azul*, em plena vida burguesa e constitucional, não dando ao mundo a importância de se aborrecer nêle, como lhe dizia Eça Queiroz".

Mas ao lado dêsse intelectual brilhante, que mais tarde conquista o grau de bacharel em direito e vai exercer sua profissão em Braga, está Guerra Junqueira, que, desde estudante, se fazia impor pelo seu talento e pelos seus versos magistrais.

Guerra Junqueiro exerce decidida influência na Universidade. E' temido, é admirado. Contudo, no dizer do poeta Gonçalves Crespo, o nome de João Penha encabeça o movimento intelectual do momento. Entre êle e o Guerra Junqueiro surge e desajustamente resultante do valor pessoal, colocando no alto, capaz de arrastar a ambos a uma animosidade velada, que não é rancor, mas despeito.

A noite os jovens dirigem-se para as tabernas. Três são famosas — o *Homem do Gás*, o *Verão de Luxemburgo* e a *Camêla*. Abrigam não só a vivacidade dos moços, mas também a serenidade dos velhos expoentes das letras e das artes.

Certa noite, na taberna o *Homem do Gás*, trava-se um tremendo duelo de epigramas entre João Penha e Guerra Junqueiro. "O caso — escreve Gonçalves Crespo — foi assim: o futuro poeta de *A Morte de D. João* chegara de Lisboa havia dias, e narrava os episódios da jornada... Contava chistosamente as aventuras da sua peregrinação a Val dos Lobos, a sua entrevista com o venerável solitário (Alexandre Herculano), e descrevia com grande abundância de têrmos pícaros as manhas da alimaria que o levou à presença do eminente historiador; depois falou dos literatos de Lisboa, de um célebre passeio a Cintra.

Reparou-se então que João Penha, curvado, com o rosto unido á parede, escrevia na cal...

"Engueram-se todos — prossegue Gonçalves Crespo — e aproximando-se do poeta leram as duas seguintes quadra:

Iam a caminho de Cintra,
Montados num só junmento,
Um vate e um dandy pelintra,
Soltando canções ao vento.

Pára o burro; é como chumbo;
Diz-lhe o bardo "ó gâmbias podres!"
Responde o triste: "sucumbo
Sob o pêso de tais odres".

Guerra Junqueira mordeu o beiço, mas não respondeu: e vai o João e rompe com outro bote:

Junqueiro, que vens de junco.
Tu que és pássaro bisnau,
Não abres o bico adunco?
Pois não me sentiste o páu?

— Espera que eu te ensino, bandido! murmura Junqueiro, e replica:

O Penha borracha
Corria cantando
No dorso de um macho;
Mas eis senão quando
A besta o estira
Na lama da praça,
Quebrou-se-lhe a taça,
Quebrou-se-lhe a lira,
Quebrou-se-lhe tudo.

João Penha estava em guarda, aparou o golpe, e respondeu:

Afinaste a veia chata,
Bebeste o copo de um borco,
E a cidade estupefata
Ouviu o grunhir de um porco.

Inda João Penha não acabara êste último verso e já Junqueiro começava a escrever, furioso, por debaixo da quadra do adversário:

Porco és tu, meu animal,
Porque as vermelhas canções
Que sacas do teu bestunto,
São vermelhos salpicões,
Não são versos, são presunto.

A galeria aplaudiu; ouvindo êstes aplausos, João rugiu ameaçadoramente:

— "Ah! Não estás satisfeito?" e voltou à parede:

Acertou-te a pedra, e de arte
Que te fiz na testa um galo,
E forcejas por vingar-te
Como se vinga um cavalo.

Uma risada colossal fêz estremecer a sala. Junqueiro empalidece e com a sua larga letra convulsiva escreveu:

Dou-te um conselho, Oliveira,
Como estás com muita pressa,
Vai cozer a borracheira,
Meu menestrel de tripeça!

Menestrel de tripeça! Eu! O D. Bigorrilha! e voltando-se para o *Homem do Gás* (o proprietário da taberna): escreve! disse, e ditou:

Tinha há muito um realejo,
Só me faltava um macaco,
Hoje tenho o que desejo
Hei de mostrar-te a pataco...

"Na outra noite — acentua Gonçalves Crespo — o duelo começou de novo e com mais furioso ímpeto; mas o *Homem do Gás*, passados dias, mandou caiar rigorosamente as paredes, para que não viessem estranhos, como ordinàriamente vinham, de dia, ler os versos e profaná-los com o seu riso alvar".

Tais azedumes não constituiam motivo para odiosidade entre os dois poetas. Guerra Junqueiro reconhecia o valor de seu adversário, e tanto assim que, após aquêles duelos em verso, pediu-lhe a composição de um hino. João Penha (aliás João de Oliveira Penha) prontificou-se a escrever o trabalho, que seria o canto de guerra da república dos estudantes. Todavia exigiu ao poeta de *A Musa em Férias* o pagamento em moeda sònante — seis vintens cada quadra.

— Pronto — disse João Penha, mas pelo preço que sabes.

— Qual preço?! disse Junqueiro, fazendo-se de novas.

— Seis vintens cada quadra. E' o preço que te levei pelo hino da filarmônica de Villa Real de Santo Antônio, do Algarve.

— Vá, vá! Mas a pagar no princípio do mês; a soma é importante...

— Nada: há de ser paga e já. *Rubis sur l'ongle!*

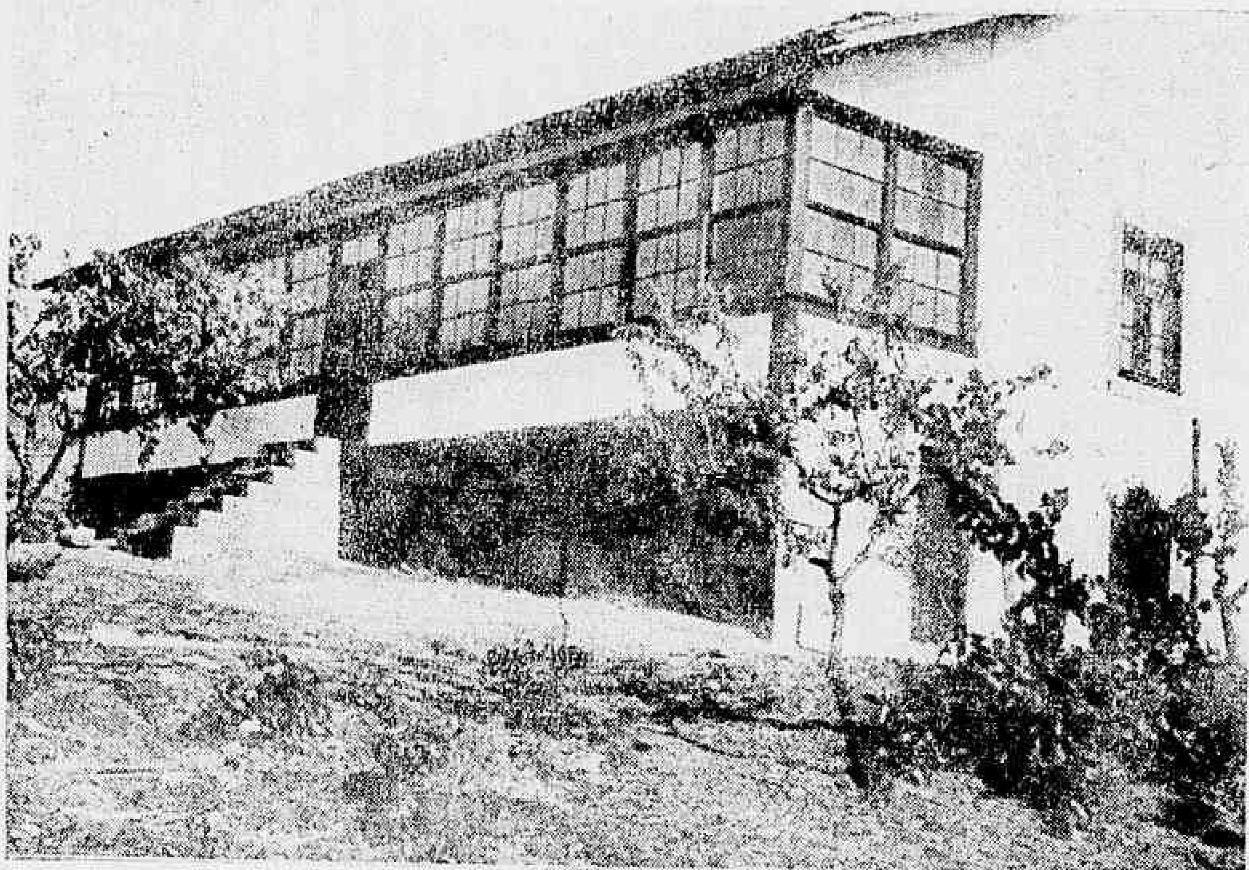
— Homem, levo-te o dinheiro à tarde...

— Há de ser quando eu te entregar os versos; mão por mão, como os rapazes. Bem sabes que não confio em ti.

Junqueiro lançou uma derrama pelo curso e à saída da aula pagou o hino.

A título de curiosidade, transcrevemos os versos do poeta João de Oliveira Penha:

"Ó vós que do canto sois velhos fregueses,
Ouvi destas liras o mélico emprêgo!
Nós somos as gemas, os bifes inglêses,
Os páios das filhas do claro Mondego



VARANDA envidraça na casa da Batoca, debruçada sôbre o rio Douro. Ali Junqueiro trabalhou, vendo-se nas paredes apontamentos de sua mão, entre os quais êstes: «Quanta vida consumida! Quanta quiméra perdida! Quanto sonho, quanta lida! Tudo em vão...» — e «Quantos caminhos trilhados Quantos passos mal andados Quantos ais e quantos brados! Tudo em vão»...

Sorri-nos a vida nos cálices cheios
Dos roixos falernos das parras da Beira.
Sorri-nos a Céres dos túmidos seios;
Sorri-nos dos bosques a Vênus ligeira.

Nos mestos papiros da ciência moderna
A droga se encontra que ao sono convida;
Queimemô-los todos que só na taberna
Os livros se encontram da ciência da vida.

Aos ventos os cabelos! por montes e vales
Corramos ao passo das gregas coréas!
Bacantes das praças rufai nos timbales!
Abrí-nos as portas, gentis Galatéas!"

Gonçalves Crespo, nas suas *Medalhas* (Obra cit., Emprêsa Literária Fluminense — Lisboa), assim nos fixa o perfil de Guerra Junqueiro, então estudante na Universidade de Coimbra:

"Nasceu perto de Espanha; daí vem que a sua fisionomia tem o seu tanto de espanhola.

Nos seus olhos de um pardo vivo e brilhante condensaram-se todos os ardores daquêle sol que morde com beijos de fogo as mulheres da Andaluzia.

A fronte encastoada, tendo como que reflexos, faz-nos lembrar a lisa transparência polida dos espelhos de Siracusa.



CASA ONDE o poeta nasceu, em Freixo de Espada-À-Cinta, ainda conservada, num preito de saudade

E' dali que partem os raios que incendeiam as temerosas armadas da Ignorância, do Fanatismo e da Hipocrisia.

O cabelo curto, corredio, negro: o nariz um pouco pronunciado, ligeiramente aquilino; o bigode áspero e pequeno como o de Scaramouche desguarnece os cantos de uma boca francamente rasgada e onde bastas vêzes desabrocha a flor doentia e satânica do riso de Voltaire. O queixo ousado e enérgico: as mãos compridas, ósseas e fortes.

Junqueiro é baixo como Horácio, como Átila e como Castelar; há todavia no seu pequeno corpo esbelto a linha ondeante e elástica de um *capitan* sanguíneo e resoluto, que no meio desta horrorosa decomposição que atravessamos, parece desafiar o céu e a terra e gritar como o valente do Romanceiro espanhol:

A todos los desafio
Pues a nadie tiengo miedo!

Como é formoso e apropriado o apelido dêste jovem poeta!

"Guerra!"

E assim se fixa o retrato do grande poeta luso, contemporâneo de ilustres vultos da literatura portuguêsa, avivados pela recordação nas páginas do suavíssimo autor de *Miniaturas*, Gonçalves Crespo.

Cêrca de oitenta anos decorreram. "Naquele tempo — é ainda Gonçalves Crespo que nos relata — os estudantes levavam em Coimbra uma vida tempestuosa e dissipada. Coimbra era a ampliação hilariante do célebre quadro de Velasquez *Os borrachos*: a aventura entrelaçava-se à comezaina, o amor à orgia; havia exuberância de fôrça e de mocidade e era preciso empregá-la fôsse em que fôsse. Êste marinhava nos elevadíssimos arcos do Jardim, chegava a um altar onde a devoção colocara um misérrimo. S. Sebastião, arrancava as setas do corpo ensanguentado do Mártir e escrevia por baixo da imagem: basta de sofrimento! Outro descia à cidade baixa, sòzinho, desarmava a ronda dos solenes verdiais, e desancava com a limpeza de um possante varredor de feira minhota a multidão dos futricas, que fugiam espavoridos e em alto berreiro.

Havia revoltas contra os lentes, tramavam-se conspirações nas lojas maçônicas, escreviam-se panfletos, odes, ditirambos, poemas: nos cenáculos discutia-se, com vozes violentas, na escuridão dos quartos, a respeito de Hegel, Spinoza e Kant: bebia-se como Marco Antônio, comia-se como Vitelio; — e quem passasse, à noite, na rua onde morava Antero de Quental, era quase sempre interpelado pelo poeta de *Odes Modernas*, o qual, a cavalo no peitoril da janela, as pernas bamboleantes, o gesto largo e profético, os seus revôltos cabelos de escandinavo palpitando à viração noturna, perguntava estas e outras cousas cabalísticas:

— Sabes quem era Manú? Tens alguma ideia do Imanente? Deus será de fato o imenso mar da substância?





EIS COMO Lisa Perry é despertada por Ted «Sport» Morgan tôdas as manhãs: êle a beija carinhosamente. Ao lado, a jovem e o já famoso «Sport», usando chapéus selemantes. A nossa capa reproduz a foto, verdadeiramente curiosa.

UMA CELEBRIDADE CANINA

TED Sport" Morgan é um cãozinho de três anos de idade, "airdale", isto é, da família dos "terrier". Tem os pelos caraterísticos de sua raça e é dotado de inteligência agudissima capaz de confundir os mais incrédulos em matéria de dotes racionais nos bichos a que erradamente denominamos *inferior*.

"Sport", como é mais conhecido êsse cão, está segurado no "Lloyd's of London", por 150 mil dolares, ou seja, em nossa moeda pelo câmbio oficial, mais de três milhões de cruzeiros. Daí se pode imaginar o que vale o animalzinho. Sua "nurse", miss Lisa Perry, lhe dá uma existência que tem tôdas as similitudes com a de qualquer pessoa civilização e culta.

"Sport" possui conta própria em bancos, dá lições de piano e canto, escova os dentes pela manhã, usa chapéu de acôrdo com

O CÃOZINHO "SPORT" ESTÁ NO SEGURO ★ ASTRO DE TELEVISÃO DENTRO EM POUCO ★ NÃO FALA, MAS PENSA COMO GENTE...

a conformação de seu crânio canino, vai, todos os dias ao escritório da emprêsa da qual é Vice-Presidente, a "American Basket Company", de Nova York, onde tem seu "bureau de trabalho como qualquer cidadão entregue aos afazeres comerciais.

A popularidade do famoso "Sport" é hoje motivo de comentários em tôda a cidade e chamou a atenção de Mr. Roger Hilton, Presidente da "Charles & Rogers Productions, Inc. "empresários de televisão. Mr. Roger já fêz várias propostas ao genial "Ted" Sport "Morgan", a fim de que êle aceite tomar parte em espetáculos de televisão, assumindo o lugar de astro. Mas a proprietária de "Sport", Mrs. Rose Wollman, sua dona, ainda não se comoveu diante das insistências e argumentação dos ofertantes e se mantém impassível, não desejando que seu cãozinho entre na constelação das sumidades do rádio, da TV e do cinema.

Como companheira inseparável, tem êle a simpática sueca Lisa Terry, jovem modêlo e desenhista de chapeus de uma firma novaiorquina. Fla o adora, e "Sport" lhe retribui na mesma moeda. Passeiam juntos, vão a festas, ao Banco, entendem-se maravilhosamente, Ted "Sport" Morgan leva uma existência que nada tem da clássica *vida de cachorro*.



UMA CENA comum de tôdas as manhãs, quando Lisa agradece ao seu amigo a gentileza de a acordar na horinha.



«SPORT» já se habituou aos seus deveres higiênicos e é com muito agrado que abre a bôca e deixa escovar os dentes



SUA «nurse» vai à cozinha para preparar o café ou o pequeno almôço, enquanto «Sport» se mostra algo impaciente...









DEPOIS DO "BREAKFAST" uma aula de piano e canto. Lisa, que é sueca, é louca pela Arte Musical e do bel canto, e "Sport" não faz por menos. Quando ela começa a cantar e tocar, êle a acompanha em dueto, não muito harmonioso.



LISA, que é modêlo e desenhista duma emprêsa de chapéus, não costuma empreender um projeto de moda sem combinar tudo muito direitinho com o cão, confideinte e conselheiro. Ei-los aqui em confabulação e descanço final.



UMA CELEBRIDADE CANINA



LISA, depois dos trabalhos caseiros, vai em seu carro para o trabalho e leva «Sport», como fiel «assistente».



LÁ NA Companhia, «Sport» posa para a objetiva em sua mesa de trabalho, enquanto Lisa desenha chapéus da moda.



NO FIM de um dia de lutas, ei-lo a realizar excelente venda de chapéus a uma, das clientes do estabelecimento.



O TRABALHO de «Sport» não é nada por esporte. E' mesmo duro. Ei-lo inspecionando serviços de embarque de uma



"SPORT" E' ELEGANTE e atencioso. Lisa desenhou um chapéu e uma caixa de vime para êle, e o cãozinho está orgulhoso

Nem CÔRÔA!

O AMÔR ENTRE MORTAIS E DEUSES.

NOS DIAS DE HOJE CERTOS INDIVIDUOS AFIRMAM VER ESPIRITOS. NA ANTIGUIDADE CHEGOU-SE AO PONTO DE SE ADMITIR RELAÇÕES ENTRE ESPIRITOS, ANJOS, DEUSES E DEMONIOS COM MULHERES E FILHAS DOS HOMENS.

NOS PRIMEIROS SECULOS DA IGREJA, S. JUSTINO, ATHENÁGORAS, LACTANCIO E TERTULIANO SE REFEREM AO FENOMENO COMO CASO CONCRETO, AVERIGUADO.

AS RELAÇÕES ENTRE ESPIRITOS E MULHERES, DIZIAM, EXPLICAVA O NASCIMENTO DE CERTOS PERSONAGENS CONSIDERADOS TÃO PODEROSOS QUANTO OS DEUSES.

DANAE, LÊDA E VARIAS OUTRAS MORTAIS MULHERES SE TORNARAM MÃES DE SEMI-DIVINDADES DEVIDO A OPORTUNAS E EXTRAORDINARIAS METAMORFOSES DE JUPITER!...



PENSAMENTO

NADA EXISTE TÃO BEM COMO AQUILO QUE QUEREMOS QUE EXISTA.

DOMÍCIO DA GAMA

A SAÚDE DO BEBÊ

OXIDUROSE NAS CRIANÇAS

DR SABOIA RIBEIRO

A expulsão de lombrigas e a coceira do ânus com visibilidade, até, dos vermes que, à noite, vêm aí excursionar, são duas circunstâncias que, à miúde, fazem com que as mães, sem mais demora, procurem os remédios para as verminoses de seus filhinhos. Com referência ao verme causador da coceira do ânus, trazendo-lhes o desassocêgo do sono, — o *oxiurus vermicularis* — há necessidade do emprêgo de um vermicida adequado, pois por certas peculiaridades e do fato mesmo de viver o citado verme na parte terminal do grosso intestino a medicação tem necessidade de atuar mais diretamente nessa parte, a fim de matá-lo no seu próprio reduto.

A circunstância por que se prolonga a infestação pelo oxiúro é explicável pelo seguinte: as fêmeas vêm pôr nas margens do ânus, e pela coceira que provocam, são os ovos apanhados nas pontas dos dedos e sulcos das unhas, e deglutidos mais tarde, das mãos sujas, vão libertar no estômago um embrião que será mais tarde um verme adulto, que vem viver no grosso intestino e pôr mais ovos nas mesmas condições assinaladas.

Estabelece-se, então, um circulo vicioso.

As roupas de cama enchem-se de ovos, como é óbvio, em muitos casos. E assim é que as crianças, em muitos casos, contraem a infestação de adultos portadores, através da roupa de cama contendo ovos dêles procedentes.

Êsses fatos mostram como se deve proceder no tratamento da oxiurose na criança.

a) Tratamento dos adultos, em casa, porventura portadores.

b) Higiene das roupas de cama.

c) Cortadura das unhas o mais rente, e cuidadosa limpeza das mãos, periòdicamente, no dia e à noite, ao deitá-la, com um bom sabonete antisséptico.

A criança deverá dormir de macacão.

d) *Medicação tópica para ser usada junto ao ânus da criança*, de modo a matar os vermes fêmeas que venham ter aí e se ponham em contato com ela.

e) *Vermifugo de ação específica sôbre o oxiúrus.*

No emprêgo de remédios locais no tratamento da oxiurose, muitas fórmulas existem.

E' recomendável, dentre tantas, clisteres feitos com 60 gramas de uma solução preparada com uma colher das de sopa de vinagre para cem gramas de água fervida. O clister é para ficar retido, pelo que deverá ser usado à hora de dormir da criança.

Não basta um só clister, antes deve ser repetido dez noites seguidas.

Outros empregam a seguinte pomada:

Ungüento napolitano
Lanolina (partes iguais)

Ou essa outra:

Calomelanos	15 decig.
Vaselina	15 gramas

Passar uma ou outra dessas pomadas na parte circunvizinha do ânus.

Finalmente, está sendo recomendado o uso da violeta de genciana em aplicação local como de grande eficiência:

Violeta de genciana ...	1 grama
Alcool a 96	20 gramas
Água destilada	100 gramas



Faz-se um chumaço de algodão, embebe-se nessa solução, e pincela-se o ânus 3 a 4 vêzes ao dia, durante 8 dias. Como mancha as roupas aconselha-se recobrir após, convenientemente, a região pincelada.

Os vermifugos empregados eram, antigamente, à base geralmente de santonina; hoje, entretanto, empregam-se os que têm por base a violeta de genciana ou hexilresorcinol.

Neste particular existem no mercado algumas especialidades, como o Gencitropina, o Oxiuran, o Cristoids (amarelos e vermelhos, respectivamente, para crianças abaixo de 6 anos e acima dessa idade).

O oxiúrus goza a fama de ser um dos vermes mais renitentes ao tratamento mas isso muitas vêzes acontece porque se despreza o tratamento local, sempre necessário, para evitar as reinfestações e, portanto, a perpetuação da verminose.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

E. F. (Nesta) — Os distúrbios gastro-intestinais da criança não se curam com a medicação sintomática, como os adstringentes. Quando não se trata de manifestações ligadas à constituição dela, ou o alimento está mal adaptado, ou se trata de uma infecção. Hoje, empregamos as sulfas sempre que parece tratar-se de um infecção. Desconfiando de disenteria, sòmente o exame das fraldas poderá dar a certeza do germe causador.

R. V. (Itapetininga) — Em crianças nervosas há, realmente, os que aconselham o uso da chupeta, pois admitem que a sensação provocada pelo sugar, desviando-as de outras impressões, as acalma. Nós não a aconselhamos, mesmo nestes casos recorrendo antes aos banhos mornos e outros calmantes e sobretudo instituindo, desde cedo, a disciplina da criança, como quanto ao horário das mamaduras que deve ser, desde a primeira semana, rigoroso.

C. V. (Nesta) — Após o 11º mês pode dar o leite apenas 1 vez e assim até o 15º mês. Com o leite em pó pode fazê-lo assim: — 225 gramas de água, 3 colheres-de-chá de farinha, 3 colheres-de-chá de açúcar. Cozer 5 minutos e juntar 5 medidas do leite em pó, batendo bastante, mas sem ferver (às 7 horas, por exemplo). Às 11 horas, comida de sal, variada; às 15, frutas, e às 19, uma sopa. Às 20 horas, cama.

O JÔGO

OLHEI para o traste humano, derreado em uma poltrona, que me ficava em frente. O cabelo em desalinho, o colarinho desabotoado e a gravata fora do lugar.

Conhecia Ricardo há muitos anos. Tinhamos sido vizinhos na mesma rua e freqüentáramos a escola juntos. Aquela tara pelo jôgo, manifestava-se nêle, quando era inda um pirralho de calças curtas, o que é surpreendente, pois seu pai, um puritano extremado, educara os filhos sob os rígidos princípios desta seita religiosa. Por mais que fizesse porém, o sr. Charles não conseguiu sofrear os impulsos irrepremíveis do filho, e Ricardo crescera entre as sensações dos ambientes pesados da jogatina. Tive ocasião de vê-lo algumas vêzes numa roda de poker. O rapaz, que de comum era alegre e despreocudado, transfigurava-se. O corpo largado sôbre a cadeira e os cotovelos apoiados displiscentemente em cima da mesa, afetavam despreocupação. O olhar porém, refulgia de uma luz estranha, fixando sem pestanejar as cartas que ia fazendo surgir habilmente entre os seus dedos. Jogava como o melhor dos profissionais e sòmente o mais arguto observador, poderia notar o imperceptivel tremor que se assenhoreava do meu amigo, conforme a sorte o estivesse favorecendo ou não. Nesta posição, sem arredar-se do lugar, passava a noite e às vêzes mesmo o dia, até que o último companheiro de jôgo, esgotado e sonolento, resolvesse recolher-se. Apezar de ser um dos únicos amigos de Ricardo, passava semanas inteiras sem ter notícias dele, e quando aparecia, geralmente abatido pelas longas noites de sono perdido, passeávamos juntos, trocávamos idéias, conversávamos sôbre vários assuntos, excepto a respeito daquela sua fraqueza pelas cartas. Isto era um acôrdo tácito entre nós, e talvez por isso, êle me procurasse durante os três ou quatro dias que tirava para refazer seus nervos desmantelados pela tensão que o vício exigia. Foi assim, até que um dia tive que embarcar para São Paulo e o perdi de vista. Anos mais tarde, ao voltar para o Rio, soube com satisfação, que Ricardo casara, abandonando completamente o jôgo. Foi grande a minha surprêsa pois, ao vê-lo bater em minha porta, alta hora da noite, descomposto e visìvelmente desesperado. Ricardo, fixou-me por bastante tempo, antes de prosseguir com voz pastosa sua narrativa:

— Casei-me com a Neide, aquela moça que morava na esquina da nossa rua... Você deve lembrar-se dela... — realmente, recordava-me muito bem da espôsa do meu amigo, uma morena de grandes olhos meigos. Esta moça, desde menina que atraia a atenção de Ricardo, mas julgava que nada de concreto resultasse daquele namoro de infância. Qualquer um concluiria da mesma maneira se conhecesse como eu, a profunda paixão que Ricardo dedicava ao jôgo. Lendo-me os pensamentos, êle adiantou-se:

Pela vida que levava, não merecia ter a espôsa que possúo. Eu jurei-lhe que abandonaria o vício e julguei que cumpriria a minha palavra. Neide parecia ter-me arrancado das entranhas, o mal que me corroia por dentro. Conseguimos ser alguns anos felizes. Do nosso casamento, nasceu um menino, um filho que passou a ser a alegria e a razão de viver de minha mulher e do amigo que lhe fala... Com esfôrço, amealhamos uma economia bastante razoável e tudo ia bem, até que há duas semanas atrás, voltando para casa com uma importância considerável que o patrão me confiara para colocar no banco no dia imediato, encontrei-me com alguns companheiros dos velhos tempos. Entre um e outro copo de chope, alguem sugeriu maliciosamente um "joguinho". Sorri da pilhéria, mas ante a insistência de meus amigos, aceitei um jôgo de brincadeira para provar-lhes que estava realmente curado. Você há de dizer que agi como um ingênuo... um insensato... Talvez seja... Talvez que, minha segunda natureza, o vício, me obrigasse a aceitar êsse desafio infantil. Como é fácil de prever, os ânimos exaltaram-se e o "poker" de brincadeira, transformou-se num jôgo de apostas vultosas. Esqueci-me inteiramente da Neide e de meu filho. Voltava a ser o mesmo jogador de outrora, arriscando nome, reputação e minhas parcas finanças em uma única rodada. Quando quis controlar-me era tarde. Estava num dia infeliz e perdi todo o dinheiro que trazia comigo, inclusive aquêle do qual não deveria dispôr.

Ricardo fez uma pausa para enxugar com as costas das mãos a testa porejada de suor.

— "Nêsse dia cheguei em casa ao amanhecer. Minha mulher esperava-me com os olhos marejados de lágrimas. Não lhe foi difícil adivinhar o que sucedera. Regularmente carregava comigo grandes quantias da casa comercial onde trabalhava e mais de uma vez Neide me prevenira contra as tentações e os perigos a que me achava exposto. Resolutamente ela se dispos a cobrir o meu desfalque com as economias que possuiamos. Tivemos também que hipotecar a casa que conseguiramos comprar com sacrifícios. Neide animou-me. Principiariamos de novo. Entretanto não pude conformar-me à idéia de ter que juntar outra vez, aquilo que nos custara tantos anos de luta e privações. Um ardente desejo de forra, dominou-me inteiramente. Por mais que procurasse fugir, à tentação de recuperar os prejuizos daquela maneira, era inútil. Há cinco dias atrás, ia fazer um novo depósito no banco. Achei que a grande quantidade de dinheiro que trazia me possibilitaria recuperar o que havia perdido em poucas horas de loucura. Mas fui infeliz novamente e desta vez sem poder repôr o desfalque. Você pode imaginar o que se passa comigo desde então... Ameaçado de prisão e deixar os meus na miséria, pensei várias vêzes em por fim a esta situação angustiosa, estourando os miolos... Há cinco dias que venho pensando sèriamente em dar cabo da vida... Há cinco dias que abandonei minha casa, minha mulher e meu filho..." — A voz embargada de Ricardo transformou-se num soluço convulsivo e o pranto principiou a sacudí-lo violentamente. Em silêncio, deixei-o dar vazão à crise de nervos que o arrebatara e fiquei olhando apreensivo para o volume suspeito que vislumbrei no bolso do seu casaco. Aos poucos, Ricardo foi serenando. Continuei porém, de sobreaviso, pois, estava com o pressentimento de que ia dar-se uma tragédia. Êle pôs em mim os olhos esgazeados e prosseguiu:

— "Hoje, com um resto de dinheiro que consegui subtrair da casa, pois o patrão não deu ainda pelo desfalque que fiz, fui para um jôgo clandestino num subúrbio distante. É coisa estranha; ganhei muito. Ganhei três ou quatro vêzes a quantia que perdi anteriormente". — E metendo as mãos nos bolsos num gésto rápido, principiou a esvasiá-los, espalhando dinheiro pelo chão, dinheiro em quantidade como nunca me fora dado ver.

Fixei Ricardo. Exigia uma explicação para tudo aquilo. Se êle ganhara, não via razão porque trazia ainda no olhar aquela expressão de angústia. Como se tivesse advinhado meus pensamentos, meu amigo arrematou:

— Vim procurá-lo para que você me acompanhe e me ajude a dizer a minha mulher, que realmente ganhei êste dinheiro... E' preciso que ela acredite também, que nunca mais voltarei a jogar... Nunca mais...

Entretanto, apesar, desta declaração patética, Ricardo não podia evitar que suas palavras traissem a dúvida em que êle próprio se debatia...

Conto de
BRUNO PAVEL

Ilustração de
OSWALDO
DA CUNHA





MARIA FELIX está agora filmando na Itália. Aqui a vemos com as roupagens Século XVIII para o filme «Oliva, Incantesimo Trágico», dirigido por Mário Sequi, onde faz uma jovem seduzida pela riqueza. E na vida real, Maria Felix possui jóias avaliadas em mais de um milhão. Mas o maior tesouro da artista mexicana está na beleza invejável que realmente possui.



GRÁFICAS DE CINEMA

UM punhado de pequenas notícias cujas ilustrações damos nestas páginas: Maria Felix está fazendo furor no cinema italiano. A repercussão de seu sucesso em «Enamorada», foi tal, que imediatamente lhe ofereceram contrato para duas filmagens, a primeira das quais está concluida. Maria Felix é a protagonista de «Oliva, Incantesimo Trágico», em que tem o papel de uma jovem humilde fascinada pelo luxo. Sua celebrada beleza vem provocando verdadeiros conflitos entre as mais ilustres colegas dos estúdios italianos — No Festival Cinematográfico de Cannes, a nota de sensação foi dada pelo sempre em evidência Príncipe Ali-Khan. Quando se pensava que andasse roido de saudades e despeitado pela fuga espetacular de Rita Hayworth, disposta a requisitar divórcio dos Estados Unidos, eis que o príncipe aparece na festa de gala do Ambasciatori, promovida pela delegação do cinema italiano, e em que figuraram as maiores personalidades da Cote d'Azur. Ali-Khan dansou a noite inteira com as mulheres mais belas que ali se encontravam, talvez disposto a mostrar que não ligava muito ao desaparecimento de Gilda... E um de seus pares mais freqüentes nessa noitada, foi a Princesa Maria di Borbonne-Parma. — A cançonetista francesa Edith Piaf acaba de tornar-se artista de teatro intrprtando com geral agrado um papel de responsabilidade na comédia musical de Marcel Achard, intitulada «La Petite Lili». Antes de aderir ao palco de comédia, Edith estêve em Nova York, cantando no Versailles, onde Jean Gabin a cumprimentou com efusiva alegria. Houve disse-que-disse, mas tudo não passou de perfidia. — Glória Swanson está sempre em ordem do dia, agora, depois de seu reaparecimento consagrador em «Sunset Boulevard». Quando Glória apareceu no baile anual do Hotel Plaza, em benefício da Academia Nacional de Teatro Americano, foi recebida com a mais estrepitosa salva de palmas da noite. Acredita-se que a veterana «estrêla» faça seu reaparecimento num palco da Broadway, vivendo o mesmo papel que lhe marcou essa volta ao cinema de maneira tão feliz.

← **AQUI ESTÁ** o príncipe Ali Khan distraindo-se no Festival de Cannes, para matar saudades de Rita e dansando com a Princesa Maria di Borbonne-Parma.



PATRÍCIA WYMORE, depois de realizar um cruzeiro recreativo com Errol Flynn, no iate do «astro». Casaram-se em outubro e a lua de mel ainda não terminou.



JUDY HOLLYDAY e José Ferrer, considerados respectivamente a melhor atriz e o melhor ator, no julgamento da Academia de Hollywood, em 1950. Judy procura brincar com o nariz do ator que alcançou aquêle prêmio pela filmagem de «Cyrano de Bergerac».



JEAN GABIN felicita a cançonetista francesa Edith Piaf, que vem de estrear em Nova York, na comédia «La Petite Lili». Também canta no «Versailles».



TILDA THAMAR, atriz francesa, protagonista do filme «A Dama da Orquidea» é a grande revelação da temporada feita pelo diretor Marcel Carné.

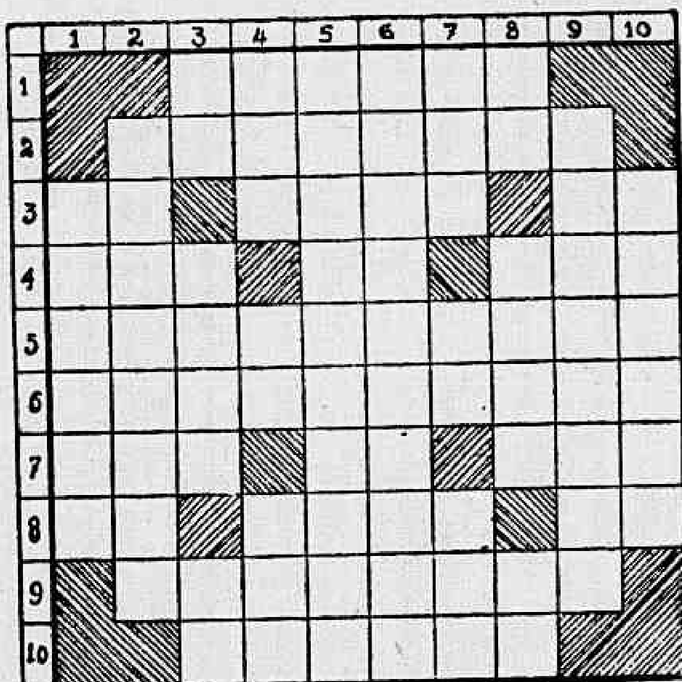


EZIO PINZA e ISA MIRANDA, um casal de artistas italianos que maior sucesso têm alcançado na América do Norte. O último êxito de Isa foi a comédia «Mike McCauley», que brevemente será transportada para o cinema, onde ambos viverão os protagonistas.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 56 - PARA VETERANOS

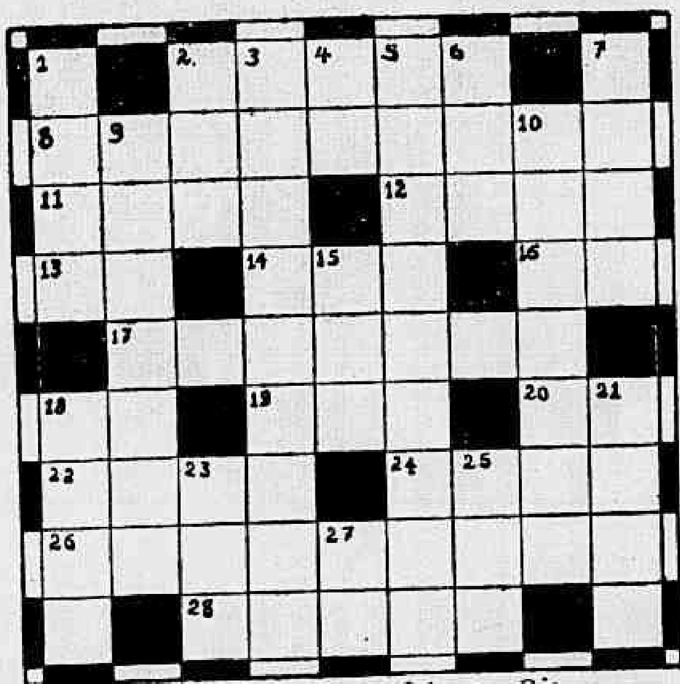
HORIZONTAIS: — 1. Lingua dos ciganos do Ocidente da Europa — 2. Título do 50º salmo de David — 3. Medida itinerária do Japão; Rezam: Título do soberano da Persia — 4. Sufixo que denota abundância; Postura; Rio da Africa, afluente do Niger — 5. Árvore silvestre, de madeira listrada — 6. Nome de uma árvore (pl.) — 7. Conjunção; Escalvado; Espécie de palmeira — 8. Vogar; Menino ou menina; Pêso romano de doze onças — 9. Desenterraram — 10. Rei do Egito, 569 a 526 A.C.



VERTICAIS: — 1. Lingua de ciganos — 2. Salmo deprecatório, que significa «tende piedade de mim» — 3. Graceja; Pregam; Título do rei do Iran — 4. Sufixo que quer dizer «cheio de»; Aparência; Contração — 5. Árvore silvestre — 6. Árvore do Brasil (pl.) — 7. Também não; Descalço; Airi — 8. Seguir; Menina de tenra idade; Corifeu — 9. Tiraram do esquecimento — 10. Nome de dois reis faraós.

★

PROBLEMA N.º 56 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 2. Irmãos — 8. Da América — 11. Compartimento de uma casa — 12. Acolá — 13. Outra coisa — 14. Título abissínio — 16. Símbolo do gálio — 17. Sem vontade — 18. Brisa — 19. Criado grave — 20. Símbolo do cobalto — 22. Davam risadas — 24. Espécie de flauta usada pelos tziganos rumenos (pl.) — 26. Espécie de papagaios (pl.) — 28. Planta da família das Aristoloquiáceas.

VERTICAIS: — 1. Morada — 2. Doçura — 3. Caipiras — 4. Símbolo do niquel — 5 Causar — 6. Cloreto de sódio — 7. Cidade Eterna — 9. Impaludismo — 10. Comercia — 15. Lá — 18. Instrumento de ataque e defesa — 21. Qualquer parte do esqueleto — 23. Lavra — 25. 12 meses — 27. Aqui.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 55

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Ob — Lumpo — Re — Relambórios — Teuto — Idealista — Aca — Agá — Ortopedia — Arenã — Logradeiras — As — Arear — Mó.

VERTICAIS: — Mor — Ambulipedes — Mês — Belicosos — Late — Umea — Poti — Ores — Roçagaram — Dar — Tai — Tara — Orar — Ênea — Dair — Dar — Sol.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS e VERTICAIS: — Nobilitar — Opereta — Berivá — Em — Irete — Ata — Leve — Crer — Ita — Ciara — Ta! — Aratim — Eteriza — Ramaramas.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» - PALAVRAS CRUZADAS.

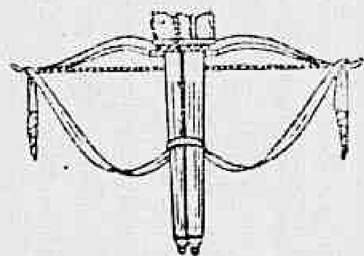


EM PRIMEIRO plano, Glória Swanson, e ao fundo, Lily Pons, como apareceram em Nova York, no baile anual em benefício da Academia Nacional de Teatro Americano, realizado no Hotel Plaza. Glória está em grande evidência desde «Sunset Boulevard».



SPENCER TRACY e a espôsa, por ocasião da «premiére» de seu último filme «Father's Little Dividend», com o qual se admite que o veterano ator tenha encontrado a sua grande oportunidade para uma completa reabilitação artística na tela.





HARMONIA DE DISTINÇÃO E BELEZA

Promesa

★ PÓ DE ARROZ ★

MYRURGIA



DAS MEMÓRIAS DE ORFEO

O ciúme é um mal — dizia-me um especialista em psicologia amorosa. O ciúme vai roendo o amor, como um verme.

★

Não estamos de acôrdo: o ciúme só começa a fazer mal ao amor, quando o amor começa a não existir. Não há, certamente, nada mais incômodo do que o ciúme de quem não se ama. Mas, o ciúme da criatura amada, por mais exagerado, por mais injusto e, mesmo, por mais grosseiro que seja — só causa orgulho, vaidade, alegria. E' sempre a mais indiscutível de tôdas as provas de amor. As outras tôdas podem ser fingidas.

★

Desconfiemos, portanto, quando a criatura amada se confessar desgostosa com os ciúmes que se tem dela. Isto quer infalivelmente dizer que seus sentimentos afetivos estão desaparecendo — ou que já não existem.

★

Realmente, sendo o amor a entrega total de uma criatura a outra, com desprendimento, submissão, devotamento completo, nada que vem daquela a que o amoroso se entrega — pode fazer mal, por mais injusto que seja. E o ciúme da criatura a que se ama verdadeiramente é aquela prova mais grata que podemos ter da correspondência de seus sentimentos.

★

Verdadeiramente — eis o advérbio. Quem protesta contra os ciúmes que inspira — não ama verdadeiramente.

★

Amor é entrega absoluta. E' uma forma de escravidão integral, de um ser por outro, às vêzes com reciprocidade. Nesse amor, que nos aproxima do absoluto, do infinito, do eterno, das mais transcendentes abstrações — já se contém o ciúme. Já se contém o ciúme, porque, nesse amor, tudo já existe: as energias que o engrandecerão e as fôrças que poderão destruí-lo

★

Amar e conservar a sua liberdade — é um comodismo incompatível com o amor: ou representa uma negação categórica do sentimento afetivo ou um impulso subconsciente do espírito de aventura.

★

O amor verdadeiro se engrandece, abdicando de tôdas as liberdades. Dá tôdas as explicações. Aceita tôdas as limitações. E' como um lebreu, estendido aos pés da criatura amada.

SUGESTÕES VARIADAS













NESTAS duas páginas estampamos algumas variadas e elegantes sugestões; na página ao lado temos, em cima, à direita, dois modelos para "cock-tail" em duas peças; em baixo, alguns modelos variados próprios para passeio. Nesta página, à esquerda, modêlo em lã cinza debruado nas mangas e no casaco, com peles. Em cima, "tailleur" em lã cinza, de linhas simples e elegantes; à direita, um casaco amplo e bem confortável em lã amarelo canário; finalmente, à direita, um modêlo em fina casemira cinza de inspiração chinesa.









MODELOS EXÓTICOS

Os casacos para esta estação são de diversos feitios e tamanhos. Usam-se modelos dois e três quartos ao lado de casacos compridos. Cada um dos modelos aqui apresentados, caracteriza-se por uma excentricidade, sobressaindo o modêlo que é abotoado na frente, com botões fingindo pedaços de madeira. Por êstes modelos pode-se apreciar a variedade de estilos que aparece. Finalmente na foto à esquerda, do alto da página, um modêlo para passeio em lã prêta, com grande gola e punhos de fustão branco.







VARIADAS e sugestivas são as criações apresentadas nesta página, executadas em veludo e em tafetá, tôdas elas apresentam um aspecto moderno e linhas bem originais. **Em** cima, modêlo em veludo negro, faixa em pesada sêda do mesmo tom, blusa em setim com «pois», modêlo em setim negro com grande casaco em tafeta, com «pois» branco. Em baixo, duas criações em veludo, em casaco e um modêlo para passeio.



VARIADOS





A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

VARIZES EM SENHORAS

E HEMORROIDAS EM GERAL



Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das varizes. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males hemorroidários (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Para varizes (nas pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. Para hemorróidas use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



Hemo-Virtus

H-10-4 Ag. Pettinati

MAIS uma vêz repetimos: O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Essa advertência precisa ser renovada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não pertencem mais ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, informando que suas reportagens seriam publicadas em nossas páginas. Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exibida pelos interessados.



LYTOPHAN

COMO APRENDER A DANÇAR



4.ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

WEEK-END

SALADA MISTA COM MÔLHO DE MAIONESE

Faça uma maionese de legumes picados. Cubra com ela o fundo do prato de salada. Sôbre essa maionese uma camada de alface picadinha. Sôbre a alface, decorando, colocar rodelas de tomate e sôbre cada rodela uma colherada de maionese com uma ervilha em cima.

MIGAS

Socar 2 ou 3 dentes de alho com um ramo de coentro. Forrar o fundo de uma sopeira com fatias de pão conservando a casca. Colocar sôbre as fatias de pão o alho e o coentro. Cortar em rodelas um ôvo cozido e colocar por cima. Acrescentar 1 xícara-de-chá de azeite e despejar por cima um caldo bem quente.

SOPA DE CASTANHAS

Leve a cozinhar 250 gr de feijão branco e 250 gr de castanhas sêcas, água e sal; quando estiver cozido, faça um refogado com uma concha de azeite, uma cebola picada miudinha, deixando que esta se frite no azeite. Tempere a sopa nesse refogado.

MAIONESE EM FORMA DE MARGARIDA

Forre um pratinho com alface picada. Coloque uma camada de frios picados, com a superfície bem lisa. Corte um ôvo no sentido do comprimento em seis pedaços longos. Passe a gema pela peneira e arrume no centro dos frios como miolo. Ao redor as claras com a parte côncava para baixo, imitando as pétalas da margarida. Entre uma e outra, uma folhinha de agrião. Fazer o caule com um raminho de agrião. A alface deve ser temperada com azeite, sal e limão.

MARMELADA GELÉIA

Com 50 marmelos e igual pêso de açúcar, faz-se uma marmelada da seguinte forma: Corta-se o marmelo em quatro pedaços, tiram-se-lhe as sementes e depois partem-se os pedaços bem miúdos, aferventa-se em um pouco de água quente. Quando estiver bem cozido, peneira-se, mistura-se o açúcar e leva-se ao fogo para dar ponto, que não deve ser muito duro, para poder cortar-se com facilidade.

LICOR DE AMEIXA ROXA

Ameixas roxas, 1 kg de açúcar, 1 litro de álcool de 40°. Faz-se ficar em fusão no álcool, durante um mês ou mais, cuidando-se para que a côr não fique muito carregada. Se ficar, pode substituir-se algumas ameixas roxas por outras amarelas. Fica um licor muito lindo e gostoso.

CARNE ENROLADA

Bate-se bem um pedaço de carne, de preferência o lombo. Rechease com mostarda preparada (verdura), ovos cozidos e fatias de mortadela. A mostarda deve ser cozida com uma pitada de bicarbonato e muito bem batida. Enrola-se bem a carne, costura-se e leva-se ao fogo para ser frita.

SALAME ITALIANO

Corta-se a carne de porco á máquina, na quantidade que se quiser. Corta-se à mão o toucinho, em pedaços quadrados, mistura-se com a carne, tempera-se com alho, sal, pimenta do reino (parte inteira e parte moída) e gengibre. Deixa-se uma noite e um dia para entranhar bem o gôsto dos temperos. Deve ser preparado em tempo frio. Enchem-se tripas grossas, que não devem ter mais de 60 cm de comprimento. Enche-se bem apertado, retirando o ar com espinho de limeira ou de laranjeira. Numa das extremidades, faz-se uma laçada para pendurar. Deixa-se orear bem e depois mergulha-se na cêra branca derretida. Quem quiser pode passar por cima papel prateado. Dura muito tempo e fica absolutamente igual ao que vem das colônias.

TORTA ALMOFADINHA

250 gr de açúcar, 6 ovos, 1 ponta-de-faca de canela, 150 gr de amêndoas bem picadinhas, 3 colheres-de-sopa de rum, 200 gr de farinha de trigo, a casca ralada de meio limão.

Batem-se durante 20 minutos as amêndoas com o açúcar, canela e



ovos, juntando-se então o rum; aos poucos, a farinha peneirada com 1 colher-de-chá de fermento.

Põe-se em fôrma untada, guarnece-se com amêndoas picadas e assa-se devagar em forno regular.

BEIGNETS DE SEMOLINE

70 gr de semoline, 1/4 de litro de leite, 25 gr de manteiga, 30 gr de açúcar, casca de limão, 2 gemas. Cozinha-se a semoline no leite e junta-se a manteiga, as gemas, a casca de limão, o açúcar, um pouco de farinha. Mexe-se bem, formam-se as bolinhas, passam-se pelos ovos batidos e pela farinha de pão e fritam-se em gordura quente.

CREME DE CHOCOLATE COM BOLAS DE NEVE

150 gr de chocolate ralado, 100 gramas de açúcar, 1 colher-de-sopa de maizena, 4 ovos, 1 litro de leite, 60 gr de açúcar.

Mistura-se o chocolate, o açúcar, a maizena, junta-se ao leite frio e mexe-se bem. Batem-se bem 3 claras em neve, misturam-se pouco a pouco 60 gr de açúcar e cozinha-se às colherinhas em leite fervendo durante uns 4 minutos, virando-se as bolinhas com cuidado para não desmanchá-las.

NA COZINHA

Tiram-se então para um prato as bolinhos e despeja-se a mistura de chocolate no leite fervendo, mexendo-se por uns dois minutos. Despejam-se depois sôbre as gemas batidas, e deixa-se cozinhar mais um pouco sem deixar ferver. Bate-se depois até esfriar e serve-se em vasilha de cristal.

Colocam-se por cima as bolinhas de neve.

PÃO DE MESA

5 xícaras de farinha de trigo (meio quilo), 1 colher-de-sopa de açúcar, 1 colher-de-sopa de manteiga (bem cheia), 1 ôvo, 1 colherinha-de-chá rasa de sal, 1 copo de leite, 30 gr de Fermento Fleischmann (1 tablete e meio).

Nota: — O fermento deve ser dissolvido no leite. Misturar todos os ingredientes, sem amassar, com uma colher, até ligar bem.

Untar uma fôrma (de preferência comprida) com manteiga. Colocar a massa e cobrir a fôrma com um pano, deixando em lugar quente até crescer o dôbro.

O forno deve ser ligado antes, alguns minutos, e, quando estiver quente, abrandá-lo, para, então, colocar a fôrma.

Assar durante 15 a 20 minutos mais ou menos.



MASSA PARA FRITURA

Junte 2 xícaras-de-chá de farinha, 1 de leite, 1 pitada de sal, 1 ôvo. Bater todos êsses ingredientes misturados, juntando 1 colher-de-sopa de azeite. Deixe descansar um pouco e frite aos pedaços em gordura fina, passando depois por uma calda perfumada ou fazendo salgadinhos; recheando e fritando como pasteizinhos.

FRIGIDEIRA DE CAMARÕES

Deixe refogar bem os camarões até ficarem cozidos. Bata 5 ovos, ou os ovos suficientes para cobrir os camarões. Deixe fritar e sirva.

TORTA DE AMEIXAS DO PERIGORD

Deite de môlho 450 gr de ameixas pretas sêcas, durante algumas horas. Depois, parta-as ao meio e tire-lhes os caroços. Leve ao fogo numa caçarola, com ½ xícara de vinho tinto, ½ xícara de água, 200 gr de açúcar mascavo e deixe cozinhar até a calda ficar grossa. Junte 150 gr de passas sem caroços e embebidas num cálice de água ardente boa, ou rum. Se não quiser, as passas poderão ser suprimidas sem prejudicar o doce. Prepare a seguinte massa:

Pâte brisée: Bote numa tábua 250 gr de farinha peneirada. Faça um poço no meio e aí deite ½ colher-de-chá de sal, 1 colher de açúcar, 1 ôvo inteiro e 2 colheres de manteiga. Misture tudo com as mãos e junte ½ xícara de agua morna e vá amassando, até formar uma massa lisa e branda. Faça uma bola ràpidamente. Divida em 3 pedaços e torne a reunir em bola. Polvilhe então de farinha e deixe repousar 1 hora dentro de um pano umedecido e polvilhado e depois abra-a com o rôlo. Corte uma rodela, e coloque dentro de um aro de torta sôbre o tabuleiro, depois, pique com a faca para o fundo não estufar. Forre também o aro com uma banda de massa e encha a fôrma com as ameixas e com as passas. Faça por cima um gradeado de tiras de massa, dobre as bordas para dentro com um garfo, e doure com gema, por meio de um pincel e leve a assar no forno.

CANUDINHOS DE FRANGO

Com 250 gr de farinha, 1 colher de manteiga, ½ colher-de-chá de sal e leite quanto baste, faça uma massa para pastel. Faça canudinhos e recheie, com o que quiser.

COLCHÃO DE NOIVA

6 ovos, 6 colheres de açúcar, 5 colheres de farinha de trigo.

Batem-se as claras em ponto de neve, juntam-se as gemas, bate-se um pouco e acrescenta-se uma colher de açúcar para cada ôvo. Bate-se muito bem e junta-se a farinha de trigo. Mistura-se e vai ao forno em fôrma untada com manteiga. Já deve estar pronto um doce de ovos, que se espalha em cima do pão-de-ló ainda quente e vai-se enrolando com cuidado para não quebrar. Tira-se da lata, arruma-se num prato, enfeitando com merengues e passando um laço de fita branca no centro.

SOPA D. EMILIA

Faz-se um caldo com banha, água quente e cebola cortada em rodelas. Põe-se a massa em maior quantidade do que para qualquer outra sopa. Deixa-se cozinhar bem, engrossa-se com 3 gemas e uma colher de vinagre. Acrescenta-se também uma colher de manteiga e azeitonas.

BORRACHOS COM PALMITOS

Tome uns 8 borrachos, limpe, tempere com sal e leve a tostar na manteiga até ficarem dourados. Junte então os miúdos, 2 colheres de água, tampe a caçarola e deixe em fogo brando até ficarem tenros. Cozinhe uns 3 ou 4 palmitos em água, sal e limão (ou compre de lata, mas escalde antes de empregar), escorra e leve ao fogo com 2 colheres de manteiga amassada com 3 gemas cozidas. Junte as claras picadinhas e despeje no centro de um prato. Parta os borrachos pelo meio e deite, ao redor dos palmitos, e bem no centro coloque os miúdos. Junte ½ colher-de-chá de farinha na caçarola, toste um pouco, molhe com umas 4 colheres de caldo, misture para dissolver o tostado e despeje apenas sôbre os borrachos.

SAIRÁ EM JULHO!

O Álbum de A CENA MUDA

3.º NÚMERO - EDIÇÃO DE 1951



COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE

CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.

— Biografias completas no verso de cada foto.

— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.

— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JA' O SEU EXEMPLAR

BANCA DE JORNAIS DE SUA CIDADE

A MAIOR EQUIPE

de Cronistas, Técnicos e Dirigentes já reunida na Imprensa Esportiva produziu o

ANUÁRIO ESPORTE ILUSTRADO

PARA 1951

TUDO SÔBRE FUTEBOL E TODOS OS ESPORTES AMADORISTAS

OITENTA PÁGINAS FARTAMENTE ILUSTRADAS

À VENDA POR Cr$ 10,00

EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL

Pedidos, mediante vale do correio á Cia. Editora Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15 - Lapa - Rio

Os móveis representam a vida do seu lar, e o óleo de peroba a vida de seus móveis.

VASO RUIM . . .

(Cont. da pág. 47)

era avião). Mas ficou desapontado porque o bicho, depois de tanta facêta, ficou sem um arranhão, apenas empoeirado, digno de um banho. E nada para os jornais; não é uma pena?

A presente história nos foi contada pelo próprio Assaf, no Albatroz, na presença de Humberto Teixeira, que está precisando pensar no assunto desta reportagem...

Não afirmamos coisa alguma. Sabemos que boa gente é essa que teve a vida por um fio. Entretanto, é oportuno lembrar o adágio: "Vaso ruim não quebra". Mas que êles se quebraram nos desastres, lá isso quebraram, não resta a menor dúvida ..

SALA FECHADA

(Cont. da pág. 21)

Um dia, encontrei Clara, por acaso, numa das ruas da cidade. Saudamo-nos. Ela, sorridente (havia emagrecido, contudo), estreitou-me as mãos, com efusão.

— Roberto, quanto tempo!

Achei que ela era muito infeliz. Eu também o era. Começara a curar-me das feridas deixadas por Irene. E, naquele instante, soube o quanto amava Clara. Sentia-me o mais estúpido de todos os homens por ter-me deixado enredar nas têias de uma aventura inconseqüente de colegial. Ali mesmo, no meio da rua (muita gente parou para ver e alguns ainda, há alguns dias recordaram isto para Clara e ela veio me falar, bem humorada) tomeia-a nos braços, beijei-lhe o rôsto, os lábios, os olhos e pateticamente pedi que ela voltasse para casa...

Ela voltou. Agora, passados dez longos anos, estou esperando a morte nesta sala fechada, enquanto Robertinho e Amanda, nossos dois filhos (êle, tem sete anos; ela, seis) brincam de roda na calçada vizinha, recordo tudo com certa tristeza. Se eu pudesse recomeçar, compreenderia Clara melhor e recompensa-la-ia por tôda a dedicação. Mas o tempo não volta atrás...

Da rua, chega o som acalentador das cantigas de roda. Ouço o ruído de passos que se aproximam e minha mulher entra na sala.

— Roberto?

E' a voz de Clara, sussurante, temendo que eu esteja dormindo.

— Ahm?

— Está acordado, querido? Pensei...

— Estava ouvindo as crianças...

— São lindas as cantigas, não?

Clara senta-se ao meu lado, na cama. Sinto o contato do seu corpo já um tanto alquebrado pelos anos de labuta. Tomo as suas mãos nas minhas e beijo-as enternecidamente.

— Clara...

— Que é, querido?

— Eu a amo muito.

Sinto na pressão dos seus dedos que ela compreende o que eu quero dizer e porque faço esta confissão, neste momento. Oh, como eu a amo!

— Sabe? O doutor telefonou ainda há pouco... - - diz.

— Foi? Que queria?

— Perguntava se você estava sentindo algo.

— Sòmente a sonolência de sempre. Parece que trabalhei o dia inteiro...

Rio, tentando esconder uma dôr atróz que começa a me castigar o corpo.

— Por que não procura dormir um pouco, querido?

— Já tendei. Prefiro ficar ouvindo coisas, aqui...

Sinto os lábios trêmulos de Clara pousando-me na fronte. A dor desaparece como por encanto. Sòzinhos, lado a lado, ficamos até que o relógio da sala de jantar bate nove horas.

— Vou deitar as crianças, querido.

Ouço os seus passos se afastarem. Cerro os olhos e sinto que o sono, enfim, vai chegar. E' verdade que, de madrugada, despertarei e ficarei um tempo enorme sem sono. Chamarei Clara e ela virá dar-me algo a beber. Assim é sempre. Assim será ainda por mais quatro semanas, quando, então...

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
A venda nas boas Farmácias



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

O prêço da REVISTA DA SEMANA, para a venda avulsa, é Cr$ 3,00. Os agentes e revendedores recebem os pedidos com o desconto necessário para que o público não pague mais do que o prêço de capa.

Não se submeta a exploração. Tome uma assinatura que, por seis meses, custa Cr$ 75,00; por um ano, Cr$ 150,00. Registrada custa, respectivamente, Cr$ 90,00 e Cr$ 180,00.

Pedidos para a Rua Visconde Maranguape, 15 — Lapa — Distrito Federal.

GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS



J.A.M.D. — Juiz de Fora — «Rancor» poderia passar se o amigo lhe dêsse mais expressão. Conto não é simples relato. E' preciso dar vida, emotividade, à narração, dispensando-se o que não fôr essencial à história. Continue. Mas não comece pelo meio ou pelo fim. Essa técnica exige muito talento e experiência.

S.F. da R. — Belo Horizonte — Não foi aproveitado o seu conto «Cupido não gostas de esportes». Não está mal escrito. O que prejudicou o estilo impróprio ao conto literário. Veja se manda outro. Não desanime e prossiga.

J.J. da C. — Nova Iguaçu — E. do Rio — Sua produção «A palmeira» não chega a ser conto. E', antes, uma crônica. Não pôde ser aproveitada porque já temos redatores permanentes para essa espécie literária.

ARNALDO BITTENCOURT MARCHETTI — Rio — Seu conto «O último baile» já está com os nossos ilustradores . Quanto aos outros de que fala, vamos fazer uma revisão e depois daremos notícias.

VICENTE C. DE CARVALHO — Rio — «O exemplo» está aprovado.

BRUNO PAVEL — Rio — Está em nosso poder o seu «Moeda de Prata». Vamos verificar o que ocorre com o outro de que nos fala. E muito agradecidos pelas felicitações que nos dirigiu pela passagem do 51º aniversário desta Revista.

M. RAULINO — Rio — Seu conto «O Choque» vai entrar em julgamento.

J. MACIEL — Pôrto Alegre — Está conosco o seu conto «Discreta Desforra». Logo que fôr julgado, daremos notícias nesta coluna.

MARIA ADELAIDE MIRANDA — Rio — Nada tem que agradecer. Mande outros contos.

IVAN FREITAS — Rio — «Voltaremos, brevemente, à sua presença sôbre «Romance na fila».

AFONSO GENTIL — Sorocaba — Recebemos o seu conto «Vamos passear de automóvel?» Logo que fôr julgado, daremos notícia.

NATHÁLIA F. RAMOS — Rio — Recebemos a outra edição. Aguarde.

GUIDO WILMAR SASSI — Lajes — Sta. Catarina — Vai ser julgado o seu novo conto. Referimo-nos aos anteriores, entregamos sua carta à Gerência para providenciar.

Respostas ao teste

1—A tasmânia
2—Tradição (Kaballah)
3—Na parte posterior
4—Óxido de ferro
5—Que tem oito ângulos
6—Escravas da câmara real no Oriente
7—Catarina II
8—Odômetro
9—Odontálgia
10—Nome científico da dentição
11—Das aventuras de Ulisses
12—Oeiras
13—Offenbach
14—À França
15—Uma árvore
16—Janeiro
17—Desnaturado
18—1775 (6 de junho)
19—Pérsia
20—Olhar atentamente o céu, à noite.



Londres... O Tamisa, sereno e majestoso... Picadilly, movimentada e buliçosa... Hábitos seculares e concepções modernas... Contrastes e semelhanças da maior cidade do mundo.. Mas, em tôda a parte, a hospitalidade inigualável do país das tradições.

VÔE PELA B·O·A·C

com a tradicional cortesia britânica

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

N.º 409 DO ANO XXXIV — **EU SEI TUDO** — N.º 1 — 1951 JUNHO

FRONTISPICIO

A Rua dos Anjos (Conto — Côres) 7

ARTIGOS ESPECIAIS

A Atlântida existe, sim... Onde se encontra? 15
O mistério africano — Esperanças de amanhã ou sonho de ontem? 19
Vai ser lançado o ataque decisivo contra o câncer 12

ROMANCES

As Provações de Raïssa (Conclusão) 85
Uma estranha Família (Conclusão) 59

A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS

O uso da camiseta de flanela, questão capital para a saúde 32
O que há de verdade sôbre a próxima viagem à Lua (Os sábios aconselham a criação de um asteróide, artificial, para as primeiras experiências 24
Nos domínios da Gramática 70
Cartomancia 96

CONTOS E NARRATIVAS HISTÓRICAS

A Rua dos Anjos (Conto — Côres) 7
Como Olly saiu perdendo... (Conto — Côres) 27
Martin, o Visionário (Continuação) 53
Hitler revelado pelas fichas do Exército Norte-Americano — 2.ª Parte HITLER ESTA' VIVO? (1.ª testemunha: Hanna Reitsch) 43

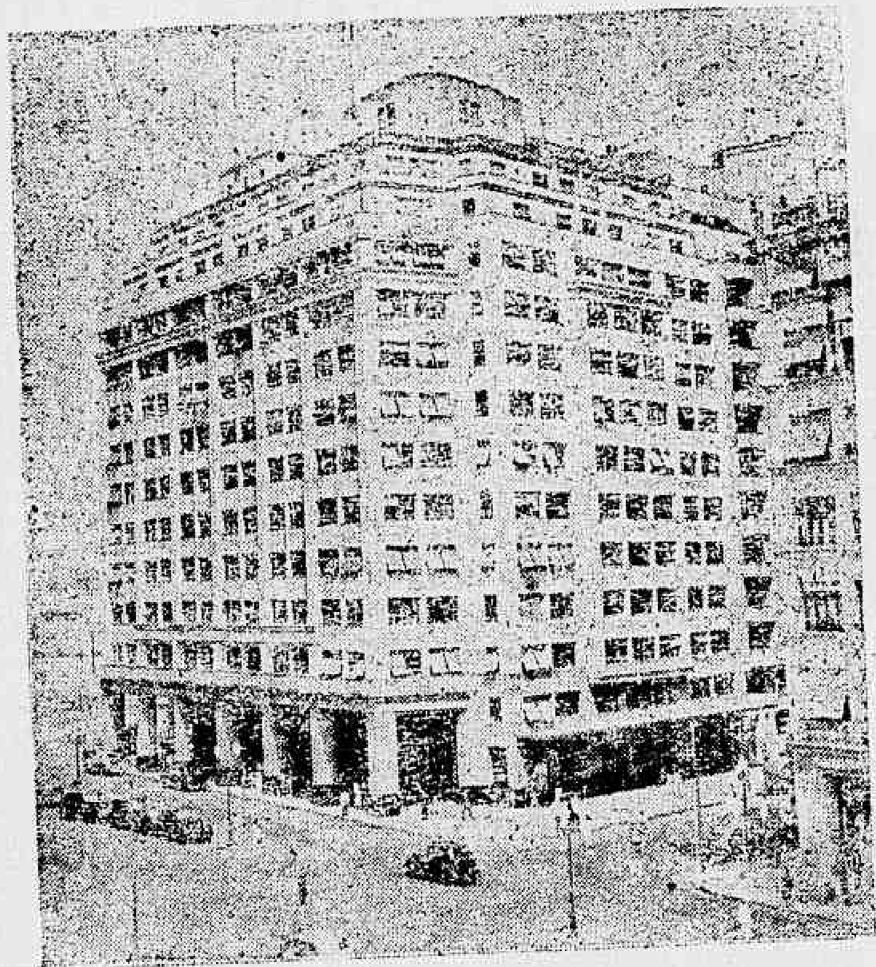
REVELANDO O BRASIL AOS BRASILEIROS

Umbuzeiro — Estado da Paraíba 67
Explorando o Brasil Meridional (Início da publicação de cadernos, para formação de livro) 49

Alguns dos principais assuntos de **EU SEI TUDO** de Junho

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

INSTITUTO DOS BANCÁRIOS



O Instituto dos Bancários é uma das instituições de previdência social que mais se tem destacado, pelas suas grandes realizações em benefício da numerosa e laboriosa classe dos bancários. Fazer-se um relato de tôdas as atividades e realizações do Instituto dos Bancários, com tôdas as suas minúcias, é trabalho por demais longo. Mas, para se ter uma idéia da amplitude dos benefícios concedidos e da assistência médica prestada aos segurados ativos e inativos, bem como aos beneficiários, basta dizer-se que essa autarquia dispendeu, desde a sua instalação, verificada em outubro de 1934, a soma apreciável de quase 400 milhões de cruzeiros.

Por outro lado, as inversões no setor imobiliário atingiram a importância de Cr$ 813.404.055,40, permitindo a existência de um patrimônio imobiliário avaliado em cêrca de 600 milhões de cruzeiros.

Fazendo frente a êsses enormes empreendimentos, ressalta, como de importância preponderante, a sólida situação econômico-financeira do Instituto, que, com a administração atual, tem merecido os mais profundos estudos. A Administração do Instituto dedica, assim, todos os seus esforços, a fim de não só preservar o atual patrimônio, mas também para enriquecê-lo cada vez mais.

Os bancários estão, de parabens, pois se abrigam sob a égide de uma instituição, como o Instituto dos Bancários, que representa uma verdadeira fortaleza assegurando-lhes um futuro sem sobressaltos.

Na foto, o edifício-sede do Instituto dos Bancários, situado na avenida Nilo Peçanha.

Leiam a CENA MUDA

REVISTA SEMANAL DEDICADA AO

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA

A MULHER SABE ESCOLHER

NA escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquilagem, enfim, na escolha de todos êsses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe tôda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vêzes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvêlo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adôrno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc.

Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o Nº 1 e o Nº 2. O Regulador Xavier Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias e o Regulador Xavier Nº 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, conforme o seu caso — e esteja certa de que faz uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a não perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem-estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça, pois: escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza, mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

NO REINO DA CEGONHA

(Continuação da pág. 18)

Seria homem ou mulher? O médico e as enfermeiras a postos, a sala de partos preparada, foi iniciada a operação do nascimento. Retirada a criança, esta não vagiu. Esperávamos que o médico a colocasse numa bacia de água quente e lhe desse a clássica pancada nas nádegas. Mas, ao contrário disto, êle se encaminhou para o ressuscitador, que é um aparelho que faz a limpeza das vias aéreas por aspiração, administrando em seguida o oxigênio. Expectativa e ansiedade se lia em todos, na sala de parto. Do lado de fora, o pai, respiração prêsa, sem saber o que estava acontecendo, esperava, mãos postas para o céu, numa prece contrita, o primeiro vagido. Silêncio total. O aparelho continuava trabalhando até que todos ouviram o chôro da criança e um suspiro de alívio se nos aflorou em todos. Estava salva a criança. Do lado de fora, um suspiro mais forte se fêz ouvir: era o pai.

Salva a criança, a enfermeira a embrulhou num lençól esterelizado e, quando ia saindo, foi interpelada pelo pai:

— Homem ou mulher?

— Mulher.

— Ah! vai ser professôra.

Minutos depois a jovem parturiente saia da sala de operações, sorrindo feliz, enquanto seu marido, aproximando-se dela, pediu permissão ao médico, curvou-se até alcançar seu rosto e, numa cena comovente, beijou-lhe a face e disse:

— Obrigado, querida! Obrigado!

O médico que presidira ao nascimento da criança nos levou até à sala de café e ali foi por nós interpelado:

— Por que fazem operações cesarianas?

— E' fácil explicar. Quando, através do tratamento pré-natal, se verifica que o parto não pode ser feito normalmente, isto é, quando, por exemplo, a cabeça da criança está colocada para cima, quando se constata que a mesma poderá ser asfixiada pela estreiteza do órgão da mulher.

— Se não nos enganamos, doutor, a primeira criança a nascer por meio de uma operação foi Júlio César, o imperador romano, não?

— Você já está dr. no assunto. Deixe eu tomar meu café.

Esperamos que êle acabasse de soorver o primeiro gole e voltamos a perguntar:

— As crianças nascidas fora de tempo têm probabilidade de sobreviver?

— Sim, graças aos processos que hoje se usam; colocadas na incubadora têm grandes probabilidades de sobrevivência.

Depois do café, nosso gentil informante ia-se retirando, quando o detivemos com nova pergunta:

— Quais são as causas de um feto nascer fora do prazo?

— São várias: acidentes, infecções, nutrição, emotividades, como por exemplo uma altercação com o marido, desgostos e outras. Há ainda outras causas como placentação defeituosa, má constituição da criança, caso em que a própria criança provoca o nascimento prematuro.

Quando iamos voltar ao assunto, novo parto exigiu a presença do nosso informante. Enquanto êle não vinha, a fim de nos prestar novos exclarecimentos, ficamos pensando em como pode um homem, em pleno gôzo de suas faculdades mentais, entregar suas espôsas a parteiras curiosas que nenhum conhecimento de anatomia possuem, que carecem de material apropriado, que fazem seu trabalho à pressa, como todo labor criminoso.

ABÔRTO NATURAL E PROVOCADO

Olhamos o relógio, pedimos um novo café, sorvemo-lo e ficamos esperando a volta do dr. Ney de Almeida a fim de perguntarmos mais alguma coisa de interessante com referência agora aos abôrtos.

Diàriamente, os jornais noticiam que um feto foi encontrado dentro de um rio, morto, e que uma mãe, não resistindo às dores, morreu.

A propósito disto, tão logo nosso gentil amigo chegou, perguntamos-lhe qual a razão da morte de várias senhoras, ao provocarem o abôrto.

— Qual a razão por que há tantas mortes, provocadas pelo abôrto, doutor Ney?

— Geralmente traz sérias conseqüências, tais como hemorragias mortais, perfuração uterina, obrigando a castração para salvar a mãe, infecções generalizadas e lesões muitas vêzes irreversíveis dos órgãos anexos ao aparelho uro-genital.

— Mas, há casos em que "êle" é recomendado pela medicina, não?

— Sim, o abôrto terapêutico pode ser aconselhado pela medicina em casos de tuberculose avançada na futura parturiente, câncer, principalmente uterino, pois as emanações da irradiação uterina poderia transformar o feto em um ser anormal, lesões renais graves pelo perigo de uma auto-intoxicação, lesões cardíacas descompensadas em certas toxemias gravídicas como o vômito icoercível.

— Há ainda uma série de perguntas que...

Os seus móveis velhos poderão ficar novosse aplicar em sua limpeza óleo de peroba.

— Pergunte, doutor repórter, respondeu-nos rindo.

— Qual o feto mais forte, o masculino ou feminino?

— O feminino apresenta mais resistência que o masculino. Aliás convém dizer que nascem mais crianças do sexo masculino, mas morrem mais também.

— Por que, em certos casos, as crianças ao invés de serem lavadas em água morna, são lavadas com esponjas embebidas em óleo?

— E' que o óleo evita maior perda de calôr e o médico, verificando que a criança necessita do mesmo, pode aconselhar o emprêgo de óleo, em vez de água morna. Aquela flanela grossa na qual a criança é embrulhada é por igual motivo — não perder calor.

Satisfeitos pelas informações que obtiveramos, pedimos para ver alguns dados estatísticos.

FALAM AS ESTATISTICAS

Verificamos, então, que em noventa e cinco por cento dos partos há normalidade e que o óbito é raríssimo, sendo o perigo de morte da parturiente num hospital de grande recursos quase nulo. Em cinco por cento dos casos, o parto recebe ajuda cirúrgica.

Uma coisa, porém, que nos causou estranheza foi o fato de o índice de mães solteiras ser muito pequeno em relação ao que a ronda da vida nos apresenta a cada passo. E não contendo nossa curiosidade, perguntamos:

— Por que é tão pequeno o número de mães solteiras registado na estatística?

— A mãe solteira que o confessa é muito rara. Geralmente, quando ela não enfrenta a sociedade, vai dar à luz no interior, onde ninguém a conhece.

Estava explicada a situação. Quando chegamos a parte dos pesos verificamos que êles variam muito e quisemos saber então qual o pêso normal da criança. Desta vez foi o dr. Adão quem explicou:

— O pêso tido como normal para crianças do sexo masculino, é três e meio quilos e do sexo feminino, três quilos.

— Mas, estranhamos, já ouvimos falar em fetos de cinco e mais quilos...

— Sim, são fetos portadores de taras sifilíticas, provinientes de disfunções orgânicas.

Depois de vistos alguns dados estatísticos, quisemos tomar pé no que chama de higiene pré-natal e seu valor.

HIGIENE PRÉ-NATAL

Foi-nos explicado que dita higiene trás melhor desenvolvimento da criança, é a ocasião em que o médico pode aconselhar a nutrição da futura parturiente, acompanhar o desenvolvimento de feto, corrigir possíveis posições anormais, verificadas através do raio X, correções essas feitas por manobras externas. Nessa fase o médico aconselha passeios ao ar livre e é nêsse período que pode tratar de moléstias transmissíveis ao pequenino ser em evolução.

Convém lembrar que dita providência é de extraordinário valor para a vida do nascituro. Igualmente de grande valor é o tratamento pré-nupcial que, infelizmente, não é levado a sério pelo país em fora. Casam-se sifilíticos, tuberculosos, portadores de taras sanguíneas, cancerosos e até portadores do mal de Hansen, por incrível que pareça e, muitas vêzes, êles mesmos desconhecem que estão doentes. Urge uma providência de quem de direito a fim de preservar o futuro dos donos do Brasil de amanhã...

Quando saimos daquela maternidade, e voltamos à cidade, se nos aflorou à mente uma curiosidade histórica que não nos furtamos ao prazer de trazê-la aos leitores. Trata-se da chamada anestesia à la Reine, anestesia clorofórmica que, pela primeira vez, foi tentada na Rainha Vitória de Inglaterra, ocasião em que houve grande escândalo. A mulher deve dar à luz com dor, segundo a determinação bíblica. Até hoje, a anestesia de parto é chamada à la Reine. Vale a pena também lembrar que a moderníssima anestesia gasosa foi empregada pela primeira vez em uma neta da Rainha Vitória, de nome Elizabeth. A história se repete... e o nome da nova anestesia deve continuar sendo La Reine.

Já agora, quando chegamos ao fim de nosso trabalho lembramos os dias antigos nos quais ser mãe era um sacrifício insuportável e havia quatro grandes riscos: hemorragias, hoje evitadas pelas transfusões de sangue; eclampsia, que um pré-natal bem orientado evita; infecções que a penicilina e a estreptomicina elimina e as desproporções fetais que a cesariana torna mais simples.

A medicina caminha a largos passos para a perfeição absoluta, não há dúvida...

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela óleo de peroba.

LUCIA, A AMOROSA

Quando Lucia Corey foi trabalhar em Nova York na Companhia Appleton, era muito inexperiente, pois viera de modesta cidade do Oeste. Sua única amizade era a de Cam Hale, rapaz solteiro e de boa aparência. Tudo corria muito bem, quando Lucia recebeu telegrama de sua terra comunicando que vinha a Nova York, sua amiga Marget Travers, para passar uma semana com ela.

Por favor, Sr. Hale, preciso falar-lhe por um minuto. E' muito sério! Peço-lhe que seja meu noivo por uma semana!

Como foi mesmo que disse, Lucia?

Até hoje não sei como tive tanta coragem para dizer isso.

E' um negócio complicado; mas tudo começou quando Ray Jilted me levou para casa há um ano. Eu obtive êste emprêgo aqui e deixei Ferndale. Mas não quero que ninguém em minha terra me censure.

Confesso que não estou entendendo nada, Lucia!

E' que eu tenho escrito aos meus, lá, que sou sua prometida, Mr. Hale! E agora Marget Travers está a chegar. Ficará sabendo que menti, que o senhor não tem nada comigo. Oh! Como sou infeliz!

Nosso escritório é vizinho a Radio City. Estava uma noite frígida; mas, mesmo assim, andamos e nos sentamos a um banco de pedra e conversamos.

Se eu tivesse dinheiro iria passar uns dias nas Bermudas. Mas como nada tenho, sou obrigada a suportar isso.

Bem, você está numa sinuca; mas eu conheço uma amiguinha, Wanda Laurence, a quem você precisa conhecer. Ela é muito ladina.

Travel to Bermuda

Sei tudo a seu respeito, Sr. Hale. Sei que [illegible] o tempo adiantado o salário de uma semana para levar Wanda ao clube. Assim, o senhor também não pode fazer nada, pois está sem dinheiro.

Você deve ingressar na polícia secreta, Lucia!

Começa a nevar. Vou correndo para casa. Aqui estão 20 dólares para as nossas despesas durante o nosso simulado noivado!

Oh, não! Não é preciso nada disso!

Preciso pagar, Sr. Hale. De outro modo seria uma indignidade.

Bem. Pelo menos deixe-me pagar seu ônibus, Lucia. Também vou nêle. E, já que sou o seu noivo, deixe de chamar-me "Senhor Hale"!

OMNIBUS COMPANY

5th AVE

CLUB

Não é engraçado que não houvéssemos ainda tomado juntos o ônibus?

Já tomamos, Cam. Apenas sendo eu "gentinha" você não o notara antes.

DRINK SPARKLE COLA

Smoke

NEWSREEL

Não diga isso. Que juízo faz você de si própria? Não importa que perdesse o rapaz de Ferndale. Você é um anjo, Lucia!

COMO CONSEGUIRÃO LUCIA E HALE RESOLVER SEUS PROBLEMAS?

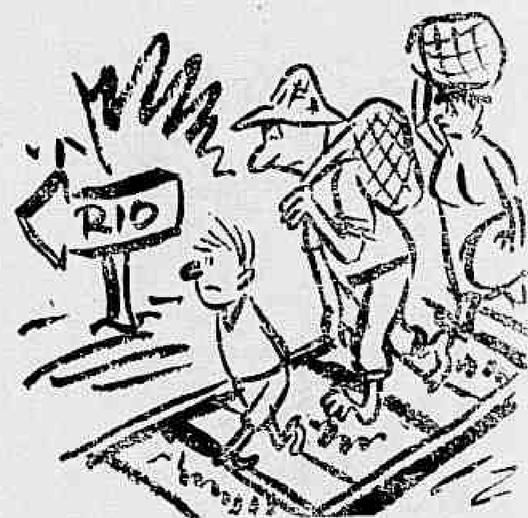
TUDO ISTO



DESPOVOAM-SE OS CAMPOS

NÃO há quem não se comova diante de campos cobertos de trigo, de uma roça bem cuidada, com o feijão todo florido, o milharal empendoado, vergando as hastes ao pêso das espigas de cabelos louros como raios de sol. Não há quem não se entusiasme diante de paisagens com aquelas casinhas modestas, com o curralzinnho ao lado, as criações de galinhas a cacarejar no terreiro, vacas leiteiras a ruminar sob a copa sombria de árvores frondosas à beira dos riachos murmurantes. O campo! Quanta beleza natural! Quanta simplicidade nos atos e atitudes dos seus habitantes felizes, a respirar o oxigênio das florestas, a paz das campinas verdejantes, a alegria dos pássaros soltos!

Mas, leitor amigo, está ocorrendo no Brasil um fenômeno que já comprometeu muitos outros países: a fuga dos camponeses em direção aos centros urbanos. Não é apenas por motivo das sêcas. O fato acontece em Estados que não sabem o que é calamidade de falta de chuvas. Minas Gerais, Estado do Rio, Espírito Santo, Paraná, as zonas da mata da Bahia, Alagoas, Pernambuco, etc., regiões que não sofrem sêcas e onde as chuvas são regulares, de todos êstes Estados estão saindo os camponeses em busca das capitais.



O sr. Ministro do Trabalho, alarmado com a imensa e constantemente aumentada quantidade de retirantes que chegam ao Rio, dirigiu um memorial ao Presidente da República, pedindo providências junto às Secretarias de Agricultura dos Estados, a fim de que cesse a onda migratória, sob pena de descambarmos para uma situação calamitosa. Qual a causa disso? Diz-nos o Ministro do Trabalho que os camponeses não fogem: são dispensados pelos donos da terra, já receosos da futura regulamentação da Lei Agrária prometida pelo govêrno. E' a tal história. Antes de cair a chuva, já o pobre se molha...

FANATISMO NIPÔNICO

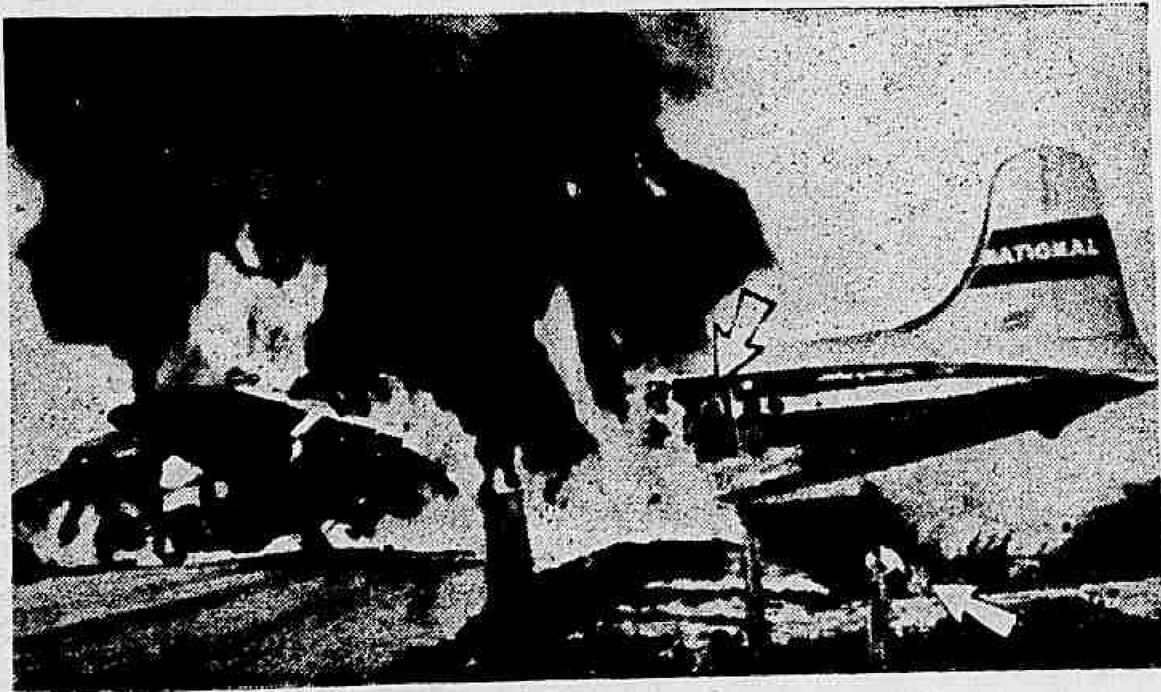
ACABAM de chegar ao Japão 116 nipões filhos daquelas ilhas e que residiam no Brasil entre vinte e quarenta anos. Um dêles, Kantaro Nagano, de sessenta-e-cinco janeiros e que foi nesse grupo de visita à terra pátria levando consigo dezesseis membros de sua numerosa família, ao saltar declarou que o Brasil "é um bom lugar para viver e muito bom para os que desejam fazer fortuna; mas os japonêses que viverem lá por muito tempo, podem perder o sentimento nipônico". Que sentimento nipônico será êsse de que fala Nagano? O de julgar o Japão o país invencível, o lugar sagrado e onde o Imperador é um delegado direto das divindades. Em S. Paulo, Kantaro Nagano e milhares de outros Naganos, fundaram a "Liga do Sistema Imperial", organismo de guerra para a defesa de sua pátria contra os aliados. O fato despertou protestos entre os próprios patrícios de Kantaro, havendo choques entre as duas correntes. Eis o motivo por que o velho japonês declara que o viver no Brasil tirará do espírito japonês o velho e intransigente "sentimento nipônico". Mas, qual o fim a que visava Kantaro e os demais japonêses que foram à sua pátria numa situação de tantas preocupações e dificuldades internacionais? Apenas êste, leitor: certificarem-se do que havia de



verdadeiro sôbre a sorte de seu país na última guerra... Nem Kantaro, nem os seus patrícios residentes em S. Paulo acreditavam que o Japão houvesse perdido a parada. Logo que chegaram à repartição aduaneira, verificaram que, em verdade, Hiroito era o Imperador, mas quem estava mandando no país era o americano. Ora, se a América do Norte estava policiando tudo, era visível que o Japão perdera mesmo a guerra. E foi com lágrimas nos olhos que o velhinho amarelo se submeteu às leis de ocupação estrangeira, convencendo-se, com os outros, que, o Japão já não era mesmo o de seus sonhos...



MARY FRANCES HOUSLEY linda jovem de Jacksonvile, Flórida, de 24 primaveras, praticou a 13 de janeiro dêste ano um dos maiores feitos de heroísmo de que há memória nos anais da aviação civil dos Estados Unidos. Miss Housley, que era aeromoça de um dos aparelhos da «National Airlines», ao chegar o avião, com dezoito passageiros, ao aeródromo de Filadelfia, vindo de Newark, New Jersey, se viu entre as chamas do incêndio do avião, que, sob violenta tempestade de neve, bateu violentamente ao solo. A jovem, enfrentou a situação com grande coragem e sangue frio, procurando salvar os passageiros que estavam prisioneiros no bojo do avião, dentre os quais, senhoras e crianças de colo. Conseguiu salvar oito, e, tentando mais uma entrada no interior do aparelho, viu-se também atingida pelas chamas, morrendo carbonizada. Nesta página podem ver os leitores a heroína, um grupo de salvos e uma visão do sinistro.



A PAZ SEJA CONVOSCO

EM latim se diz: "Pax vobiscum", e é uma linda maneira de saudar os outros. Veio êsse hábito dos tempos pré-cristãos, quando o próprio Cristo andava a pregar a harmonia universal e o amor como base da sociedade humana. Quem não gosta de ouvir estas palavras construtivas e generosas: "A paz seja convosco?" Todo mundo gosta. O diabo é que nem todo mundo tem paciência para suportar as torturas desta vida em plena paz e sem perturbar a dos vizinhos. Em política, por exemplo, seria impossível usar a frase que Jesus tanto repetiu entre os apóstolos e os que o seguiam em suas peregrinações pelos desertos e pelas cidades. Mas, em Minas Gerais, que de quando em quando nos manda novidades saborosas e interessantes pelo seu ineditismo, acaba de chegar aos jornais do Rio uma notícia promissora: jamais haverá perturbação da ordem, jamais haverá barulho, jamais alguém se atreverá a arredar a paz da cidade de S. Geraldo. O motivo é muito simples. Como em qualquer outro município dêste imenso Brasil, o de S. Geraldo possui várias correntes políticas. E' humano e faz parte da democracia, que cada diretório local procure lutar para que os lugares importantes sejam vencidos nas urnas ou fora delas, pelos respectivos partidos. Mas, também sucede, que, não



é possível dar vitória simultâneamente a duas facções políticas. Uma tem que ser a maioria, liderando o restante. S. Geraldo precisava de um delegado de polícia para aquela cidade. Foram apresentados muitos nomes ao Chefe da Segurança pública de Belo Horizonte, até que um cidadão foi nomeado. Era do Partido Republicano, do qual é o novo delegado o chefe. E sabe por que não haverá mais brigas, nem discussões? Porque o nome da nova autoridade é: Tranquilio de Sousa Batalha Amante da Paz... Batalha Amante da Paz, e não Batalha amante das guerras...

ACONTECEU

FALSA MENDICÂNCIA



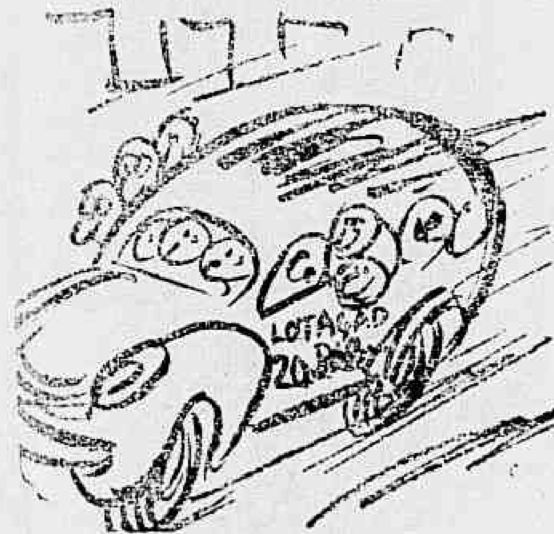
O falso mendigo é um ladrão. Mas não deixa de ser um indivíduo portador de grande coragem, dessa coragem de furtar pela simulação, pela mentira, pela arte de incutir nos ingênuos ou de bom coração, sentimentos de piedade muito próprios de nossa raça sentimental. Uma pessoa que se posta nos batentes de uma casa, de uma igreja, nos recantos de uma rua e estende a mão à caridade pública, tem grande coragem, coragem de pedir dinheiro aos que passam. Ora, dinheiro é uma coisa que se liga intimamente ao bôlso dos outros e só sai mediante uma transação de interêsses mútuos. E sempre que um dos contratantes se julga prejudicado, há briga. Isso é tão velho como a pedra da Gávea. Pois o mendigo não tem a menor cerimônia de pedir dinheiro a quem lhe passa à frente, e, muitas vêzes, é o próprio pedinte que se atravessa diante do transeunte e solicita "umas pratinhas para tomar uma sopa". Dentre os mendigos há alguns verdadeiramente geniais. As mulheres recorrem sempre ao artifício da "mãe de família" viúva, desamparada, sem lar, nem pão. Muitas vêzes é verdade, em parte. Outras vêzes é verdade, no todo; mas, certas vêzes, é tudo mentira: aquêles meninos que a cercam na rua não lhe pertencem. Foram emprestados por outra, com a qual a espertalhona dividirá a féria. Já sucedeu uma neste Rio que, apesar de sua aparência triste, provocou as mais inevitáveis gargalhadas. Uma senhora ainda jovem estava a pedir esmolas em rua central da capital federal, tendo ao colo uma criancinha envôlta em panos sujos. Cantava canções de ninar e a embalava com seus braços descarnados. A criancinha sugava uma chupeta e a mamãe desventurada dramatizava a cena dolorosa. Os níqueis caiam e até cédulas aumentavam o apurado cotidiano. Um dia, porém, com surprêsa, o neném foge dos panos e sai correndo pela rua a latir. Era um cãozinho que, já cansado de simular bebê chupador de borracha, parecia protestar: "Eu quero é um osso, dona!"

O ESPÍRITO SALVADOR

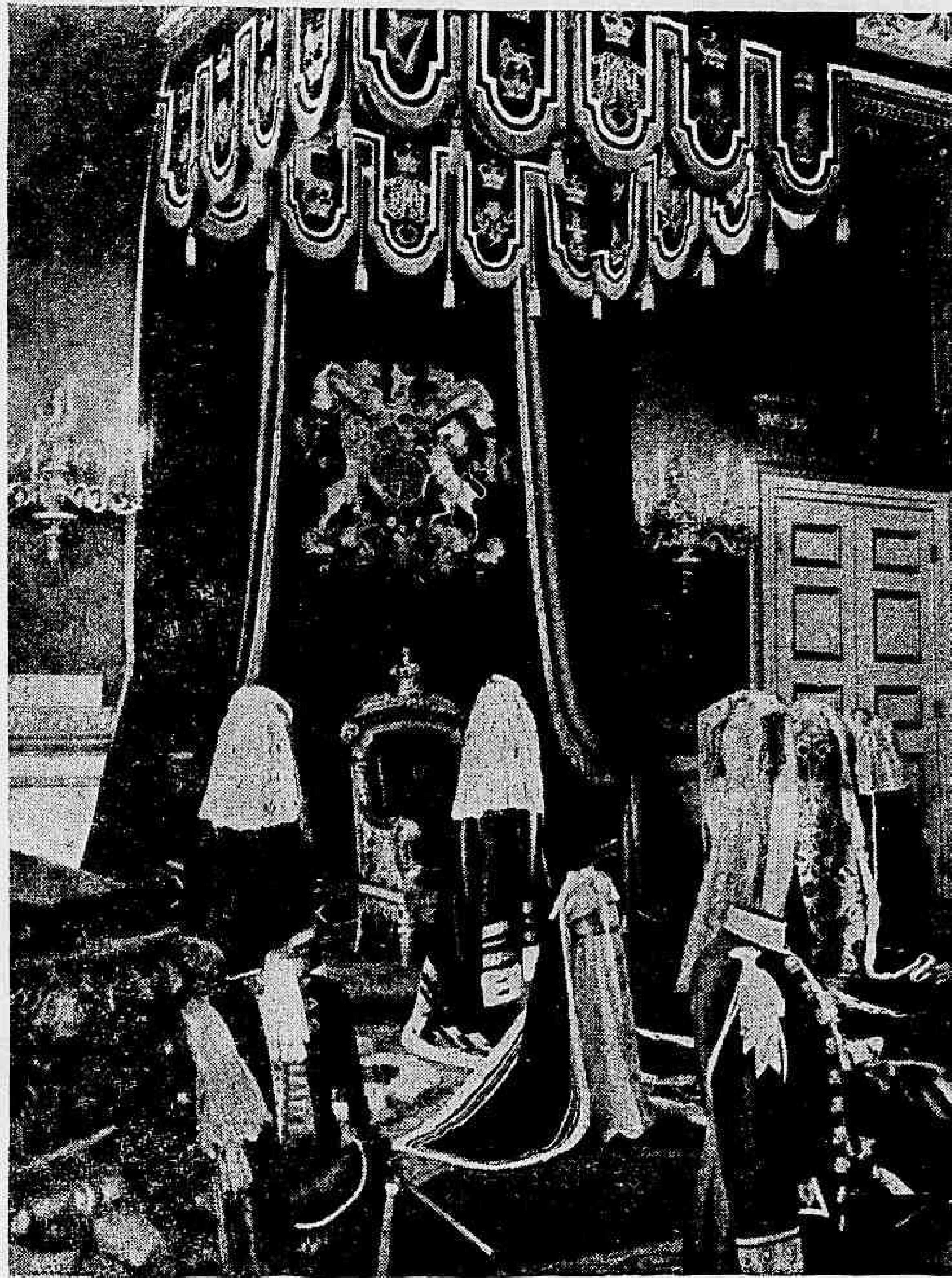


PODE um espirro salvar a vida de um homem? Pode também o mesmo espirro levar para a cadeia um cidadão, por seis anos? Pode, sim. Como não? Mas não se trata de um espirro qualquer, dêsses que a gente dá quando há mudanças bruscas de temperaturas entre o nosso corpo e o meio ambiente. Êsses espirros são vulgares e, quando muito, podem assustar o vizinho do banco do bonde ou acordar o bebê que dorme no bercinho. O espirro que salvou uma vida e meteu na cadeia, por seis anos, um policial, passou-se na cidade africana de Gedaref, Sudão oriental, em fins do mês passado. O caso se passou assim: quando uma das vítimas da epidemia de meningite cérebro-espinhal, que atualmente assola a localidade, ia ser sepultada, um dos sentenciados escolhidos para proceder a êsse serviço, ouviu uma espécie de espirro que vinha de dentro do caixão mortuário. Imediatamente chamou a atenção do policial sudanês a quem estava entregue o serviço de enterramento dos atingidos pela epidemia, e o soldado nem deu atenção à advertência do detento, mandando que enchessem a cova de terra. Mas, renovando suas palavras, o prêso falou aos outros que estavam ali para enterrar gente, e todos unidos se negaram a obedecer ao soldado. Mas, como eram mesmo sentenciados, cumpriram a ordem, mas fizeram chegar aos ouvidos de um oficial superior a história do espirro, tendo o capitão mandado desenterrar o morto. Aberto o caixão, o desgraçado estava vivo, quase sufocado. De tudo isto resultou o seguinte: o "defunto" foi retirado do esquife e mandado para um hospital, salvando-se, graças ao espirro tumular. E o soldado, processado e metido nas grades por seis anos... Como vemos, um espirro, às vêzes, causa muita coisa...

OS MICRO-ÔNIBUS EM 1952



CARÍSSIMO leitor, o que vamos narrar ainda não aconteceu, mas, se os poderes públicos não correrem em auxílio do povo carioca, o caso desabará como um castigo no crânio dos que precisam de transporte barato nesta cidade. Como todos sabemos, a tendência atual entre as emprêsas de ônibus, dos vistosos "gostosões", é a de substituir êsses grandes veículos com lotação para 40 sentados e 140 em pé, pelos tais "micro-ônibus", com lugares para dez, doze, dezesseis até vinte passageiros, todos sentados. Não se admite em pé porque o teto é baixo; mas, se arranjarem um jeito de subir a coberta, virão os futuros pára-quedistas. Pois bem. Estão os cariocas ameaçados de cair num truste dêsses transportes em 1952. O ex-prefeito Mendes de Morais, em decreto, determinou que a regulamentação do serviço de lotação será feita em 1952. Dessa data em diante só poderão explorar o negócio as emprêsas que apresentarem, no mínimo, um serviço com duzentos lugares, daí para cima. Suponhamos que uma companhia de transportes com oito veículos a dezesseis lugares, 15 carros a dez cadeiras, ou um chofer que possui seu carrinho "micro-ônibus" com 16 lugares, não tenham possibilidades de aumentar a frota até chegar ao limite mínimo de 200 lugares. Que sucederá? Ou se sujeitam ao decreto, ou entregam os pontos a alguma concorrente mais poderosa. Significa isso que estamos diante do perigo de um futuro monopolio dos transportes de lotação no Rio, o que trará encarecimento dos preços, já bastante elevados. Todos sabemos que os "micro-ônibus" (lotações de 16 e 20 lugares) estão aparecendo aos cardumes, enquanto os "gostosões" são recolhidos ou tomam outros destinos. Por quê? Porque o lotação dá muito mais lucro, é mais rápido, dispensa o cobrador, tem serviço de manutenção mais barato e... as passagens mais caras. Está para acontecer muita coisa má, carioca amigo!



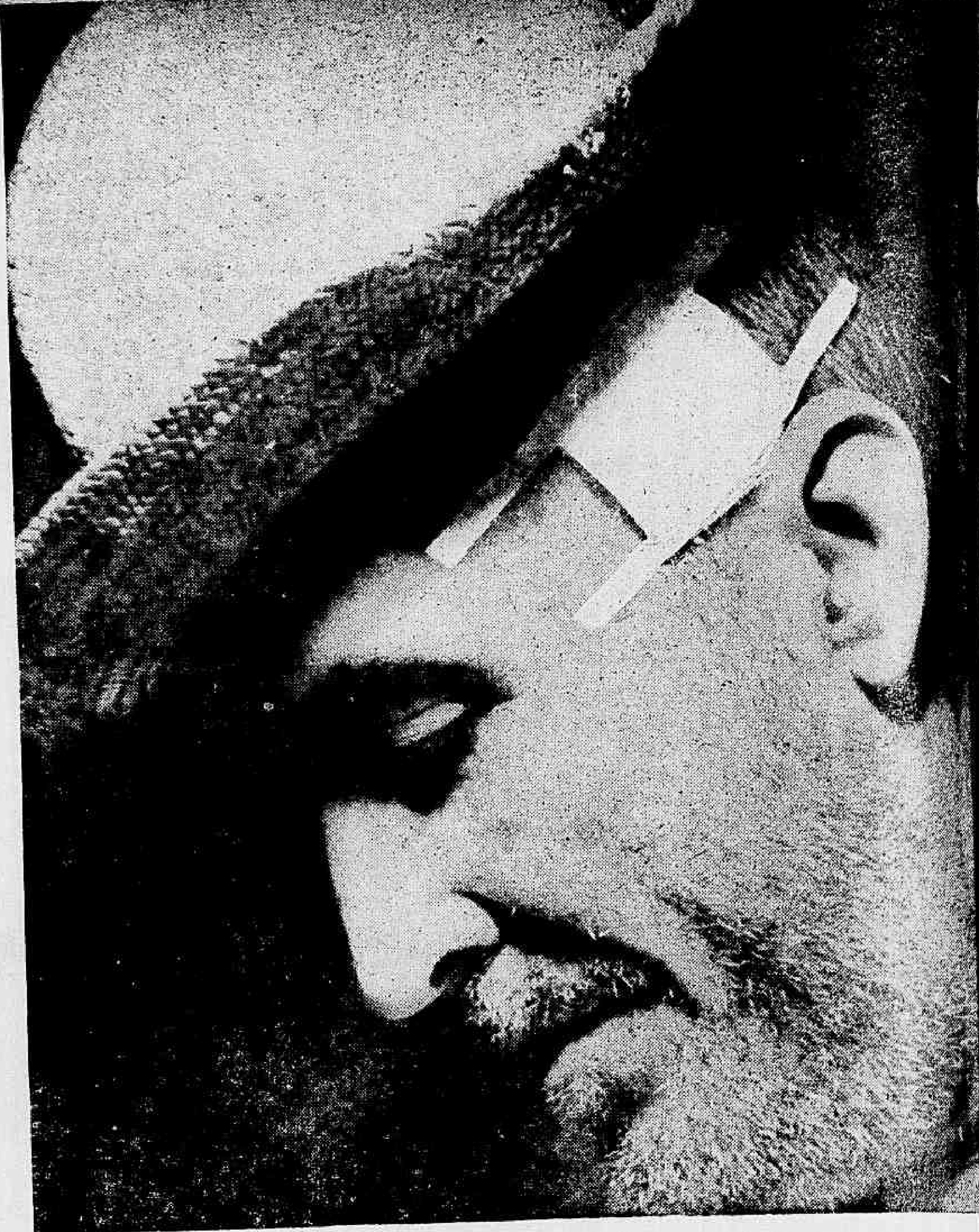
UMA DAS MAIS IMPRESSIONANTES exposições que já se realizaram na Inglaterra, mostrando ao povo páginas da vida e opulência dos antigos soberanos inglêses, foi a que se efetuou, faz pouco tempo, nos salões do Palácio de S. Jayme, na Capital britânica. A mostra de arte e indumentária dos reis da Grã Bretanha pôde ser vista e admirada por grandes multidões que ali acorriam, curiosas e interessadas em assuntos dos velhos tempos. A exposição abarcava trajos e demais peças de vestimenta dos reis inglêses, desde o século XVI até hoje. Foram admirados os magyos de púrpura da mais pura, peles e rendas que o tempo não conseguiu destruir, tão bem guardadas estiveram durante os séculos, tôdas as peças.



NÃO SABEMOS O NOME dessa linda jovem de Nova York, nem julguem os nossos leitores que se trata de alguma cena de revista ou de fantasia de baile carnavalesco. Nada disso. Este chapéu com tantas peças mais próprias de uma sorteteria do que de uma casa de modas, foi executado por uma chapelaria de Nova York para satisfazer aos desejos de um jovem francês, ali residente, e que precisava presentear sua noiva com um chapéu «à la mode». Interpretando a encomenda do cliente como sendo a de um chapéu o mais complicado possível, e como os modelos «à la Carmen» já estivessem vulgares, os chapeleiros arquitetaram êste monumental «chapéu à la mode» que pode ser cômodo, mas que pode chamar a atenção...



RAUL BRUNINI no Hospital de Pronto Socorro, logo após o acidente de que foi vítima, quando terminava uma reportagem sôbre o desastre de trens poucas horas antes ocorrido.



JARARACA, pseudônimo de José Luís Calasans, quando em convalescença do acidente de que também foi vítima e que o afastou das lides artísticas em que é popularíssimo

VASO RUIM NÃO SE QUEBRA

SERÁ POR ISSO QUE OS ARTISTAS DE RÁDIO QUE SOFREM DESASTRES JAMAIS PERECERAM?... ★ UMA ANÁLISE DOS ACIDENTES SOFRIDOS POR CARLOS FRIAS, MANUEL BARCELOS, RAUL BRUNINI, LUÍS GONZAGA, JARARACA, AMARAL GURGEL E O PITORESCO DA BICICLETA QUE ATROPELOU ORANICE FRANCO ★ JOÃO ASSAF "VOOU" NUMA "CHARANGA" E NADA LHE SUCEDEU ★ POR QUE NADA ACONTECE COM OS ARTISTAS QUE VIAJAM DE AVIÃO?

Reportagem de VINICIUS LIMA

ESTÁVAMOS em Copacabana quando Francisco Carlos surgiu guiando o seu automóvel e perguntou:

— Que há?

— Nada além de uma reportagem sôbre vocês do rádio, para a REVISTA DA SEMANA.

— P'ra REVISTA DA SEMANA?

— Sim.

— Então eu estou nela.

— Depende, Chico. O assunto é rádio, mas sòmente com aquêles que tiveram a *sorte* de quebrar o nariz em desastre de automóvel.

— Eu não tenho nada que fazer, se quiser posso ajudá-lo.

Embarcamos no carro de Chico Carlos e rumamos para o centro. Ao atingirmos a Praça Paris houve um fato realmente curioso. Fechado por um lotação, cujo motorista parecia louco, Chico deu um golpe de direção, passou entre duas árvores e foi beijar uma terceira sem grandes consequências. E entrou na reportagem porque só o susto valeu a publicidade.

Mas tudo isso é nada diante do que vem acontecendo ùltimamente com os artistas do nosso "broadcast". Parece que o indivíduo só pode considerar-se cartaz depois



ASSIM FICOU o carro n. 30, em que o locutor Carlos Frias se instalou participando de uma corrida na Gávea, no ano de 1946. A sorte não foi propícia ao atual vereador, que ficou entre a vida e a morte durante alguns meses. Felizmente não houve conseqüências fatais e Carlos Frias reencetava suas atividades logo em seguida. Mas viu a morte muito de perto!



AMARAL GURGEL, outro acidentado de auto. Como os demais, sofreu ferimentos na cabeça, sem ficar desfigurado.



MANUEL BARCELOS também sofreu um desastre. Aqui o vemos, ainda noivo da sta. Isa Malagutti hoje sua espôsa.



LUÍS GONZAGA, «bancando» o chauffeur da zona norte. Seu acidente é recente e a convalescença ainda não terminou.

que se espatifa de encontro a um poste, ou após o vôo espetacular de cima de uma ponte, sem asas e sem helicóptero. Se é verdade que o desastre é uma consagração, nosso amigo Chico ainda não tem direito de dizer-se "cartaz". O destino encalhou o seu futuro. O mesmo podemos dizer de Oranice Franco, espécime raro de personalidade, talento excepcional, mas que, no entanto, sòmente pode dizer que foi atropelado por uma bicicleta, por duas vêzes, havendo tanto trem dando sopa por aí...

Mas como nessas coisas quem manda é o destino, achamos que ninguém mais pode julgar os méritos artísticos dos nossos artistas. Quando os jornais publicarem a notícia do desastre, pode-se então dizer: Fulano já é importante. E não é nada de mais, senhores! Não existe perigo. Vasos ruins não se quebram... Não viram o primeiro da série de desastre; o que foi que houve?... "Jararaca morreu", afirmavam os jornais. "Está morrendo", propalavam outros. E o nosso querido Jararaca, mostrando que é uma cobra venenosa, aí está com pernas, braços e talento.

Esta reportagem teve comêço durante uma conversa. Alguém observou que os artistas até hoje não tinham sofrido desastres de trem ou de avião. Por quê?

Pergunta difícil, sem dúvida, mas que deixa margem às conjeturas mais desencontradas por vários motivos: Notem os leitores que êsses desastres sòmente aconteceram com os *homens* do rádio. Tôdas as artistas de cartaz possuem automóvel, havendo dentre elas muitas que guiam de forma excepcional como Marilena Alves, com quem viajamos constantemente; Marlene e Linda Batista, cuja calma nunca vimos em Luís Gonzaga. Existem outras como Dalva de Oliveira e a seu respeito preferimos andar a pé, e por que não acontece nada com essa gente?...

Há de se convir que todos os indivíduos até hoje vítimas de desastres os sofreram justamente quando se projetavam, quando se revelavam "cartazes", quando atingiam o clímax da glória, parecendo até que os acidentes eram uma consagração. Assim foi Carlos Frias em 1946, o mesmo aconteceu a Manuel Barcelos, que começou a série em 1943. Depois de Barcelos, Amaral Gurgel, que passou a escrever melhor depois que amassou a cabeça num encontro entre seu automóvel e o carro do jogador de futebol Tovar, em 1948, na Glória. Tovar, depois do desastre, desapareceu das canchas enquanto que Gurgel apareceu na Globo como o melhor novelista brasileiro. E se o negócio é tão bom assim, muitos redatores de rádio deviam dar com a cabeça nos postes para melhorar suas produções, pois estão precisados...

LUÍS GONZAGA, BRUNINI E OSVALDO LUÍS

Osvaldo Luís também já sofreu um acidente na Esplanada do Castelo. Ia morrer mas não morreu. Raul Brunini viu seu nome superar nos jornais o noticiário de uma catástrofe de trem que êle próprio tinha irradiado. Luís Gonzaga talvez andasse atrasado com o destino. Seu desastre foi um espetáculo à parte. Êle voou de uma altura de 15 metros, e não estava fazendo nenhuma experiência de pára-quedas. Provou que mesmo sem asas é possível sentir a sensação única do vôo. E não morreu. Estava realmente atrasado com relação ao seu compromisso com o destino, por isso a sua queda foi maior. Aconselhamos aos senhores radialistas que, antes que lhes suceda o mesmo, tratem de amassar as respectivas caras.

UM DESASTRE DESASTRADO

Íamos dizer inicialmente, *de um desastrado*, mas seria ferir um amigo e um princípio. Destacamos o fato porque vem confirmar outro princípio: João Assaf comprou um carro que não tem amortecedores. E' pequeno e feio, muito feio. E' carro para andar a 20 quilômetros no asfalto. Mas João Assaf, cioso de que é preciso um desastre para a consagração, quis provocá-lo. Foi por isso a Maria Madalena, de onde é filho. Pisou na tábua. O carro obedeceu. Assaf esperou. Esperou e aconteceu metade da coisa. Numa derrapada sensacional seu carro virou três cambalhotas completas, dando tempo para desligar a gasolina, o que prova que o rapaz teve a sensação de estar voando (e que o carro

(Cont. na pág. 40)



CARLOS FRIAS num dos primeiros instantâneos feitos após o desastre da Gávea. Depois submeteu-se a uma intervenção de cirurgia plástica e a cicatriz do queixo desapareceu.



DEPOIS DE acidentado Raul Brunini foi convalescer no interior de São Paulo. E aqui o vemos em companhia de seu pai. Agora Brunini deu para usar chapéu. Melhorou muito!

LAUREANO — O QUE NÃO



O FÉRETRO é retirado da Igreja da Candelária. O Dr. Mário Kroeff que se mostrou além de bom médico, bom amigo, segura na alça do caixão. À direita, pega o Sr. Isaac Laureano, irmão do médico.



INCONSOLÁVEL, D. Teófila não se afasta do caixão de seu filho. Ao seu lado, o Dr. Mário Kroeff, que foi dedicado.

serviços de assistência médico-social da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, onde fundou, à sua custa, um pequeno ambulatório a serviço da indigência.

Fêz um curso de anatomia patológia no Serviço Nacional de Câncer, na Capital da República, em 1949, com estágio na Santa Casa de Misericórdia; na mesma época, fêz o curso de psicologia médica, ministrado pelo professor Mira y Lopez. Adoeceu em junho de 1950, vitimado por linfosarcoma. A 16 de janeiro de 1951 foi aos Estados Unidos, a fim de submeter-se a tratamento especializado, sendo que essa viagem foi realizada com numerário adquirido por subscrição organizada por seus amigos particulares e atendida pela população paraibana. Após ser submetido a exame e tratamento, no Memorial Hospital de Nova Iorque, pelas maiores sumidades em cancerologia, foi verificada a impossibilidade de sua cura. Regressou ao Brasil a 6 de março, último disposto a servir como propaganda viva contra o câncer. Foi de pronto atendido e assistido em sua cruzada pelos poderes públicos



EM SEGUIDA, a viúva deixa aquêle templo, acompanhando os restos mortais de seu marido. Seguem-na pessoas amigas e o presidente da Fundação Laureano, que se vê à direita.



O FÉRETRO chega ao aeroporto Santos Dumont. Embora fôsse muito cedo, 6,40 da manhã, uma multidão já aguardava ali a chegada do corpo. Compareceram também o ministro da Educação e Saúde, Dr. Simões Filho, o major Caio Miranda, diretor da Agência Nacional, deputado Janduí Carneiro, senador Rui Carneiro e muitas outras personalidades de destaque.

MORREU



D. MARCINA retirou as fitas das coroas enviadas ao seu marido como última homenagem e levou-as para a Paraíba.



A ESQUERDA, o Sr. Pompeu de Sousa, presidente da Fundação Laureano; ao centro, a viúva, D. Marcina e à direita, o major Caio Miranda. Aparecem ainda senadores, deputados e jornalistas, bem como sargentos da aeronáutica.

e pela massa popular. Idealizou a *Fundação Laureano* destinada ao diagnóstico e ao tratamento do câncer. Viu sua obra se avultar com a colaboração do povo e com o auxílio financeiro doado por integrantes de tôdas as classes sociais, assim como o de entidades comerciais, industriais, etc... Seu tratamento médico foi realizado no Serviço Nacional do Câncer.

Publicou os seguintes trabalhos: "Um caso de secção total do tendão de Aquiles"; "Um caso de linfosarcoma do intestino delgado" e Correção de um defeito maxilo-facial".

Escreveu uma série de 15 artigos jornalísticos sôbre o problema do câncer no Brasil e outra série de tema clínico-cirúrgico. Foi distinguido com a Medalha de Honra ao Mérito, concedida pela Standard Oil Company of Brazil.

E' casado com a sra. Marcina Sampaio de Melo Laureano e possui uma filha menor, Maria do Socorro de Melo Laureano.

Esta a biografia dêsse homem que, embora tenha desaparecido da terra, continua vivo no coração de todos.



O FÉRETRO é colocado no avião por soldados da aeronáutica. Em seguida embarcaram a viúva, a mãe e os irmãos do Dr. Laureano. Seguiu também o presidente da Fundação, pessoas amigas e jornalistas.



ASSIM que o coche fúnebre afastou-se, o avião levantou vôo, levando os restos mortais do Dr. Laureano e os membros de sua família. Muitos dos presentes choraram. Outros ficaram acenando com a mão como que dando o último adeus ao médico-mártir, que continuará vivo no coração de todos, pois, como tivemos ocasião de dizer «Passam os homens... ficam as ações».

NESTE NÚMERO:

REPORTAGENS

Laureano — o que não morreu (Abdias Rodrigues)	3/7 e 48/49
Os maravilhosos palácios do Irã	11/13
No reino da cegonha (Jorge Lyra)	16/20
Vaso ruim não quebra (Vinícius de Lima)	46/47

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys)	14/15
Sala Fechada (Péricles Leal)	21
Guerra Junqueiro na Universidade de Coimbra (Wenceslau Rosa)	22/23
O Jôgo (Bruno Favel)	29
Das memórias de Orfeo (Lyse)	34
Crônicas de Pulador (Thereza de Almeida)	50

CURIOSIDADE

Uma celebridade canina	24/27

HUMORISMO

Êste mundo e o outro (Darcy)	10
Nem cara... Nem coroa (Nicodemus)	20 e 28

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista	8
Personagem da Semana	8
Puxe pelo cérebro	9
Palavras-Cruzadas	32
Tudo isto aconteceu	44/45
Correio da Revista	41

CINEMA

Gráficas de Cinema	30/32

FEMININAS

Sugestões variadas	34/35
Modelos exóticos	36
Variados	37
Week-End na Cozinha	38/39
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	42

FOLHETIM

Lúcia, a amorosa	43

FOTOS

Abdias Rodrigues — Jorge Lyra — Keystone — Vinícius Lima — Avulsas — Arquivo.

ILUSTRADORES

Jerônimo Ribeiro — Oswaldo da Cunha — Rafael.

★

NA CAPA:

Lisa Perry

(Foto Keystone)

CRÔNICAS DE PULADOR

A vila



De longe, de muito longe, ela é apenas uma qualquer mancha escura de árvores e uma pequena pincelada branca destacando-se no meio do amontoado verde-escuro. Depois, quando se chega mais perto compreende-se que a brancura é da tôrre da igreja. Uma igreja de madeira, pobre e pequena, mas que reúne, aos domingos, os bons fiéis que rezam o Padre Nosso com sotaques variados, desde o alemão até o polonês. E há também, por estranho que pareça, os que rezam num brasileiro puro. Bem puro, sim. Dizem:

— Padre Nosso, que **tá** no céu...

. . . .

Então o motorista, espichando o braço e alargando muito o gesto como se quisesse abarcar os campos e o céu, diz, sorridente, mas sem maldade:

— Dona Professôra, isto é o Pulador.

Isto. A igreja, cujo sino não mora na tôrre, de certo porque a tôrre magra não resistiria ao seu pêso e por isso está pendurado, do lado de fora, numa estranha trempe de madeira bruta. A igreja, o punhadinho ralo de casas também de madeira, com roseiras escassas num jardim melancólico todo de terra vermelha, de um vermelhão que dói nos olhos da gente.

Duas ruas se cruzam (claro que são as únicas!). Muito vermelhas, muito poeirentas nos dias de sol. E transformadas num escorregador perigoso nos dias de chuva.

A Rodoviária, e Hotel ao mesmo tempo, fica numa das esquinas principais e tem um enorme cinamomo na frente, em cuja sombra os escassos passageiros costumam esperar o ônibus que sempre chega atrasado.

A outra esquina principal é ocupada pela Venda do Seu Atílio. Uma casa comercial que tem de tudo, desde esporas até lindas chitas para tentar as donas de casa que vão lá para comprar linguiça e sabão. Tem "cana" também. E por que não haveria de ter, se é nisso que o pessoal, que não tem o que fazer, o dia inteiro, afoga seu tédio e, às vêzes, a fome escondida entre os farrapos de andarilho?

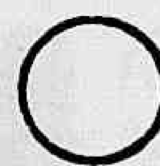
. . . .

A Venda de Seu Atílio é pintada de côr-de-rosa. "Pintada" é o modo de dizer. Falando bem a verdade, ela é despintada até o meio. A gente não consegue compreender bem se ela era côr-de-rosa e começaram a pintar de azul ou se, nos áureos tempos, era azul e agora Seu Atílio começou a pintar de rosa e, por um motivo qualquer que a gente não descobriu, desistiu da pintura e deixou assim mesmo. Ou se tudo isso são diabruras do sol e da chuva.

Há mais uma venda, porém como não está bem situada, isto é, como não teve a sorte de nascer em nenhuma das duas principais esquinas, não tem freguesia selecionada. E' apenas uma venda, sem nome e sem elite. Só vende "cana" e rapadura. Ah! Também vende tamancos.

Mas, n.o há dúvida de que a vida de Pulador gira tôda ali, na redondeza da Rodoviária-Hotel e da Venda de Seu Atílio. E' ali que os ônibus encostam e despejam seus raros passageiros. E' ali que os viajantes descem e abrem suas malas estufadas de amostras, só para tentar a gente que nunca viu tanta coisa linda, nem tanto colar de vidrilho, nem tanto anel, nem tanto vidro de feitio esquisito. E' ali que as mulheres descem, carregadas de embrulhos, cestas, sacos e filhos. E com os maridos atrás, fumando pachorrentamente o seu cigarro de palha.

A descoberta





Ontem choveu. Bàrbaramente. Escandalosamente. Como se o céu, zangado com Pulador, quisesse afogá-lo com tanta água. Só de raiva. Não sei por que. Era até um despropósito tanta água por cima de um vilarejo tão pequeno e tão humilde, que nunca fêz nada de mal para ninguém. E a àgua encharcou. Até mesmo a Venda de Seu Atílio. Olhando por trás dos vidros da janela, vi manchas pretas no alto da Venda, confundidas com o côr-de-rosa da madeira pintada. Olhei bem. E que descoberta! Pois não é que encontrei uma coisa interessante escrita por baixo da tinta? Estava escrito — e Deus que está em tôda a parte, não me deixa mentir! — estava escrito "Saloon". Deus do céu! Até parecia em fita de mocinho. Tive um arrepio. Como se naquele momento fôsse surgir, na rua barrenta e vermelha, uma turba alucinada, montada em cavalos fogosos, dando tiros para o alto e raptando mocinhas indefesas.

Ah! Vovês compreendem mesmo tudo o que quer dizer aquêle "Saloon" escrito no frontispício da Venda e que Seu Atílio, envergonhado, como quem esconde a nudez de um corpo de mulher, mandou cobrir com aquela tinta côr-de-rosa, nojenta, boba, antipática?

Vocês compreendem? Um Saloon em plena cidade brasileira — ainda que com muita mistura Pulador não deixa de ser brasileiríssima — numa cidade da Serra do Rio Grande do Sul, à meia hora de Passo Fundo, Capital do Planalto?

Talvez ninguém compreenda a emoção que tomou conta de mim. Era como se eu estivesse vendo, por trás das paredes da Venda, em outro país, anos atrás, os homens de calças estreitas e botas de saltinho, com revólveres perigosos na cintura, chapelões de abas reviradas e atrevidas, pisando duro e lançando olhares em tôrno, como quem está comprando briga a preço de baratilho, e atraindo mulheres como atrai moscas um prato de doce.

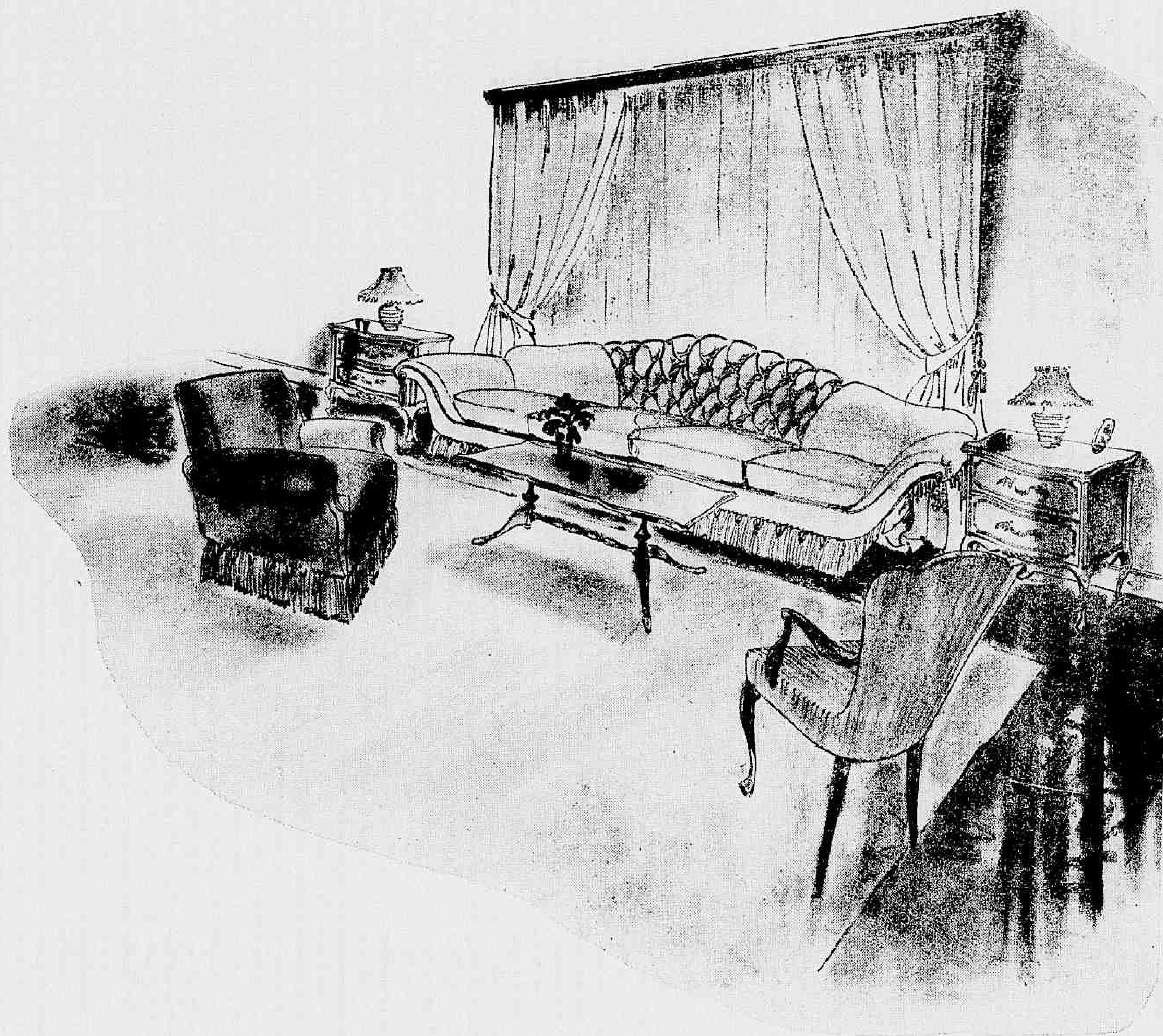
Nessa noite sonhei que o Saloon ainda existia. Que seu Atílio nem era nascido e que, por conseguinte, ninguém ainda havia sentido vergonha daquela palavra escrita com grossas letras negras. Que a palavra ainda existia lá, atrevida, como num convite a todos os valentões e desafiando, com seu botequim barulhento, as casas-famílias de Pulador.

Pobre Saloon! E' agora, também, uma casa-família. Só que com mais movimento. E com uns litros de cachaça pa dia. Nada mais! Seu Atílio é um homem que tem vergonha até das letras, afoitas, serigaitas, que se mostram sob a tinta rosa enquanto dura a umidade da chuva.

Seu Atílio também é um homem-família.

THEREZA DE ALMEIDA

MÓVEIS E DECORAÇÕES



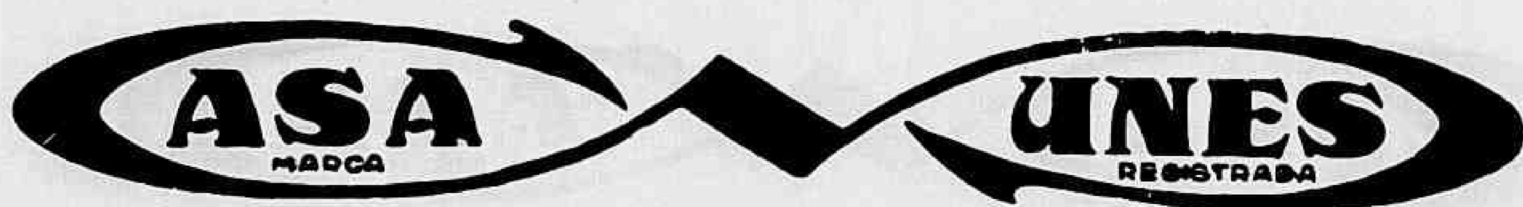
Projeto da CASA NUNES

Grupos Estofados

— especialidade de nossas oficinas prontos para entrega imediata

Tapêtes de Forração

— lisos e com flores — em tôdas as côres e larguras



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto **SOUZA CRUZ**

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

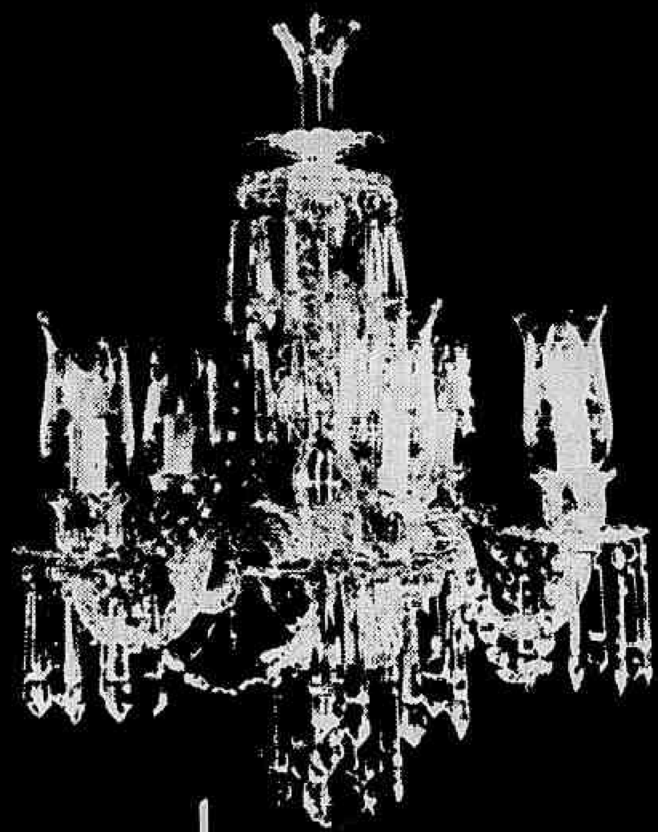
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

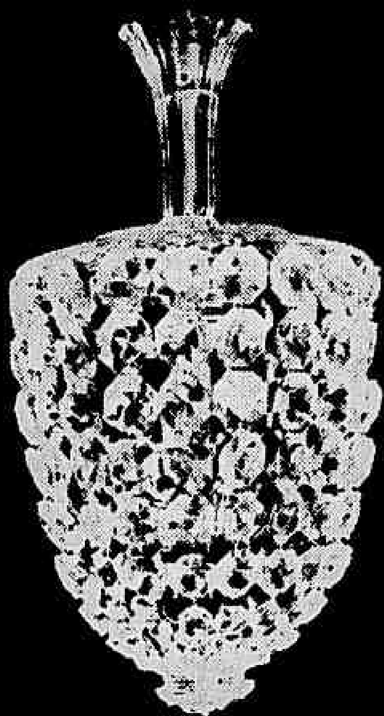
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

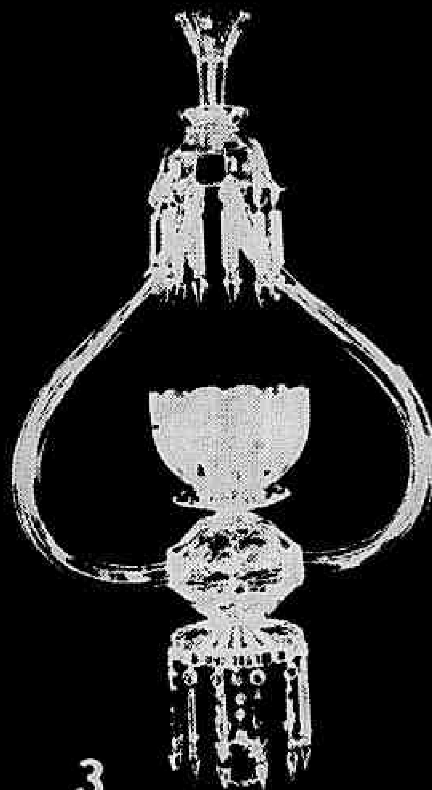
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

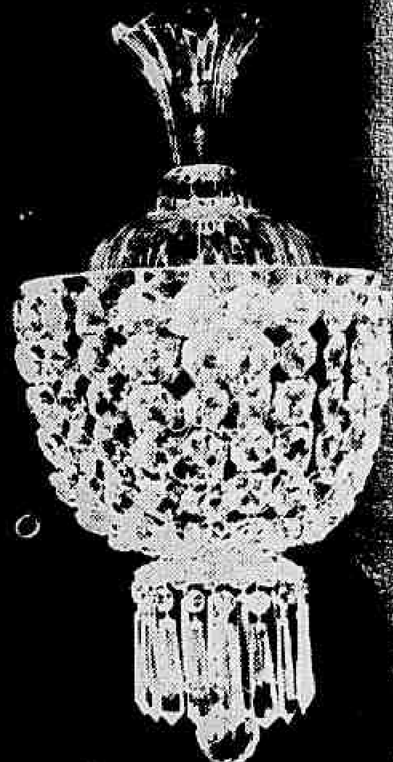
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

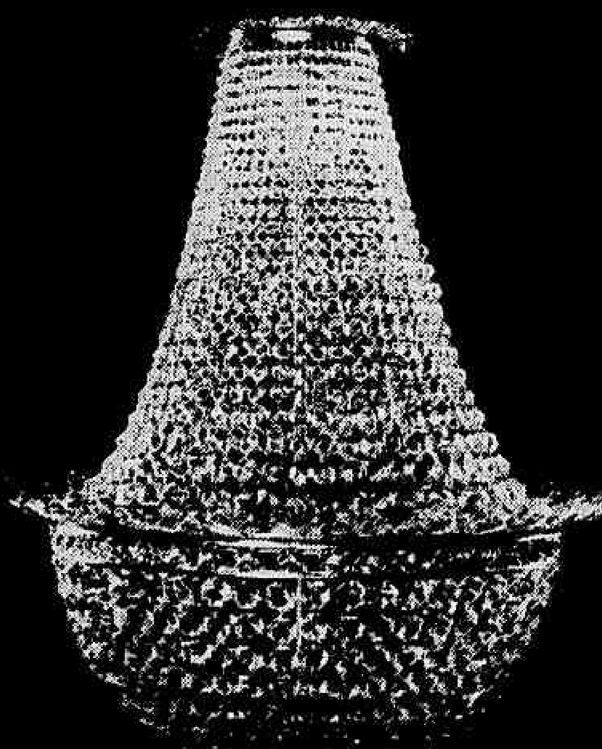

1


2

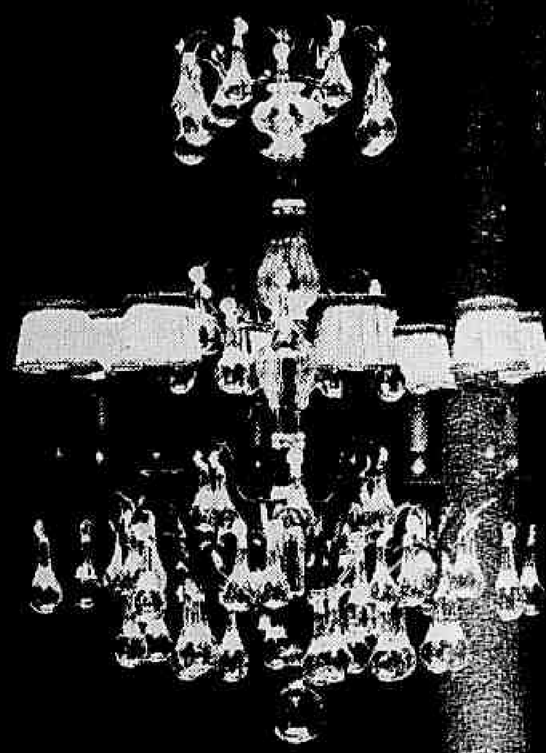

3

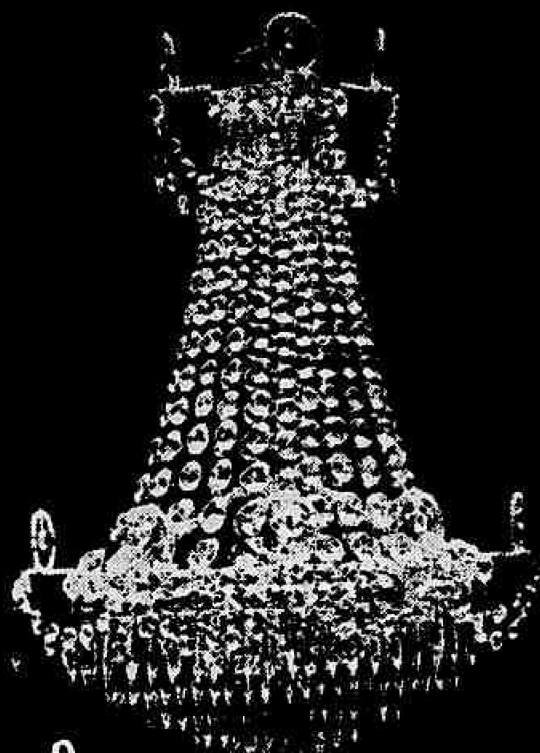

4

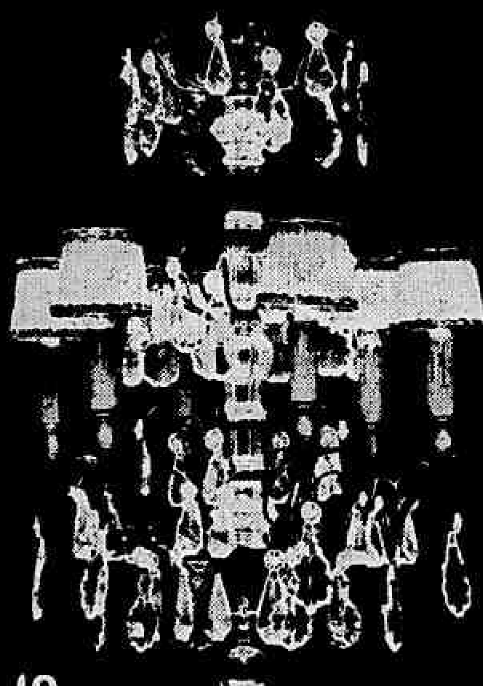

5

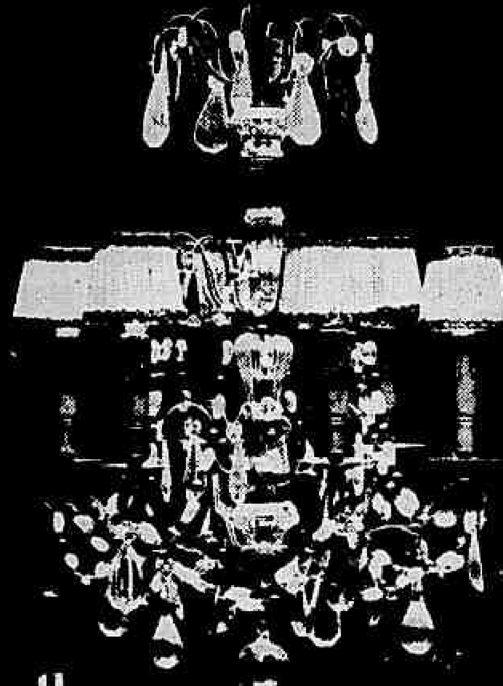

6

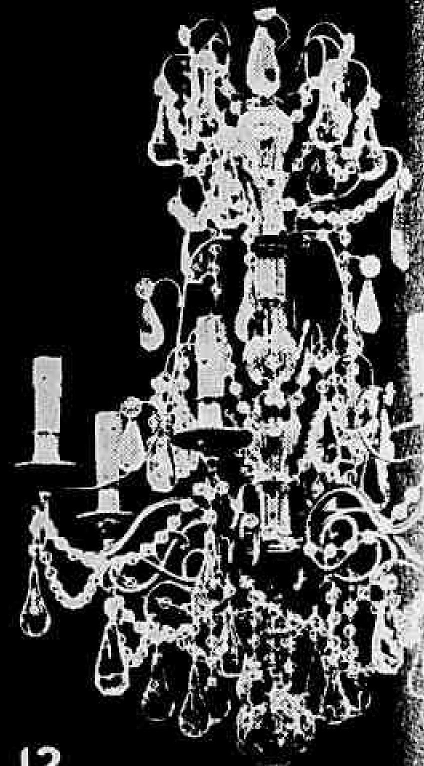

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor preço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.